



Mariana Moreira de Menezes

**As pistas perdidas no Acre de Chico
Mendes -**

**Análise da série de reportagens ambientais
vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Leonel Azevedo de Aguiar
Co-orientadora: Profa. Maria Alice Lima Baroni

Rio de Janeiro
Setembro de 2016



Mariana Moreira de Menezes

**As pistas perdidas no Acre de Chico
Mendes -**

**Análise da série de reportagens ambientais
vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Comunicação Social do Departamento
de Comunicação Social da PUC-Rio. Aprovada pela
Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Leonel Azevedo de Aguiar

Orientador

Departamento de Comunicação Social - PUC-Rio

Prof^a. Maria Alice Lima Baroni

Co-orientadora

Departamento de Comunicação Social - PUC-Rio

Prof^a. Lilian Saback de Sá Moraes

Departamento de Comunicação Social - PUC-Rio

Prof^a. Aline da Silva Novaes

Ibmec

Prof^a. Mônica Herz

Coordenadora Setorial do Centro de Ciências
Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Mariana Moreira de Menezes

Graduou-se em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio) em 2003. Cursou Pós-Graduação em Gestão Estratégica da Comunicação no Instituto de Gestão e Comunicação (IGEC) / Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha). É assessora de comunicação social da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, desde 2008, atuando na Secretaria Municipal de Saúde. Está cursando a Especialização em Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Participa do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais (Tejor) da PUC – Rio.

Ficha Catalográfica

Menezes, Mariana Moreira de

As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes - Análise da série de reportagens ambientais vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo / Mariana Moreira de Menezes ; orientador: Leonel Azevedo de Aguiar ; co-orientadora: Maria Alice Lima Baroni. – 2016.

169 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2016.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Jornalismo ambiental. 3. Amazônia. 4. Prêmio Esso. 5. Zuenir Ventura. 6. Chico Mendes. I. Aguiar, Leonel Azevedo de. II. Baroni, Maria Alice Lima. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. IV. Título.

CDD: 302.23

Para meu bisavô, Francisco Menezes, que saiu do Ceará para ser seringueiro no Acre, onde viveu até os 102 anos, construiu uma história e uma grande família. E para meu avô, Mitônio Menezes, que formou um pedaço da família Menezes no Rio de Janeiro.

Agradecimentos

Ao meu orientador Leonel Azevedo de Aguiar e à minha co-orientadora Maria Alice Lima Baroni por me indicarem a direção e pela parceria durante todo o caminho para a realização deste trabalho.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus colegas de trabalho, em especial, às minhas chefes, Paula Fiorito e Cláudia Ferrari, pelo apoio e incentivo para a realização do mestrado.

Aos amigos do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais (Tejor) da PUC – Rio pelas trocas essenciais para o amadurecimento da pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pelo engajamento na causa, e aos pesquisadores da área. À minha família, pela educação, pelo apoio e pela inspiração para a realização deste trabalho. Em especial aos meus pais, Heloíza e Jackson, e à minha irmã, Manuela, pela paciência e apoio de sempre.

Ao meu namorado, Henrique, pela parceria nos estudos, na profissão e na vida.

Aos meus colegas da PUC-Rio.

Às professoras que participaram da Comissão examinadora.

Aos professores e funcionários do Departamento pelos ensinamentos e pela ajuda.

Resumo

Menezes, Mariana Moreira de; Aguiar, Leonel Azevedo de; Baroni, Maria Alice Lima. **As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes - Análise da série de reportagens ambientais vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo**. Rio de Janeiro, 2016. 169p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho apresenta um levantamento das reportagens com temáticas socioambientais vencedoras da categoria principal do Prêmio Esso de Jornalismo desde sua criação em 1956 até 2015. A partir da Análise de Conteúdo, verificamos quantas reportagens socioambientais foram premiadas, em quais anos ganharam o prêmio, em quais veículos foram publicadas, quais histórias contavam e com quais estratégias narrativas. Dentro desse recorte, a vencedora de 1989, *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes*, série de reportagens de Zuenir Ventura, publicadas no *Jornal do Brasil*, será analisada à luz da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2005), que propõe o estudo das narrativas como estratégias organizadoras do discurso jornalístico. A partir da premissa de que os meios de comunicação são dispositivos de construção social da realidade, a pesquisa visa contribuir para a teoria do jornalismo.

Palavras-chave

Jornalismo ambiental; livro-reportagem; Prêmio Esso; Zuenir Ventura, Chico Mendes; Amazônia.

Abstract

Menezes, Mariana Moreira de; Aguiar, Leonel Azevedo de (Advisor); Baroni, Maria Alice Lima (Co-advisor). **The lost tracks in Chico Mendes' Acre: An analysis of the Esso Journalism Award-winning series for environmental reporting.** Rio de Janeiro, 2016. 169p. MSc. Dissertation – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study maps excellence in environmental reporting in the principal category of the Esso Journalism Award, from the year of the creation of the award, being 1956, up until 2015. Based on content analysis, we can determine how many news articles were awarded, in which years, from which organizations, and their stories and narrative strategies. Within this scope, the award-winning series of articles by Zuenir Ventura, *The lost tracks in Chico Mendes' Acre*, published in *Jornal do Brasil*, will be analyzed. Drawing inspiration from Motta's *Pragmatic Analysis of Journalistic Narrative*, which understands narratives as organized strategies in the journalistic discourse, this research aims to contribute to journalism theory.

Keywords

Environmental journalism; non-fiction novel; Esso journalismaward;Zuenir Ventura; Chico Mendes;Amazon.

Sumário

1. Introdução	12
2. Jornalismo e Meio Ambiente	17
2.1. Pesquisas sobre sociedade e meio ambiente	17
2.1.2. Breve história do jornalismo ambiental	22
2.1.3. Breve história do jornalismo ambiental no Brasil	29
2.1.4. Conceito de meio ambiente e de Jornalismo Ambiental	39
2.2. A principal premiação de jornalismo do país	44
2.2.1. A primeira e a última premiação	48
3. Estudos sobre jornalismo ambiental	52
3.1. Estudos sobre prêmios em Jornalismo	53
3.2. Análise das reportagens premiadas	55
3.3. Jornalismo Literário	58
3.4. Livro-reportagem – fronteira jornalístico-literária	64
3.5. Estudos sobre Chico Mendes - Crime e Castigo	66
4. Descrição do estudo	69
4.1. Metodologia	69
4.2. Prêmio Esso e Jornalismo Ambiental	72
4.3. As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes	77
4.3.1. Primeiro Movimento: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico	77
4.3.2. Segundo Movimento: identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios	79

4.3.3. Terceiro Movimento: a construção de personagens jornalísticas (discursivas)	125
4.3.4. Quarto Movimento: Estratégias comunicativas	135
4.3.4.1. Estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real	137
4.3.4.2. Estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos	139
4.3.5. Quinto Movimento: A relação comunicativa e o “contrato cognitivo”	143
4.3.6. Sexto Movimento: Metanarrativas - significados de fundo moral ou fábula da história	147
4.4. Chico Mendes - Crime e Castigo	150
5. Considerações Finais	157
6. Referências bibliográficas	163

Lista de figuras e tabelas

Tabela 1 - Reportagens sociais vencedoras do Prêmio Principal	56
Tabela 2 - Reportagens socioambientais vencedoras do Prêmio Principal	74
Tabela 3 – Relação de reportagens que formam a série	79
Tabela 4 – Personagens de O Acre de Chico Mendes I	126
Tabela 5 – Personagens de O Acre de Chico Mendes II	126
Tabela 6 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – III	127
Tabela 7 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – IV	127
Tabela 8 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – V	127
Tabela 9 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – VI	129
Tabela 10 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – VII	130
Tabela 11 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – VIII	131
Tabela 12 – Personagens de O Acre de Chico Mendes - Final	133
Tabela 13 - Fotos	146
Figura 1 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes I	81
Figura 2 – Detalhe da chamada de O Acre de Chico Mendes I	82
Figura 3 – O Acre de Chico Mendes I	83
Figura 4 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes II	88
Figura 5 – Detalhe da chamada de capa de O Acre de Chico Mendes II	89
Figura 6– O Acre de Chico Mendes II	90
Figura 7 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes III	93
Figura 8 – Detalhe da chamada de capa de O Acre de Chico Mendes III	94
Figura 9 – O Acre de Chico Mendes III	95

Figura 10 – Detalhe da chamada de capa de O Acre de Chico Mendes IV	98
Figura 11 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes IV	99
Figura 12 – O Acre de Chico Mendes IV	100
Figura 13 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes V	103
Figura 14 – O Acre de Chico Mendes V	104
Figura 15 – O Acre de Chico Mendes VI	108
Figura 16 – O Acre de Chico Mendes VII	111
Figura 17 – Detalhe da chamada de capa de O Acre de Chico Mendes VIII	115
Figura 18 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes VIII	116
Figura 19 – O Acre de Chico Mendes VIII	117
Figura 20 – O Acre de Chico Mendes Final	120

Introdução

Às 18h45 de 22 de dezembro de 1988, o estampido de um tiro no meio da Amazônia ecoou por todo o mundo (COTES, 2003)

A proposta deste trabalho é fazer um levantamento das reportagens com temáticas socioambientais vencedoras da categoria principal do Prêmio Essode Jornalismo desde sua criação em 1956 até 2015. Verificar, a partir da Análise de Conteúdo, quantas reportagens socioambientais foram premiadas, em quais anos ganharam o prêmio, em quais veículos foram publicadas, quais histórias contavam, com quais estratégias narrativas. A escolha de reportagens premiadas objetiva trabalhar com bons exemplos de cobertura ambiental no país para descrever as melhores práticas jornalísticas. Além disso, visa examinar as representações sobre interesse público pela comunidade dos jornalistas, já que os jurados fazem parte da mídia nacional.

Dentro desse recorte, a vencedora de 1989, *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes*, série de reportagens de Zuenir Ventura, publicadas no *Jornal do Brasil*, será analisada à luz da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2005), que propõe o estudo das narrativas como estratégias organizadoras do discurso jornalístico. A metodologia em questão sugere a análise da construção de significados através da reconfiguração do acontecimento jornalístico, seus conflitos, episódios funcionais, personagens, estratégias de objetivação e subjetivação e do contato entre jornalistas e audiência. Para Motta, o jornalista não é imparcial ou ingênuo, mas faz uso de recursos linguísticos para produzir os efeitos desejados, a partir de uma retórica jornalística.

Estudar as narrativas jornalísticas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos linguísticos e extralinguísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos (o efeito de real ou os efeitos poéticos). Neste sentido, afirmamos que o jornalismo é uma linguagem argumentativa e não há um estilo jornalístico, mas sim uma retórica jornalística. Quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística. (MOTTA, 2005, p.9)

A série de reportagens, resultado de quase dois meses de apuração, revela um quadro de incompetência, desinteresse e cumplicidade das autoridades encarregadas de prender os assassinos do líder seringueiro Chico Mendes, militante de organizações ecológicas e defensor da preservação da Amazônia, da qual era considerado um símbolo. As pistas levantadas pelo repórter contribuíram para que o processo admitisse novas evidências não descobertas pela investigação policial, como a presença de poderosos mandantes do crime.

A partir da premissa de que os meios de comunicação são dispositivos de construção social da realidade, a pesquisa visa contribuir para a teoria do jornalismo. Busca refletir sobre os estudos do jornalismo, com destaque para as conceituações de notícias como construção discursiva e as rotinas produtivas que envolvem a comunidade interpretativa dos jornalistas.

No segundo capítulo falamos sobre a importância social da reportagem ambiental em um país cuja temática ainda é uma novidade para muitas pessoas, como apontam pesquisas já realizadas (MMA, 1992 – 1997 – 2001 – 2006 – 2012). Vamos comparar os dados das pesquisas nacionais com dados de pesquisas realizadas com cidadãos europeus (EUROBARÔMETRO, 2014) para uma breve análise da conscientização popular em relação às questões ambientais em cenários em que o jornalismo ambiental já está consolidado há mais tempo e no Brasil, onde o gênero ainda busca e disputa seu espaço. A divulgação de notícias de qualidade ajuda a levar o conhecimento das questões ambientais para a população, que muda a percepção sobre o tema ao longo dos anos. Mostraremos ainda momentos importantes do jornalismo ambiental no Brasil e no mundo. A história do Jornalismo Ambiental aponta possíveis razões para cidadãos de países desenvolvidos terem mais engajamento nas questões ambientais, em comparação aos brasileiros. As diferenças aparecem também no desempenho e valorização de jornalistas e pesquisadores do tema. Apresentaremos algumas entidades nacionais e internacionais de jornalismo ambiental.

Dando continuidade à revisão bibliográfica, na seção seguinte, apresentaremos alguns conceitos de meio ambiente e de jornalismo ambiental. Para que possamos compartilhar da mesma percepção de Meio Ambiente, neste trabalho vamos assumir o conceito de Bueno (2007, p. 35): é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida

em todas as suas formas. O meio ambiente não se limita ao chamado meio físico ou biológico, mas inclui as interações sociais, a cultura e manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana. Para Bacchetta (*apud* GIRARDI et al, 2006, p. 2), seguindo essa definição de meio ambiente, o jornalismo ambiental é um dos gêneros mais amplos e complexos do jornalismo.

Em seguida, falaremos sobre o Prêmio Esso de Jornalismo, contando brevemente sua história. Criado em 1955, completou 60 anos no ano passado, em 2015. Inicialmente levava o nome de "Prêmio Esso de Reportagem", passou posteriormente a denominar-se "Prêmio Esso de Jornalismo" e, atualmente, "Prêmio ExxonMobil de Jornalismo". Apresentaremos as categorias e premiações, as formas de inscrições e a escolha e composição do júri. Contaremos ainda um pouco da história da Esso Brasileira de Petróleo, dando destaque para a primeira e a última premiação realizada. Finalizaremos a seção falando sobre outras premiações nacionais de jornalismo ambiental, como o Prêmio de Jornalismo – Socioambiental, Cidadania e Sustentabilidade e o Prêmio José Lutzenberger de Jornalismo Ambiental.

No terceiro capítulo falaremos sobre estudos sobre jornalismo ambiental e estudos sobre prêmios em jornalismo. Cassol (1997), Magno (2006) e Castilho (2009), ao abordarem o Prêmio Esso de Jornalismo, se dedicaram a investigar uma premiação que validava a modalidade de Jornalismo Investigativo, com todos os preceitos inerentes ao referencial de objetividade. Daremos destaque para pesquisa de Ana Beatriz Magno (2005), que analisou as reportagens vencedoras do Prêmio Esso desde sua criação em 1956 até 2005.

A seção seguinte será sobre o Jornalismo Literário e sobre o Novo Jornalismo, corrente jornalística que teve alta visibilidade nos Estados Unidos dos anos 1960. A série de reportagens *O Acre de Chico Mendes* tem uma estrutura narrativa que faz lembrar o caráter literário das grandes reportagens do *new journalism*, expressão que passou a ser utilizada para classificar a tendência de se introduzir técnicas ficcionais na descrição de fatos reais (MOURA, 2007).

Em seguida falaremos sobre o livro-reportagem, no qual a fronteira entre o jornalismo e a literatura pode ser ainda mais sutil, prolongando o ciclo de existência dos acontecimentos, veiculados inicialmente pela imprensa periódica, levando informação ampliada, com maior variedade temática em relação aos periódicos. Também apresentaremos alguns estudos sobre o livro de Zuenir

Ventura fruto da série de reportagens *O Acre de Chico Mendes* publicada no *Jornal do Brasil*, vencedora do Prêmio Esso de 1989, *Chico Mendes - Crime e Castigo*, publicado quinze anos depois.

No quarto capítulo será feita a descrição do estudo com a apresentação e justificativa das metodologias escolhidas: Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) e Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2005). Também falaremos mais especificamente sobre o Jornalismo Ambiental na história do Prêmio ExxonMobil de Jornalismo, listando as reportagens vencedoras da premiação principal com enfoque socioambiental.

A partir da Análise de Conteúdo, serão apresentadas as reportagens socioambientais premiadas, em quais anos, em quais veículos foram publicadas e quais histórias contavam. Dentro desse recorte, a vencedora de 1989, *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes*, série de reportagens de Zuenir Ventura, publicadas no *Jornal do Brasil*, será analisada à luz da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2005), que propõe o estudo das narrativas como estratégias organizadoras do discurso jornalístico. Apresentaremos o resultado da aplicação dos seis movimentos propostos pela metodologia na série de reportagens, com análise de cada uma, confecção de tabelas, levantamento de personagens e destaque para traços da narrativa.

Na próxima seção, falaremos sobre o livro de Zuenir Ventura, *Chico Mendes - Crime e Castigo*, originado a partir da série de reportagens. Após quinze anos da morte de Chico Mendes, a Companhia das Letras tomou a iniciativa de transformar as reportagens em livro. A partir daí, foram feitas pesquisas para descobrir o que tinha acontecido aos personagens e o resultado é uma obra dividida em três momentos: O crime, com as reportagens feitas na primeira viagem de Ventura ao Acre, poucos dias após o assassinato; O castigo, com a série de textos escritos durante o julgamento dos principais acusados, Darly e Darci Alves; Quinze anos depois, quando o jornalista revive o percurso que tinha feito anos atrás para finalizar as histórias dos personagens principais e averiguar o que restou na memória e na atitude dessas pessoas.

Nesse contexto, é relevante pensar o modo como os problemas relacionados à questão ambiental têm afetado de forma crescente a vida das pessoas, mas até que ponto a necessidade de se pensar um futuro ambientalmente sustentável está claro para todos? No próximo capítulo vamos falar ainda sobre a

importância das boas reportagens sobre meio ambiente, principalmente no Brasil, onde as questões ambientais ainda geram dúvidas e não são conhecidas ou relevantes para grande parte da população.

2

Jornalismo e Meio Ambiente

Neste capítulo começaremos falando sobre a importância social da reportagem ambiental no Brasil, onde esse assunto ainda é uma novidade para muitas pessoas, como apontam pesquisas nacionais (MMA, 1992 – 1997 – 2001 – 2006 – 2012) comparadas aos dados de pesquisas internacionais (EUROBARÔMETRO, 2014). Faremos uma breve análise da conscientização popular em relação às questões ambientais em cenários em que o jornalismo ambiental já está consolidado há mais tempo e no Brasil, onde o gênero ainda busca e disputa seu espaço. Em seguida, falaremos da história do Jornalismo Ambiental mostrando importantes momentos no Brasil e no mundo, apresentando também entidades nacionais e internacionais dedicadas ao gênero.

Dando continuidade à revisão bibliográfica, apresentaremos conceitos de meio ambiente e de jornalismo ambiental, falaremos sobre o Prêmio ExxonMobil de Jornalismo, além de outras premiações nacionais de jornalismo ambiental. Na seção seguinte falaremos sobre estudos em jornalismo ambiental e sobre prêmios em jornalismo. Também apresentaremos estudos sobre o livro de Zuenir Ventura fruto da série de reportagens *O Acre de Chico Mendes* publicada no *Jornal do Brasil*, vencedora do Prêmio Esso de 1989, *Chico Mendes - Crime e Castigo*.

2.1

Pesquisas sobre sociedade e meio ambiente

De acordo com a quinta edição da pesquisa “O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável” divulgada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) em 16 de agosto de 2012, o meio ambiente é identificado pelos brasileiros como o sexto maior problema do Brasil. Na primeira pesquisa, em 1992, o tema ainda não figurava em uma lista dos dez maiores problemas. Na segunda pesquisa em 1997, ele aparecia em 11º lugar. Nas edições da pesquisa realizadas em 2001 e 2006, “meio ambiente” ainda não figurava entre os dez problemas mais citados. Desse modo, pode-se apontar que a percepção do “meio ambiente” como um dos principais problemas do país é uma tendência

recente. Vale ressaltar que no ano em que foi divulgada a última pesquisa, o país sediou a Rio+20 em 2012 com maior divulgação da temática ambiental.

Nesta última edição, feita a partir de estudo representativo da população brasileira adulta (a partir de 16 anos), das áreas urbanas e rurais de todas as regiões do país, o estudo oferece um panorama comparativo de 20 anos. Foram realizadas 2.201 entrevistas. A amostra foi estratificada por condição de trabalho, sexo e idade. Os resultados mostram uma evolução significativa na consciência ambiental dos brasileiros. O grande indicador dessa transformação positiva está na diferença do número de pessoas que sabiam mencionar espontaneamente um problema ambiental no Brasil, na sua cidade ou no seu bairro: em 1992, 47% dos entrevistados não sabiam identificar nenhum problema ambiental e, em 2012, 20 anos depois, esse número caiu para 11%.

A noção acerca do conceito de meio ambiente também é cada vez mais ampliada e os brasileiros tendem a sofisticar suas análises de problemas como lixo, saneamento e outras questões urbanas. Antes os problemas ambientais eram pensados como apenas danosos àquilo que estava distante dos centros urbanos, como grandes áreas verdes isoladas, hoje são encontradas relações diretas desses temas com o bem estar individual e a vida em comunidade. As pesquisas mais recentes mostram que os brasileiros conhecem conceitos relativos à sustentabilidade, usando-os em seu repertório. Uma das razões seria a divulgação da temática ambiental pela mídia, trazendo esses conceitos para o dia a dia.

É possível observar que conceitos sofisticados como ‘desenvolvimento sustentável’, ‘consumo sustentável’ ou ‘biodiversidade’ já fazem parte do repertório de muitos brasileiros. Além do mais, pode-se inferir que esse percentual tende a evoluir à medida que as mídias televisiva e online (meios entendidos como predominantes na busca de informação) vêm dando mais espaço ao tema, traduzindo para o dia a dia a aplicação de tais conceitos. Por outro lado, a aparente pouca percepção sobre as ações do empresariado nacional e o pouco conhecimento sobre o que vem a ser uma ‘empresa cidadã’ denotam problemas de comunicação e transmissão de informação destes aspectos. Desde o início da década de 90, as empresas tendem a ser o segmento avaliado de forma mais negativa pela população. (MMA, 2012, p.9)

Ainda assim, mais da metade da população brasileira (53%) ainda não conhece o significado do conceito “desenvolvimento sustentável” (não ouviu falar). Entre os 47% dos que conheciam, apenas ¼ definiu-o como “cuidar do meio ambiente, das pessoas e da economia do país ao mesmo tempo”. A opção

mais apontada foi a que relaciona desenvolvimento sustentável a não destruição dos recursos naturais.

Praticamente 100% da população brasileira considera importante o “cuidado/proteção” do meio ambiente, destacando a concepção de que esse cuidado é necessário à nossa sobrevivência (65%) e para um futuro melhor para a humanidade (15%). Entretanto, concepções mais sofisticadas começam a emergir na consciência dos brasileiros: espontaneamente, 8% enfatizaram a necessidade de conservação dos ambientes naturais para evitar a extinção de animais e plantas; 4% mencionaram a necessidade de se prevenir catástrofes e a necessidade de expressarmos nossas responsabilidades em uma visão “socioambiental” (1%).

Para os brasileiros, “desmatamento de florestas” é o principal problema ambiental do mundo e do Brasil no momento. Essa percepção persiste ao longo de toda a série: há 20 anos a população considera o desmatamento o principal problema do Brasil, com percentuais que variaram, ao longo da série de 46% a 67%. O problema sempre aparece relacionado ao problema das queimadas. Entidades ecológicas, meios de comunicação e cientistas são bem avaliados pela população brasileira quanto à sua atuação em prol do meio ambiente: 41% para entidades ecológicas e 35% para meios de comunicação e cientistas, empatados em uma questão que permitia apenas uma opção, em 2012. Quanto ao nível de informação sobre meio ambiente e ecologia, nas edições de 2001 e 2006 os percentuais de boa informação (somando “bem informado” e “muito bem informado”) são os mais altos da série, respectivamente 16 e 17%. Tais percentuais superaram o observado em 2012, que foi de aproximadamente 14%.

Ao longo de toda série analisada, a maioria da população se diz mais ou menos informada. A maioria da população brasileira busca informação pela televisão (83%) e admite ser pouco informada sobre assuntos referentes ao meio ambiente e à ecologia, segundo a edição de 2012. Vale destacar o peso que a Internet vem ganhando no cotidiano de busca de informação dos brasileiros, aparecendo como segundo meio mais utilizado para tal objetivo (quase 30%). Outros meios de comunicação mais utilizados para busca de informações sobre meio ambiente são os jornais e o rádio (29% e 27% respectivamente). (MMA, 2012, p.41)

Já na Europa, onde a preocupação com o meio ambiente começou há mais tempo, estatísticas demonstram que os cidadãos europeus em geral acompanham as questões ambientais e se preocupam com os problemas ecológicos. Dados do Eurobarômetro (2014) confirmam que o ambiente está à frente das preocupações

dos europeus, como o desemprego, o crime e a pobreza, questões que são bem menos problemáticas nos países da União Europeia. A proteção ambiental e a luta contra a poluição são problemas que exigem medidas imediatas para 54% dos europeus. A Agência Europeia do Ambiente estima que 55% dos europeus acompanham as questões ambientais principalmente pela mídia. A pesquisa foi realizada pela TNS *Opinion & Social network* nos 28 Estados-Membros da União Europeia (EU), entre 26 de abril e 11 de maio de 2014, três anos após a anterior. Os 27.998 participantes de diferentes grupos sociais e demográficos foram entrevistados em nome da Direção-Geral do Ambiente.

A pesquisa do Eurobarômetro (2014) mostra que a preocupação com o meio ambiente não diminuiu com o tempo. Os moradores da EU se preocupam principalmente com a poluição do ar e da água, a quantidade de lixo que é gerado e o esgotamento dos recursos naturais. O impacto de produtos químicos utilizados na vida cotidiana sobre a saúde também é uma fonte de grande preocupação. Problemas como a perda de espécies e desmatamento - mesmo em lugares muito distantes da Europa - continuam a ser os grandes problemas para muitos cidadãos dos Estados-Membros da UE.

A crise financeira não reduziu o foco dos cidadãos europeus sobre as questões ambientais. Na verdade, a utilização dos recursos de forma mais eficiente para os custos e para o ambiente se tornou ainda mais importante. Para ajudar a resolver os problemas ambientais enfrentados pela Europa e pelo mundo, a estratégia Europa 2020 da UE tem um compromisso com a sustentabilidade, com transição para uma baixa emissão de carbono.

Para os europeus, os cientistas, as agências de proteção ambiental e de televisão são as fontes mais confiáveis de informação ambiental. Quatro em cada dez entrevistados dizem confiar nos cientistas (40%), associações de proteção do ambiente (37%) e televisão (34%). Pouco menos de um quinto confiam em jornais (19%), associações de consumidores (18%) e na Internet (18%). Mais de um décimo dos europeus também expressam confiança em organizações internacionais (13%), no rádio (12%), em professores (12%) e parentes ou amigos (10%). No entanto, poucas pessoas confiam em revistas (8%), na UE (7%), no governo regional ou local (6%), nos partidos políticos pró-ambientais (6%), no governo nacional (6%), nos meios de comunicação social (6%), sindicatos (3%) ou nas empresas (2%).

Os cientistas são a fonte mais confiável de informações em 18 Estados-Membros, agências de proteção ambiental são a fonte mais confiável em três países (Áustria, Alemanha e Eslovénia), e a televisão é a fonte mais confiável nos demais sete países (Bulgária, Hungria, Itália, Polónia, Portugal, Roménia e Eslováquia). Em três, mais da metade dos entrevistados confia na informação ambiental que vêm na TV: Romênia (61%), Portugal (60%) e Bulgária (56%). Em contraste, só um quarto das pessoas confiam em informações provenientes dessa fonte, na Croácia, Dinamarca, Luxemburgo e Espanha (todos 25%).

Os dados sócio-demográficos mostram que a idade e a educação são uma vez mais variáveis importantes. Os entrevistados mais velhos são mais propensos a confiarem nos meios de comunicação tradicionais, como a televisão (40% vs. 26% dos 15-24 anos de idade) e jornais (22% vs. 15%), mas jovens de 15-24 anos são mais propensos do que os com 55 anos e mais para confiar em cientistas (44% vs. 35%) ou na Internet (25% vs. 10%). Os entrevistados que terminaram os seus estudos com 20 anos ou mais são muito mais propensos a confiar em agências de proteção ambiental (45% vs. 27%) e cientistas (51% vs. 25%) do que aqueles que deixaram a escola com 15 anos ou abaixo. As pessoas no último grupo são mais propensas a confiar em informações obtidas a partir da televisão (47% vs. 25%).

Hoje, os grandes grupos de comunicação do Brasil sabem que não podem ignorar a questão ambiental, até por uma questão comercial, portanto fazem concessões, abrindo espaço para o tema. No entanto, o jornalismo ambiental permanece com status marginal. Quando um jornalista se especializa e começa a discutir questões ecológicas e a denunciar empresas poluidoras ainda é tachado de ecochato. Em *Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da sustentabilidade*, Girardi et al (2006) afirmam que a comunicação sobre ambiente se tornou mais eficaz nos últimos anos, possivelmente, porque os problemas relacionados à questão ambiental têm afetado de forma crescente a vida das pessoas. Os autores defendem que para a visão ambiental se incorporar ao jornalismo, essa não pode se limitar às notícias factuais. As reflexões sobre o tema meio ambiente devem fazer parte da rotina das tarefas jornalísticas.

Para que a visão ambiental se incorpore ao jornalismo, é necessário não se limitar à factualidade ou em aspectos específicos. Deve-se, sim, apontar um sentido ou significado mais amplo, oferecendo elementos para a compreensão do acontecimento ou tema para além do vender informação. Sendo assim, entendemos que o assunto meio ambiente não deve ganhar espaço

esporadicamente, nem estar presente apenas em função de acontecimentos normais ou “gerados” pelos atores sociais. Apontamos, sim, para a tarefa da mídia de colocar a reflexão ambiental como ponto fundamental da rotina jornalística. (GIRARDI et al, 2006, p.8)

O jornalismo ambiental imprime sobre o jornalismo diário, a tarefa de olhar o mundo com os “óculos” ambientais, identificando todos os lados do acontecimento. Como ressalta Aguiar, Bourdieu já afirmou que os jornalistas possuem “óculos especiais” através dos quais vêem certos acontecimentos e não outros – “e vêem de certas maneiras as coisas que vêem” (BOURDIEU *apud* AGUIAR, 2006, p.82). Embora todo jornalismo devesse olhar os acontecimentos na sua complexidade, o jornalismo ambiental se preocupa mais em ter esse olhar mais atento e demorado por abordar temáticas que vão além do tempo do jornalismo diário factual e podem envolver diversas editorias.

Esses ‘óculos’ – uma metáfora utilizada por Bourdieu para tratar das estruturas lógicas de organização das visibilidades – são os valores-notícia, através dos quais os jornalistas operam a seleção e construção narrativa dos acontecimentos que lhes são visíveis e que se tornam possíveis de serem selecionados conforme categorias próprias de percepção. O ponto central em relação à problemática dos valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Essa distinção foi estabelecida por Wolf (2003), mostrando que os valores-notícia estão presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística – a seleção dos acontecimentos – e de elaboração da informação jornalística – a construção da notícia. (AGUIAR, 2006, p.82)

Levando em consideração as diferenças e peculiaridades históricas, culturais e de condição social, para melhor compreender como se dá a divulgação jornalística dos assuntos relativos ao meio ambiente, na próxima seção abordaremos uma breve história do jornalismo ambiental no Brasil e no mundo, principalmente na Europa. A partir da linha histórica será possível deduzir o porquê dos moradores de outros países serem mais bem informados e engajarem-se mais nas questões ambientais, quando comparados aos brasileiros, além de valorizarem e terem mais espaço para a cobertura jornalística ambiental e os estudos sobre o tema, como apontam as pesquisas (MMA, 1992 – 1997 – 2001 – 2006 – 2012; EUROBARÔMETRO, 2014).

2.1.2

Breve história do jornalismo ambiental

A história do Jornalismo Ambiental aponta possíveis razões para cidadãos de países desenvolvidos terem mais engajamento e conhecimento do meio ambiente, em comparação à população brasileira. As diferenças se mostram não apenas na atitude e conhecimento dos moradores de países habituados há mais tempo com a importância das questões ambientais, mas também no desempenho e valorização de jornalistas e pesquisadores desse tema. Neste capítulo, serão levantados momentos importantes dessa história, no Brasil e no mundo.

A publicação do livro *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson, em setembro de 1962, nos Estados Unidos, é apontada como o começo das discussões internacionais sobre o meio ambiente. Embora fosse bióloga marinha, o grande feito de Carson foi traduzir a literatura científica disponível à época, em uma brilhante obra literária de denúncia e divulgação científica. Carson consultou uma série de artigos acadêmicos isolados ou perdidos nas bibliotecas universitárias, juntando toda essa munição científica inédita visando torná-la acessível ao grande público leigo. Os riscos ambientais pelo uso de produtos químicos industriais na agricultura e os efeitos nocivos ao meio ambiente e aos consumidores começaram a ser divulgados para o cidadão comum. Foi o início da divulgação dos problemas ambientais para o público leigo.

Em seu ano de lançamento, o livro alcançou a marca de 500 mil exemplares vendidos. Pela primeira vez, uma obra com discussões científicas ultrapassou a divulgação restrita à comunidade de cientistas e técnicos especialistas, alcançando importante repercussão junto à opinião pública. O livro inspirou a rede de tevê CBS a fazer um documentário sobre os efeitos do inseticida DDT, assistido por 15 milhões de norte-americanos e levando a uma extensa investigação no Senado. Dez anos depois, o DDT foi banido nos Estados Unidos por ser considerado cancerígeno. Foi comprovado que uma vez pulverizado nas plantações, os efeitos danosos à saúde poderiam ser sentidos por mais de uma geração. Um dos grandes legados da obra foi a criação da Agência de Proteção Ambiental Norte-Americana, em 1970. Em 2000, a Escola de Jornalismo de Nova York considerou *Primavera Silenciosa* uma das melhores reportagens investigativas do século XX. Em dezembro de 2006, o jornal inglês *The Guardian* colocou Carson no primeiro lugar entre as cem pessoas que mais contribuíram para a defesa do meio ambiente em todos os tempos.

Na década de 60, os problemas ambientais eram representados como resultantes de uma crise de participação e a luta política do movimento ecológico centrava-se no acesso aos recursos naturais e sua distribuição para os setores socialmente excluídos, como afirma Aguiar (2005). Os riscos ambientais pelo uso de produtos químicos industriais na agricultura e os efeitos perigosos para o meio ambiente e os consumidores começam a ser divulgados para o grande público.

A vertente da Ecologia Política surgiu nos anos 60 como uma plataforma de propostas políticas para superar os problemas ambientais. Entretanto, justamente por estar ainda no quadro de um sistema de pensamento tipicamente moderno, é que esta vertente elegeu a ecologia – enquanto ciência – para se tornar o paradigma da superação dos impasses modernos. (AGUIAR, 2005, p.3)

A primeira organização de jornalismo ambiental surgiu na França, na década de 1960. Na mesma época, em 1968, aconteceu em Paris a Conferência Intergovernamental de Especialistas sobre as Bases Científicas para Uso e Conservação Racionais dos Recursos da Biosfera, conhecida como Conferência da Biosfera, organizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), direcionada para os aspectos científicos da conservação da biosfera e pesquisas em Ecologia.

Nos anos 70, o Dia da Terra, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 22 de abril de 1970, veio a se tornar a maior manifestação em defesa do meio ambiente realizada nos Estados Unidos, resultando em reportagens de capa e manchetes de jornais e de revistas como a *Time* e a *Life*. Na data programada, foram realizados comícios e palestras em dez mil colégios e em 1.500 faculdades, além de atos públicos em Nova York e em Washington, com mobilização estimada de dois milhões de participantes. Como mostra Aguiar (2005), na década de 70, a luta ambiental começa a ganhar mais adesão e lugar nas agendas políticas.

A crise ambiental deixa de ser representada como uma crise de participação, na qual a temática ecológica estava marcada pela mobilização política de poucos e pequenos grupos sociais e por um silêncio dos meios de comunicação de massa em torno do tema da degradação do meio ambiente. Um novo movimento de massas tinha surgido e uma nova questão estava começando a encontrar seu caminho na agenda das políticas públicas. (AGUIAR, 2005, p.4)

Esse novo movimento de massas trouxe uma nova questão para a crise ambiental, que passou a ser representada como um problema de escassez de

recursos naturais. A crítica dos ecologistas apontava que o projeto desenvolvimentista da sociedade moderna estava baseado em um sistema de valores materialistas, que reduzia a finalidade da vida dos homens à acumulação de bens materiais. Os cientistas e as autoridades governamentais afirmavam existir limites para a exploração e o uso dos recursos naturais, sendo imprescindível frear a expansão material ilimitada da sociedade.

Depois da publicação do relatório do Clube de Roma/Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), intitulado *Os Limites do Crescimento*, propondo o “crescimento zero” da economia e a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, em junho de 1972, a representação social da desordem do meio ambiente assume o enfoque de uma crise de sobrevivência. A conferência resultou na Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano e em 26 princípios sobre preservação. A partir desse momento surgiram instituições e grupos em prol da defesa do meio ambiente em países europeus como: França, Alemanha, Dinamarca, Noruega, que também estabeleceram novas regras em suas legislações ambientais.

Já na década de 80, a representação social da crise ambiental assumiu a imagem de uma crise cultural. No começo dos anos 80, a Organização das Nações Unidas (ONU) convocou a Comissão Mundial para Assuntos do Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) motivando a elaboração do Relatório Nosso Futuro Comum, de abrangência mundial sobre a qualidade do meio ambiente. Em 1987, o relatório definiu o conceito de desenvolvimento sustentável como aquele que “atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade de as futuras gerações terem suas próprias necessidades atendidas.” O conceito, que acomoda interesses empresariais e governamentais, tem assegurado amplos espaços de divulgação nos meios de comunicação. A noção de desenvolvimento sustentável apresenta três características principais: crescimento econômico, equidade social e equilíbrio ecológico, vinculando-se a uma ética da responsabilidade comum da sociedade frente à natureza.

Em meados dos anos 80, com a descoberta do buraco na camada de ozônio e as primeiras hipóteses sobre o impacto das atividades humanas no aumento do aquecimento global, a imprensa também se voltou para os temas ambientais. No ano de 1988, a revista *Time* elegeu como “personalidade do ano”, como realiza sempre no seu último número anual, aquele que vinha se destacando enquanto um

novo e inusitado protagonista do noticiário jornalístico – o planeta Terra. Aguiar (2005) ressalta que o que está em questão é saber para que um meio de comunicação de massa – neste caso, uma revista pertencente a uma mega-empresa norte-americana – propõe uma mudança urgente no modelo de desenvolvimento e nos atuais modos de vida para solucionar a crise ambiental. O planeta Terra torna-se o novo sujeito da história, mas para atender a quais interesses?

Outras questões instigantes podem ser discutidas nesta relação entre os meios de comunicação de massa, as formas de representação social da crise ambiental e o movimento ecológico: a invenção desse novo sujeito da História – o planeta Terra – não aponta para uma desintegração de um modelo de sociedade – a sociedade urbano-industrial moderna – que só considera o homem como o único sujeito de direito? Quais são as condições de possibilidade para que um meio de comunicação de massa, que funciona como um dispositivo atrelado à ideologia do consumismo, entenda a Terra como ‘pátria da humanidade’ e uma ‘pessoa’ portadora de direitos? (AGUIAR, 2005, p.6)

Na década de 90, a representação da crise ambiental consolidou-se enquanto uma questão de risco planetário, vinculada ao processo de globalização do capitalismo. No relatório *Nosso Futuro Comum*, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento solicitava que a Assembléia Geral da ONU convocasse uma conferência internacional com o objetivo de produzir um programa de ação global para o desenvolvimento sustentável.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) – mais conhecida como Rio-92 ou Eco-92 – aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992, um ano após a dissolução da União Soviética e dos países do Leste europeu que integravam o contexto de um mundo bipolarizado entre nações capitalistas versus comunistas. O fim da bipolaridade criou uma expectativa positiva e otimista internacionalmente: após o longo período da Guerra Fria, ocorreu o primeiro encontro de cúpula da comunidade internacional, a Cúpula da Terra da Rio-92.

A Rio-92, realizada entre 3 e 14 de junho de 1992, no Rio de Janeiro, reuniu legisladores, diplomatas, cientistas, representantes da mídia e de organizações não-governamentais (ONGs) de 179 países, num esforço para reconciliar as interações entre o desenvolvimento humano e o meio ambiente. O evento foi realizado por ocasião do 20º aniversário da Conferência de Estocolmo. A nova conferência culminou na elaboração da Agenda 21, um programa pioneiro de ação internacional sobre questões ambientais e desenvolvimentistas, voltado à

cooperação internacional e ao desenvolvimento de políticas para o Século XXI. Suas recomendações incluíram novas formas de educação, preservação de recursos naturais e participação no planejamento de uma economia sustentável.

Na Rio-92, além da Cúpula da Terra, aconteceram outros dois encontros internacionais: o Fórum Global e a reunião do Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável. Um dos principais documentos resultantes do *Earth Summit*, a Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, apresenta 27 princípios que têm por objetivo criar uma nova parceria global entre as nações, para alcançar o desenvolvimento sustentável em nível mundial. Aguiar (2005) conta que o *Jornal do Brasil*, de 13 de junho de 1992, lançava em manchete de capa: *Chefes do mundo assumem na Rio-92 o compromisso de salvar a Terra*, mas no documento oficial já era possível perceber a primeira contradição política e ética.

Como administrar uma parceria global dentro da desigualdade internacional, onde 20% da população do planeta que habitam o hemisfério norte consomem 80% dos recursos ambientais e são responsáveis por 75% da poluição ambiental, além de deterem 80% da renda mundial? Como é possível implantar parcerias se os Estados Unidos, com 6% da população mundial, consomem 25% da produção internacional de petróleo? A Declaração do Rio de Janeiro começa reafirmando os princípios da Conferência de Estocolmo-72 e reforçando uma perspectiva utilitarista da civilização ocidental, segundo a qual a humanidade está no centro dos objetivos do desenvolvimento sustentável e as medidas de proteção do meio ambiente são restritas a esforços que favoreçam exclusivamente a sociedade. (AGUIAR, 2005, p.8-9)

A conferência de 1972 teve como principal preocupação introduzir a questão ambiental nas políticas de âmbito nacional de cada país, enquanto a Rio-92 trouxe para o debate o avanço da degradação ambiental em nível internacional e a importância de soluções globais para os problemas ambientais globais.

Em relação a pesquisas com a temática ambiental na comunicação, o primeiro registro de uso acadêmico da expressão *environmental communication* apareceu em 1969 (AGUIAR & CERQUEIRA, 2012, p. 13), em um artigo publicado na edição inaugural do *Journal of Environmental Education* por seu editor-fundador Clarence A. Schoenfeld, segundo Jurin, Roush&Danter (2010).

A configuração da comunicação ambiental como campo de estudos foi se constituindo a partir da crítica e desconstrução das visões tradicionais acerca do mundo natural, com artigos que questionam a relação dos seres humanos com seu

ambiente e a retórica da preservação. Também foi ocorrendo a incorporação da temática às práticas profissionais da comunicação, com as discussões sobre o papel e a postura dos meios de comunicação de massa, dos jornalistas e dos profissionais de relações públicas (ou assessores de comunicação) em relação ao gerenciamento dos recursos naturais.

A partir do final da década de 1980, observou-se nessa cronologia uma crescente institucionalização do campo, com a sistematização das práticas profissionais e a criação de entidades como a *Environmental Media Association* (1989), a *Society of Environmental Journalists* (1990) e a *International Federation of Environmental Journalists* (1993). As iniciativas acadêmicas deslancham na década de 1990, a partir da *Conference on the Discourse of Environmental Advocacy* (1991), que serviu de embrião para a *Conference on Communication and Environment* (Coce), até hoje realizada bienalmente.

Nos anos seguintes, ampliaram-se os espaços de informação e debates sobre as questões ambientais, com o lançamento de um dos periódicos pioneiros online de acesso livre, o *Electronic Green Journal*, em 1994, e a criação do serviço de notícias online *Environmental News Network*, em 1995. Na virada do século, o campo acadêmico da nova especialidade se consolidou com mais quatro publicações: *Applied Environmental Education and Communication*, em 2002; *The Environmental Communication Year Book*, em 2004; *Environmental Communication: a Journal of Nature and Culture*, em 2007 e *International Journal of Sustainability Communication*, também em 2007.

A articulação de pesquisadores, profissionais e ativistas na *Environmental Communication Network* (ECN), a partir de 1995, estimulou a criação da *International Environmental Communication Association* (Ieca), em 2011, com objetivo de consolidar a expansão do campo e disseminar experiências práticas e abordagens teóricas de outros contextos culturais. Essa expansão não ocorreu apenas nos EUA, mas também no Reino Unido com a conferência *Communicate Now*, em 2008, e em Portugal, com a conferência *The Media and the Environment*, em Lisboa, em 2009.

No Brasil, a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA) promove congressos regulares desde 2005. Na próxima seção vamos nos concentrar na história do jornalismo ambiental no Brasil, impulsionado pelas conferências, especialmente pela Rio-92 e pela Rio+20, sediadas no Rio de Janeiro. Para

finalizar essa história, falaremos sobre o compromisso do Brasil e os resultados da 21ª Conferência do Clima (COP 21), realizada no final de 2015 em Paris.

2.1.3

Breve história do jornalismo ambiental no Brasil

No Brasil, o ambientalismo ganhou visibilidade pública a partir dos anos 1970, como conta Belmonte (2015) no artigo *A história do jornalismo ambiental brasileiro -Do jornalismo científico à consolidação como especialização temática*. Pouco mais de trinta associações da sociedade civil estavam ocupadas, na época, com assuntos ligados à proteção da natureza. A Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), criada em 1971, era uma delas.

Segundo depoimentos de jornalistas que viveram o período, reportagens sobre temas ambientais já eram publicadas com alguma frequência, de norte a sul do País (Belmonte, 2004), sem, no entanto, configurar ainda o jornalismo ambiental como uma área de especialização. (BELMONTE, 2015, p.3)

Em maio de 1972, a revista *Realidade* fez uma edição especial sobre a urbanização crescente. A contaminação em Cubatão (SP), denunciada por Randau Marques, a poluição da Borregarde as manifestações da Agapan, associação ativa e influente, lideradas por José Lutzenberger, agrônomo, escritor, filósofo, paisagista e ambientalista brasileiro que participou ativamente na luta pela preservação ambiental, em Porto Alegre, também foram temas de reportagens nesse período. Correspondentes de veículos da região Sudeste começaram a trabalhar na Amazônia. Lúcio Flavio Pinto foi correspondente do *O Estado de São Paulo* no Pará. Outro correspondente do mesmo jornal, o jornalista Elson Martins, criou no Acre em 1978 o jornal alternativo *Varadouro* onde registrou o início da luta de Chico Mendes.

A atuação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), fundada em 19 de setembro de 1977, impulsionaram significativamente o jornalismo ambiental, considerado naquela época uma subárea do jornalismo científico, status que manteve até o final dos anos 80. Em 1989, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão e a Associação Nacional de Jornais promoveram o seminário

"A Imprensa e o Planeta", em São Paulo. Mas foi a partir da realização do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente, promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), entre 27 e 30 de novembro de 1989, em Brasília, que a separação entre o jornalismo científico e o jornalismo ambiental começou a ser delineada no Brasil, como aponta Belmonte (2015).

O entendimento sobre a importância de mostrar o problema, com causas e consequências, e as suas soluções possíveis foi uma das questões que ajudou a demarcar o jornalismo ambiental como uma segmentação do Jornalismo no Brasil e estava na pauta do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente que a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) realizou em Brasília (DF) em novembro de 1989. 'É evidente o papel dos meios de comunicação no aprofundamento dos debates, na fiscalização da ação dos agentes sociais (governo, comunidade e empresas) e, naturalmente, na definição de políticas para o setor ambiental', afirmou Armando Rollemberg (1989, p.1), presidente da Fenajna época. (BELMONTE, 2015, p.9)

Participaram especialistas internacionais, como o francês François Terrason, especialista em planejamento ecológico e agricultura, a norte-americana Diane Lowrie, da *Global Tomorrow Coalition*, a jornalista argentina Patricia Nirimberk, da Fundação Vida Silvestre, o tcheco Igor Pirek, da Agência de Notícias CTK, o educador Pierre Weil, da Universidade Holística Internacional e especialistas brasileiros, como o repórter Randau Marques, o professor Paulo Nogueira Neto, o físico LuisPinguelli Rosa, o agrônomo Sebastião Pinheiro e o jornalista Fernando Gabeira (BELMONTE, 1997). Apesar da participação de apenas 60 jornalistas, o evento realizado pela Fenaj inspirou a formação de núcleos regionais de jornalistas interessados na área ambiental. O Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJRS), ativo até hoje, foi a plataforma de organização da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, criada em 1998, que originou os congressos brasileiros de jornalismo ambiental e os encontros nacionais de pesquisadores em jornalismo ambiental.

A consolidação do jornalismo ambiental se deu com os preparativos dos veículos para a cobertura da Conferência Rio 92, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, com a presença de representantes de 172 países e 108 chefes de estado (BELMONTE, 2015). Conhecida como ECO-92, a conferência resultou em dois importantes documentos: Carta da Terra (Declaração do Rio) e a Agenda 21.

Os jornalistas que trabalhavam com a temática ambiental na véspera da Conferência Rio 92 discutiram nos cursos preparatórios a necessidade de mostrar não apenas a importância de preservar o meio ambiente, mas também como fazê-lo (BELMONTE, 2015, p.9). O compromisso de ir além da apresentação das consequências do problema estava presente também nos primeiros princípios éticos para a cobertura dos temas ambientais que foram definidos entre os dias 20 e 24 de maio de 1992, em Belo Horizonte (MG), durante o Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento (*Green Press*), evento que integrou a programação oficial da Conferência Rio 92. A manchete da primeira página do *Jornal do Brasil* com o secretário-geral da ONU para a Conferência Rio-92, Maurice Strong, estampava, em 31 de maio de 1992, o seguinte título: *Temos de agir para salvar a Terra*.

Para avaliar a cobertura antes, durante e depois da Conferência Rio 92, Ramos (1996) fez uma análise quantitativa de reportagens publicadas nas edições dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* entre 1º de junho de 1991 e 11 de julho de 1992, e nos telejornais da *Rede Globo* e da extinta *Rede Manchete* entre 4 de maio de 1992 e 11 de julho de 1992. Também realizou uma análise qualitativa em uma amostra do material quantificado. Concluiu que o interesse econômico era prioritário na mensagem ambiental que chegava aos jornais. Também considerou significativa a ocorrência de reportagens que tratavam de negócios com produtos de caráter ecológico e avaliou como reduzidas as citações de fontes ligadas a organizações não-governamentais, universidades e movimentos sociais. Já os telejornais, segundo Angerami (2006), abordaram o tema ambiental como questões globais, esquecendo a dimensão regional, e deram destaque para as personalidades envolvidas no evento. Após a Conferência Rio 92, os problemas ambientais sumiram da pauta diária, em parte, reconheceu o pesquisador, devido ao subsequente *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello. Na sua avaliação, a cobertura foi fragmentada e dependente dos eventos ambientais realizados (BELMONTE, 2015).

Uma das dificuldades para tratar dos temas ambientais no Brasil na década de 90 era a presença entre os proprietários e editores dos principais veículos jornalísticos de uma ideologia pró-modernização e favorável ao crescimento econômico. Após a Rio 92, quando começou a ganhar força o entendimento sobre a relevância dos instrumentos econômicos no enfrentamento dos problemas

ambientais, o meio ambiente passou a fazer parte de uma disputa de poder. O setor empresarial foi se apropriando da bandeira do ambientalismo (BELMONTE, 1997) como oportunidade de aumentar a competitividade e participar de um crescimento econômico limpo através de instrumentos baseados no mercado. Era a origem do que hoje se entende por economia verde.

Duas décadas depois, em *Discursos e vozes na cobertura jornalística das COP15 e 16* (GIRARDI, 2013), os pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental da UFRGS apresentam um exercício de análise da cobertura das Conferências da ONU sobre Mudanças Climáticas, COP 15 e 16, em revistas brasileiras publicadas em 2009 e 2010. O trabalho mostra como foi construído o discurso sobre sustentabilidade e quais foram as vozes acionadas, evidenciando a predominância de um discurso ecotecnocrático e a opção privilegiada por fontes dos campos político e econômico. No ano de 2012, o Rio de Janeiro sediou a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que colocou a temática ambiental outra vez em pauta. O objetivo foi a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, a partir da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes. Não foram mapeados trabalhos que tenham estudado a repercussão da Rio+20 na mídia brasileira.

Em dezembro de 2015, a 21ª Conferência do Clima (COP 21) reuniu representantes de governos, organizações empresariais e da sociedade civil de 196 países em Paris. Foi considerada a mais importante conferência sobre mudanças climáticas (COP) desde 1997, quando foi firmado o Protocolo de Quioto, no Japão. Cerca de 30 jovens representantes de 12 países (Brasil, Argentina, Colômbia, Costa Rica, Itália, França, Espanha, Portugal, Dinamarca, Lituânia, Grécia e Turquia) participaram da cobertura colaborativa da COP21, para a *Agência Jovem de Notícias Internacional*. Essa foi a quarta vez que os jovens acompanharam de perto as negociações climáticas para informar e também promover atividades de *advocacy* e sensibilização, a partir do projeto da ONG Viração Educomunicação em parceria com a Associação Engajamundo (www.engajamundo.org). O conteúdo produzido foi publicado em espanhol, português, inglês, francês e italiano em plataformas online e redes sociais.

A COP21, ao contrário das reuniões anteriores, não estabeleceu metas de redução de emissões de gases, principalmente CO². O Acordo de Paris apontou um limite para a temperatura do Planeta, que deverá ficar com aquecimento máximo entre 1,5 e 2 graus centígrados, o que deve ser alcançado através do cumprimento de projetos nacionais, estabelecidos por cada um dos países em um documento prévio à COP, chamado INDC, que em tradução livre pode ser Contribuição Nacional Pretendida. O Brasil apresentou suas metas de Contribuição Nacional Pretendida de redução de emissões que apontam para um patamar 37% menor do que as emissões do ano de referência, 2005, até 2025. Essa é considerada uma meta avançada, mesmo entre os países que vem investindo em energias limpas há mais tempo.

Segundo a ministra do Meio Ambiente na época, Izabella Teixeira, as INDCs apresentadas pelos países devem se converter em Políticas de Estado e ser a plataforma para um salto em direção ao futuro. O Brasil aposta na colaboração entre os países, com transferências de tecnologias e geração de inovação para manter-se o limite de 1,5 grau de aquecimento. Dal Marcondes, diretor da Envolverde e especialista em meio ambiente e desenvolvimento sustentável, acredita que o mundo que emergiu da COP 21 pode ser mais esperançoso.

O termo que ganhou força em Paris foi ‘Compromissos Voluntários’, o que transforma de maneira definitiva as relações multilaterais. No discurso de encerramento da COP o presidente francês François Hollande apontou o Acordo de Paris como um ‘marco na história da humanidade’, quando todos os países superaram suas diferenças em prol de um planeta capaz de abrigar e alimentar seus bilhões de habitantes. Há ainda muitas dúvidas em relação às fontes de recursos para as transformações necessárias nas economias e nas matrizes energéticas, mas já há um compromisso de que o investimento anual previsto de US\$ 100 bilhões a partir de 2020 é um piso e não um teto nos esforços de ajuda dos países ricos. (MARCONDES, 2015)

Hoje, temas como aquecimento global, agrotóxicos, transgênicos, biopirataria como ameaça à diversidade e à soberania nacionais e a segurança alimentar ganham destaque na mídia trazendo novo impulso ao Jornalismo Ambiental. Com as mudanças que vem ocorrendo nas redações nos últimos anos, como cortes de gastos e de pessoal, o espaço para o jornalismo especializado, ainda mais na área ambiental, fica ainda mais escasso. As reportagens com temáticas ambientais continuam tendo espaço na mídia hegemônica, mas com abordagens diversas, nem sempre seguindo o que pregam os jornalistas

especialistas em meio ambiente. As abordagens podem ser voltadas apenas para a questão científica; com viés mais econômico; alarmista ou factual na cobertura dos desastres ambientais. A mídia hegemônica atual também tem espaço para grandes reportagens ambientais, mas esporadicamente.

A cobertura ambiental especializada realizada atualmente no país concentra-se majoritariamente nas mídias digitais, principalmente nos sites de cunho ambiental, como a *Envolverde* (<http://www.envolverde.com.br/>) e *O Eco* (<http://www.oeco.org.br/>). O *Projeto Colabora* (<http://projetocolabora.com.br/>) e a *Agência Pública* (<http://apublica.org/>) não são voltados especificamente para o jornalismo ambiental, mas também são novos espaços digitais para a divulgação de notícias socioambientais.

O jornalismo ambiental também é fortalecido pelas entidades que reúnem os profissionais que escolheram se dedicar a atividade. A partir do surgimento das entidades, os jornalistas ambientais de todo o mundo podem reunir e compartilhar pautas e apurações, realizar congressos e pesquisas, promover premiações, melhorando cada vez mais a prática profissional.

No final da década de 60, surgiu na França a primeira entidade de jornalismo ambiental, a Associação dos Jornalistas-escritores para a Natureza e a Ecologia (*Association des Journalistes-écrivains pour la Nature et l'Écologie*), fundada em 1969 pelo jornalista francês Pierre Pellerin e até hoje em atividade. Nos Estados Unidos, a primeira entidade foi criada em 1990, a Sociedade de Jornalistas Ambientais (*Society of Environmental Journalists*).

No Brasil, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED, na sigla em inglês) foi responsável pela consolidação do jornalismo ambiental como prática especializada de jornalismo. A mobilização dos jornalistas para cobrir a Cúpula da Terra, que trouxe ao Rio de Janeiro representantes de 172 países em junho de 1992, foi também a origem da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA). A rede foi criada no segundo semestre de 1998 para viabilizar o aprimoramento da atividade jornalística em temas de meio-ambiente e qualidade de vida e o intercâmbio de informações, textos e experiências, oportunidades de trabalho e estágios, entre jornalistas e estudantes de jornalismo.

A rede tem como objetivos principais discutir jornalismo ambiental, integrar jornalistas que cubram os temas da sustentabilidade, promover encontros

dentre os associados e ser uma ferramenta para troca de informações sobre fontes especializadas. Em maio de 2016, a RBJA deixou a informalidade ao ser criada a entidade com o mesmo nome, em cerimônia na assembléia de fundação na Universidade Aberta do Meio Ambiente e da Cultura de Paz (UMAPAZ), no Parque do Ibirapuera, na cidade de São Paulo.

A ideia de uma articulação especializada surgiu antes mesmo da Internet e foi sugerida pela jornalista Liana John no Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente realizado no mês de novembro de 1989, em Brasília (DF), pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Criada em 1998, a RBJA estava desde então, sediada no *YahooGroups*, e contabilizou, nessa ferramenta, 19.700 mensagens trocadas entre seus integrantes. Discutiui-se pautas jornalísticas na área ambiental, problemas na cobertura, projetos na área de comunicação ambiental e muito mais. A sua formatação, como uma rede de e-mails tramada para articular os jornalistas interessados nos temas ambientais, ocorreu depois de vários encontros presenciais e de alguns anos de experimentação *online*. Atualmente, os profissionais engajados na temática ambiental estão reunidos no grupo de discussão virtual baseado no *GoogleGroups* e na página do *Facebook* da rede. O formulário de inscrição está no site da rede (www.rbja.jor.br). A participação é restrita a jornalistas e estudantes de jornalismo.

A RBJA promove, a cada dois anos, desde 2005, o Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental, com o objetivo de qualificar a pauta nessa área. O Congresso Brasileiro de Jornalismo Ambiental (CBJA) é um dos principais eventos para jornalistas e profissionais de comunicação que atuam com pautas ambientais e de sustentabilidade no Brasil. O CBJA reúne profissionais de todo o país para um diálogo aberto sobre a cobertura ambiental realizada no Brasil e promove atualização sobre temas fundamentais para o desenvolvimento sustentável. A presença de especialistas e pesquisadores ligados a organizações sociais, governos, empresas e academia promove um encontro importante, com troca de experiências e fontes sobre os diversos temas de interesse socioambiental. O congresso também reúne pesquisadores da área de jornalismo ambiental em uma mostra científica, reconhecida no cenário acadêmico.

O Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (LICA) foi criado por professores efetivos do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) com experiência profissional e de

pesquisa relacionada a comunicação e meio ambiente. O objetivo do LICA é mapear o campo da comunicação ambiental no Brasil, na Região Nordeste em particular, visando identificar temáticas privilegiadas, tendências metodológicas e pesquisadores com produção contínua no campo. O laboratório também busca propor referenciais teóricos, metodológicos e tecnológicos para a configuração e consolidação de um campo de comunicação ambiental focado no desenvolvimento regional sustentável, com ênfase nas áreas de jornalismo, audiovisual (*broadcasting*, *web* e mídias digitais), e comportamentos de consumo; além de articular uma rede interdisciplinar de pesquisadores interessados na abordagem das interfaces entre mídia e meio ambiente.

O LICA é coordenado por Sonia Aguiar, doutora em Comunicação/Ciência da Informação, professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. Foi professora de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) durante 20 anos (1984-2004). Desde 2003 vem aprofundando os conhecimentos sobre a questão ambiental a partir de aproximações com a Geografia, com a Sociologia Ambiental e com a Ecologia Política, visando articular esses conhecimentos com a comunicação e a informação em diferentes ambientes midiáticos e situações de interação.

O laboratório promoveu o 1º e o 2º Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA) em 2011 e 2013, respectivamente, reunindo professores, pesquisadores, estudantes, jornalistas e comunicadores em torno de reflexões sobre um mundo que passa por uma crise ecológica global. Na primeira edição foram aprovados 38 trabalhos e ocorreram sete sessões de apresentação. Na segunda, foram 48 trabalhos aprovados e 10 sessões. Algumas das temáticas abordadas foram: controvérsias científicas sobre aquecimento global e mudanças climáticas; abordagem ecocrítica no cinema ambiental; comunicação de riscos socioambientais; ativismo político-ambiental e contra-agendamento midiático.

Na área acadêmica já existem diversos trabalhos de pesquisa e iniciativas para o fortalecimento da formação nesse campo, como a disciplina de Jornalismo Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ministrada pela professora Ilza Maria Tourinho Girardi, a primeira disciplina dessa natureza em uma universidade pública brasileira. O professor Wilson Bueno, da Universidade Metodista de São Paulo, também tem se dedicado a essa área, mantendo pesquisas, sites e publicações. Na Pontifícia Universidade Católica do

Rio de Janeiro (PUC – Rio), o jornalista André Trigueiro ministra a disciplina de Jornalismo Ambiental desde o início dos anos 2000, hoje ampliada para Comunicação Ambiental.

Para Trigueiro, não se deve exigir do estudante – nem do profissional de comunicação – a formação do especialista. O especialista é a fonte. Ao jornalista caberia a função de identificar os assuntos que merecem visibilidade e, especificamente na área ambiental, traduzir os saberes da ciência de forma clara e objetiva. Para isso, seria importante dispor, já na largada da profissão, de um pacote mínimo de informações que ajudem a definir o que cabe destacar como notícia ou como o lide*. O jornalista não precisa, inicialmente, se transformar em um especialista, mas saber usar a visão sistêmica mesmo no jornalismo factual, podendo observar e escrever sobre as questões ambientais em outras editorias.

Um dos grandes desafios de uma disciplina sobre jornalismo ambiental – ou outro nome qualquer que se queira dar a um curso que atenda aos requisitos formulados acima – seria, a meu ver, o de compatibilizar o exercício da visão sistêmica (ampla, integradora, que enxerga o universo como um conjunto de fenômenos interdependentes, que interagem o tempo todo) com o lead (reducionista, sintético, supra-sumo da notícia, extrato objetivo do fato). É possível usar a visão sistêmica no jornalismo sem prejuízo do lead? A resposta, definitivamente, é SIM. Disseminar no jornalismo essa perspectiva significa agregar substância à notícia, estabelecendo novos parâmetros de cobertura em diferentes editorias. (TRIGUEIRO, 2005b, p.1)

De acordo com o conceito que vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS) criado em 2008 por Girardi, diante dos crescentes desafios socioambientais, o jornalista ambiental trabalha comprometido com a promoção da qualidade de vida planetária. Através de uma diversidade de fontes, olha além das consequências em busca das causas e soluções dos problemas ambientais.

Para Schoenfeld, repórter que se tornou professor, a comunicação ambiental remonta a formas narrativas pré-midiáticas sobre a natureza, como os relatos dos descobridores, os diários de viagens e os relatórios descritivos de fenômenos naturais publicados pelas revistas científicas desde o século XIX. Mas,

*O *lead*, lide em português, é uma estratégia narrativa inventada por jornalistas americanos no começo do século passado com o intuito de conferir objetividade à imprensa. Segundo Walter Lippmann, autor do célebre *Public Opinion* (1922), tal estratégia possibilitaria uma certa cientificidade nas páginas dos jornais, amenizando a influência da subjetividade através de um recurso muito simples. Logo no primeiro parágrafo de uma reportagem, o texto deveria responder a seis questões básicas: Quem? O que? Como? Onde? Quando? Por quê? (PENA, 2006, p. 7)

como atividade intencional, seu objetivo seria “produzir cidadãos capacitados a respeito do nosso ambiente e os problemas a ele associados, ciente de como ajudar a resolver esses problemas, e motivado para trabalhar pelas suas soluções” (*apud* AGUIAR & CERQUEIRA, 2012, p. 13).

Outra forma de incentivar o jornalismo ambiental ocorre a partir de premiações. A seguir, vamos falar sobre alguns desses prêmios entregues no Brasil. Promovido pelo Instituto Socioambiental Chico Mendes, o Prêmio de Jornalismo – Socioambiental, Cidadania e Sustentabilidade é um reconhecimento à importância da imprensa brasileira na disseminação de conteúdos que promovam a conservação e a proteção ambiental, a promoção humana e a inclusão social. A premiação é regional, voltada para todos os profissionais e empresas jornalísticas estabelecidas nos estados de São Paulo ou Rio de Janeiro. Os veículos e os jornalistas indicados concorrem em cinco categorias: melhor programa de TV nacional com temática socioambiental, cidadania e sustentabilidade; melhor revista com temática socioambiental, cidadania e sustentabilidade, melhor programa de rádio com temática socioambiental, cidadania e sustentabilidade; melhor site com temática socioambiental, cidadania e sustentabilidade; e personalidade comunicação socioambiental do ano.

O Prêmio José Lutzenberger de Jornalismo Ambiental, uma promoção conjunta da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental (ABES/RS), Associação Riograndense de Imprensa (ARI) e Braskem, está na segunda edição, premiando as categorias: jornalismo impresso, fotojornalismo, radiojornalismo e telejornalismo. O objetivo é incentivar a divulgação de experiências positivas, com destaque para a aplicação de novas tecnologias, em especial na área do saneamento ambiental, bem como esforços de empresas e entidades, escolas e universidades, pessoas e instituições públicas e privadas na busca de soluções para o setor.

O prêmio homenageia um visionário da sustentabilidade. Celebrado como um dos pioneiros do movimento ecológico brasileiro, Lutzenberger nasceu no dia 17 de dezembro de 1926, em Porto Alegre, e faleceu aos 75 anos, no dia 14 de maio de 2002. Atuou como agrônomo, escritor, filósofo, paisagista, ecologista e ambientalista, percorrendo o mundo para lutar pela preservação planetária. Ao longo de sua trajetória recebeu inúmeras distinções importantes, como o Prêmio Nobel Alternativo, a Ordem do Ponche Verde, a Ordem de Rio Branco, a Ordem

do Mérito da República Italiana, entre outras. Na próxima seção falaremos mais sobre os conceitos de meio ambiente e de jornalismo ambiental.

2.1.4

Conceito de meio ambiente e de Jornalismo Ambiental

O meio ambiente e o homem estão articulados e são interdependentes. A expressão meio ambiente (LOOSE, 2010) possui muitas acepções, de acordo com a proposta, intenção e valores de onde é oriunda. Há diversas definições que se confrontam até mesmo em grupos comuns (biólogos, geógrafos, gestores, políticos). Nesta pesquisa, considera-se a compreensão de meio ambiente de Wilson Bueno (2007) não se limitando apenas ao meio físico ou biológico, mas incluindo as interações sociais e a cultura.

Para que possamos compartilhar da mesma percepção de Meio Ambiente, vamos assumir aqui que: meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes etc.) mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões / manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia etc.). (BUENO, 2007, p. 34-35)

Portanto, consideramos de acordo com Bueno que, devido a amplitude e complexidade na qual está envolvido, o meio ambiente abrange a vida em todas as suas formas e a sobrevivência da natureza humana. O Guia do Meio Ambiente (1992) aponta a partir de qual momento se deu a mudança desse conceito com a inclusão da esfera social.

Os seres vivos, em geral, não subsistem sem uma série de condições e substâncias que proporcionam sua sobrevivência e seu desenvolvimento. Tudo que cerca o ser vivo, que o influencia e que é indispensável à sua sustentação constitui o meio ambiente. Estas condições incluem o solo, o clima, os recursos hídricos, o ar, os nutrientes e os outros organismos. Em 1975, na Conferência Internacional sobre Educação Ambiental em Tbilísi, Geórgia, o meio ambiente foi definido não só como meio físico e biológico, mas também como meio sócio-cultural e sua relação com os modelos de desenvolvimento adotados pelo homem. (ROCHA *apud* LOOSE, 2010, p. 53-54)

Ainda hoje, existem pessoas que percebem o meio ambiente como algo à parte de si, relacionando-o apenas com a fauna e a flora. O jornalista André Trigueiro considera grave a persistência dessa percepção superficial. Essa distância atrasa a mobilização em prol das questões ambientais. Para o jornalista,

"a expansão da consciência ambiental se dá na exata proporção em que percebemos meio ambiente como algo que começa dentro de cada um de nós, alcançando tudo o que nos cerca e as relações que estabelecemos no universo" (TRIGUEIRO, 2005a, p.13).

Trigueiro (2005a, p.17) acredita que a percepção dessa visão ambiental mais abrangente nos insere num movimento virtuoso de construção da cidadania no seu sentido superlativo, a "cidadania ecológica planetária", que o jornalista acredita tão necessária no século 21. O entendimento mais amplo do conceito de meio ambiente revela um universo onde tudo está conectado: cada pequena parte integra o todo. Meio ambiente é tudo o que tem a ver com nossa vida, nosso corpo, nossa casa, nossa família, nosso trabalho, tudo o que nos cerca e influencia.

Vamos à origem das duas palavras. Trigueiro (2005a, p. 75) explica a reunião de dois substantivos redundantes: meio (do latim *medius*) significa tudo aquilo que nos cerca, um espaço onde nós também estamos inseridos; e ambiente, palavra composta por dois vocábulos latinos: a preposição *amb(o)* (ao redor, à volta) e o verbo *ire* (ir). Dessa forma, ambiente é tudo o que vai à volta. Em seguida, falaremos sobre os conceitos de jornalismo ambiental.

Para Bacchetta (*apud* LOOSE, 2010, p.34), se considerarmos o meio ambiente como o conjunto de sistemas naturais e sociais habitados por humanos e demais seres vivos existentes no planeta e dos quais obtêm seu sustento, o jornalismo ambiental é um dos gêneros mais amplos e complexos do jornalismo.

O jornalismo ambiental considera os efeitos da atividade humana, da ciência e a tecnologia em particular, sobre o planeta e a humanidade. Deve contribuir, portanto, para a difusão de temas complexos e a análise de suas implicações políticas, sociais, culturais e éticas. É um jornalismo que procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sua forma de vida na terra, para assumir em definitivo sua cidadania planetária. (BACCHETTA *apud* LOOSE, 2010, p. 34)

Para falar sobre este complexo conceito, começaremos com as conclusões alcançadas a partir da análise de 101 dissertações e teses sobre Jornalismo Ambiental no Brasil selecionadas no Banco de Teses da Capes entre 1987 e 2010 (Girardi et al., 2015). Foram identificadas 11 pesquisas que empregam o conceito, 23 nas quais esse não fica claro e 67 que não conceituam o Jornalismo Ambiental. As pesquisadoras, já tendo observado a multiplicidade, e mesmo ambiguidade, das abordagens na área, propuseram duas categorias diferentes: jornalismo

de/sobre meio ambiente e Jornalismo Ambiental. O jornalismo sobre/de meio ambiente seria aquele que aborda os temas ambientais de forma superficial e imparcial, como se tal imparcialidade fosse possível (GIRARDI et al. *apud* GIRARDI et al., 2015, p. 377). Concordo com a diferença entre as categorias propostas. Não cabe ao Jornalismo Ambiental a imparcialidade, partindo do pressuposto que seu ponto de partida é a preservação e a defesa do bem estar do meio ambiente, defendendo a vida desta e das futuras gerações.

Nesse caso, a própria noção de ambiente seria bastante restrita ao ancorar-se na crença que separa sociedade e natureza, sendo a segunda o objeto de tal prática jornalística. Com um viés econômico e político normalmente a serviço dos interesses econômicos de curto prazo, não mostram as conexões dos temas abordados com a cultura e com os aspectos ambientais. Ainda são frequentes reportagens que apresentam esse olhar.

Já o Jornalismo Ambiental, na perspectiva dos pesquisadores (GIRARDI et al. *apud* GIRARDI et al., 2015, p. 377), exige o cumprimento dos seguintes requisitos: apresentar uma visão sistêmica dos fatos; reconhecer a complexidade dos eventos ambientais que não podem ser reduzidos a formatos simplistas; contemplar a diversidade dos saberes e não ficar refém de fontes oficiais, importantes, mas não as únicas; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; e assumir seu papel educativo, cidadão e transformador.

A pesquisa aponta que tais noções sobre Jornalismo Ambiental não são bem compreendidas entre os próprios pesquisadores, que tecem críticas ao Jornalismo Ambiental, quando estas deveriam ser dirigidas ao jornalismo sobre/de meio ambiente, forma de tratar o tema sem o envolvimento pela defesa da vida. Os pesquisadores que compreendem seu significado assumem a perspectiva crítica do jornalismo por creditarem a ele um papel educativo importante capaz de sensibilizar os leitores/ouvintes/telespectadores/internautas sobre os problemas socioambientais. Este é um aspecto importante no processo de conscientização necessário devido à gravidade dos problemas ambientais.

O jornalismo ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena. Para sua concretização é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada. Fundem-se, desta forma, a natureza

do jornalismo especializado com as demandas socioambientais que acabam por compor o horizonte de reflexão dos paradigmas emergentes. (GIRARDI et al. *apud* GIRARDI et al., 2015, p.377)

A partir de sua história, segundo Belmonte (2015), é possível propor um conceito descritivo e normativo de jornalismo ambiental: uma especialização temática, consolidada no Brasil na última década do século XX, comprometida com qualidade de vida planetária e com a construção social de uma realidade mais justa e ecológica. Está concentrado na contextualização socioambiental, na relação risco/limite, nos processos longos, na incerteza científica e na complexidade técnica, para unir e interpretar todas essas facetas com uma abordagem transversal, para ir além das consequências em busca das causas e soluções.

A cobertura de temas ambientais, que têm ramificações econômicas, políticas, sociológicas e de saúde pública, é uma atividade complexa (Nelson, 1994). As notícias e reportagens do jornalismo ambiental têm pelo menos quatro características comuns: a noção de risco, temas associados a processos longos, a incerteza científica e a complexidade técnica (Garcia, 2006). Todas as quatro características são incompatíveis com uma abordagem apressada e à distância, exigindo uma interpretação intensiva da atualidade em profundidade. No entanto, nem sempre há tempo e recursos financeiros suficientes para apurar uma pauta de perto com a precisão e a diversidade de olhares que os temas socioambientais exigem. As condições de produção precisam ser conquistadas. Não apenas nos veículos jornalísticos tradicionais, mantidos pelas maiores empresas de comunicação nacionais e regionais, mas também, e principalmente, nos pequenos empreendimentos. (BELMONTE, 2015, p.8-9)

Robert Cox (*apud* AGUIAR & CERQUEIRA, 2012, p.17) sintetizou a comunicação ambiental como “o veículo pragmático e constitutivo da nossa compreensão sobre o meio ambiente, bem como das nossas relações com o mundo natural; o meio simbólico utilizado na construção dos problemas ambientais e na negociação de diferentes respostas da sociedade a eles”. Para chegar a essa definição, Cox observou a diversidade de formas de comunicação sobre o meio ambiente como “ação simbólica”, em contraponto ao modelo racional de transmissão de informações. Nessa perspectiva sociossimbólica, a comunicação ambiental é considerada constitutiva porque ajuda a compor representações da natureza e de problemas ambientais de forma a serem compreendidos; e é pragmática porque contribui para a solução desses problemas, ao estudar os efeitos que essa comunicação tem sobre as percepções ambientais do sujeito e sobre a relação do ser humano com a natureza.

Mídia noticiosa e jornalistas ‘A mídia noticiosa atua não apenas como voz nas suas coberturas de temas e acontecimentos, mas também como condutora de outras vozes que buscam influenciar as atitudes do público. (...) É também uma força constitutiva por meio do seu papel de agendamento [agenda-setting]’, considerou Cox (2010, p. 35). Para ele, a diversidade de vozes e pontos de vista veiculados por essa mídia ilustra uma ampla variedade de abordagens de questões ambientais, com diferentes enquadramentos (frames). (AGUIAR & CERQUEIRA, 2012, p.17)

Para John (2001), diferente dos jornalistas de outras editorias como política, economia, esportes e lazer, o papel desempenhado pelos jornalistas ambientais ultrapassa os limites da notícia e penetra no campo da educação. Os jornalistas, que não têm, necessariamente, formação de educadores, acabam contribuindo para a formação de cidadãos “ambientalmente educados”, em suas tentativas diárias de traduzir as Ciências da Vida e da Terra para uma linguagem comum (JOHN *apud* LOOSE, 2010, p.35).

Na visão de Trigueiro, o que se convencionou chamar de Jornalismo Ambiental não é um conceito fechado. O jornalista entende o Jornalismo Ambiental como um gênero de cobertura bastante sensível aos estragos causados por um modelo de desenvolvimento que vem exaurindo, em velocidade assustadora e numa escala sem precedentes, os recursos naturais não renováveis do planeta, com impactos negativos sobre a qualidade de vida da população.

O universo é dinâmico. E cada peça do tabuleiro interage com as outras. Compreender e praticar a visão sistêmica são rudimentos importantes no exercício do jornalismo. E essa predisposição em enxergar sistemicamente será de grande valia na descoberta de novas pautas ou na abordagem mais completa dos mesmos assuntos. Em última instância, o que se pretende é qualificar o trabalho do jornalista não apenas para denunciar o que está errado, mas também para sinalizar rumo e perspectiva para a sociedade, através das histórias que conta ou escreve. (TRIGUEIRO, 2005b, p.4)

Nesse trabalho, foi usado o conceito de jornalismo ambiental apresentado por Bueno (2007), em *Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito*. O autor separa a Comunicação Ambiental do Jornalismo Ambiental, diferenciando os dois núcleos conceituais distintos associados ao meio ambiente.

Vamos assumir a Comunicação Ambiental como todo o conjunto de ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/ promoção da causa ambiental, enquanto o Jornalismo Ambiental, ainda que uma instância importante da Comunicação Ambiental, tem uma

restrição importante: diz respeito exclusivamente às manifestações jornalísticas. (BUENO, 2007, p.34)

A Comunicação Ambiental incorpora todas as atividades voltadas para a divulgação/promoção da causa ambiental, englobando inclusive o Jornalismo Ambiental, mas este se mantém vinculado ao trabalho realizado por um sistema de produção particular, o jornalístico. O Jornalismo Ambiental é o processo de captação, produção, edição e circulação de informações comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado.

Jornalismo Ambiental, que é jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que atuam na imprensa. Ele está definido tanto pelas matérias / colunas / editorias / cadernos sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente. (BUENO, 2007, p.34)

Bueno (2007, p.35) afirma ainda que o Jornalismo Ambiental desempenha inúmeras funções, mas é possível ressaltar de imediato três delas: 1) a função informativa; 2) a função pedagógica e 3) a função política. Conclui-se que o Jornalismo Ambiental não é permeado por imperativos éticos de isenção, mas – ao contrário – é comprometido. Ao desvelar a complexidade das tramas que aborda e perceber as intraconexões entre os seres humanos ou não humanos, o Jornalismo Ambiental se constitui como revolucionário (GIRARDI et al., 2015, p. 378). Belmonte (2015, p.70) também pensa dessa maneira quando assinala o potencial transformador dessa prática: o Jornalismo Ambiental, por definição, sempre vai questionar o sistema capitalista apontando caminhos para a sua reforma estrutural como a redução do consumo, a qualidade do crescimento e/ou para a sua possível superação a partir de novas formas de organização social.

2.2

A principal premiação de jornalismo do país

Nesta seção vamos falar sobre o Prêmio ExxonMobil de Jornalismo, classificado pelo site da premiação como “o mais tradicional e disputado programa de reconhecimento de mérito dos profissionais de Imprensa do Brasil”. Criado em 1955, completou 60 anos de existência ininterrupta em 2015.

Inicialmente levava o nome de "Prêmio Esso de Reportagem", passou posteriormente a denominar-se "Prêmio Esso de Jornalismo" e, atualmente, "Prêmio ExxonMobil de Jornalismo".

De 1955 até 2015, concorreram ao prêmio mais de 33 mil trabalhos jornalísticos. Dividido em diversas categorias, o conjunto de premiações reconhece os melhores trabalhos publicados anualmente, segundo avaliação de comissões de julgamento, integradas exclusivamente por renomados jornalistas e profissionais de comunicação.

Após 60 anos ininterruptos, o Prêmio ExxonMobil de Jornalismo cancelou sua edição de 2016. Em nota publicada no site do prêmio (2015), a multinacional de petróleo e gás norte-americana ExxonMobil, que patrocina a iniciativa, afirma que fará uma pausa para reavaliar o formato da premiação de modo a "contemplar tanto as tradicionais quanto as novas formas em que a atividade vem sendo exercida no país".

"Estima-se que [em 60 anos] mais de 33 mil trabalhos jornalísticos tenham sido avaliados pelas comissões de julgamento, premiando mais de mil trabalhos gráficos, reportagens e fotografias, laureando os melhores profissionais da imprensa brasileira", diz trecho da nota. A entidade não afirma se voltará a premiar produções jornalísticas a partir de 2017 nem se a pausa tem relação com questões orçamentárias.

Em 2015, além do prêmio principal, o concurso foi dividido em 13 categorias: fotografia, educação, informação econômica, informação científica, tecnológica ou ambiental, primeira página, criação gráfica/jornal, criação gráfica/revista, regional Norte-Nordeste, regional Centro-Oeste, regional Sul, regional Sudeste e telejornalismo.

Para a mídia impressa estavam destinadas 11 categorias (listadas abaixo), mais o Prêmio ExxonMobil de Reportagem e o Prêmio principal, que leva o nome do programa. Completava o conjunto, pelo 15º ano consecutivo, o Prêmio ExxonMobil de Telejornalismo, conferido ao melhor trabalho jornalístico exibido na televisão. Os valores destinados aos vencedores foram reajustados em 2015, totalizando R\$ 123.200,00 brutos. As categorias e valores dos prêmios são:

- Prêmio ExxonMobil de Jornalismo: R\$ 33 mil
- Prêmio ExxonMobil de Telejornalismo: R\$ 22 mil
- Prêmio ExxonMobil de Reportagem: R\$ 11 mil

- Fotografia: R\$ 11 mil
- Informação Econômica: R\$ 5,5 mil
- Informação Científica, Tecnológica ou Ambiental: R\$ 5,5 mil
- Educação: R\$ 5,5 mil
- Primeira Página: R\$ 5,5 mil
- Criação Gráfica Jornal: R\$ 5,5 mil
- Criação Gráfica Revista: R\$ 5,5 mil
- Regional Norte/Nordeste: R\$ 3,3 mil
- Regional Centro-Oeste: R\$ 3,3 mil
- Regional Sudeste: R\$ 3,3 mil
- Regional Sul: R\$ 3,3 mil

O maior valor de premiação vai para o Prêmio ExxonMobil de Jornalismo, seguido pelo de Telejornalismo e pelos de Reportagem e de Fotografia. O valor vai caindo em torno de R\$10 mil de um para o outro. Uma das categorias é o Prêmio Esso de Informação Científica, Tecnológica e Ambiental que é entregue à melhor reportagem de impresso sobre questões científicas, tecnológicas e ambientais. Devido ao crescimento do jornalismo ambiental, desde 2000, a temática do meio ambiente também passou a ser contemplada nessa categoria, que recebe R\$ 5,5 mil como as demais. Já as regionais, recebem R\$ 3,3 mil de prêmio. Os próprios jornalistas inscrevem os seus trabalhos para concorrer ao prêmio, partir do site www.premioexxonmobil.com.br. Para as inscrições de mídia impressa, os arquivos digitais dos trabalhos de texto e das fotos deverão ser anexados e remetidos com o formulário de inscrição no portal. Nas categorias de Criação Gráfica (Jornal/Revista) e Primeira Página o envio do formulário *online* é obrigatório, e cinco cópias do trabalho deverão ser remetidas por correio. As inscrições para o Telejornalismo seguem o mesmo padrão, porém, com a remessa de seis cópias em DVD do trabalho concorrente.

As comissões julgadoras do prêmio são formadas tradicionalmente por cinco jornalistas dos principais veículos da grande imprensa do país. Algumas edições do concurso, no entanto, apresentaram outra configuração, com a divisão de comissões para avaliar categorias específicas. As primeiras mudanças ocorreram em 1961 e 1962, quando foi criado um júri específico para avaliar os melhores trabalhos fotográficos. Durante o regime militar, entre 1964 e 1967, as comissões foram ainda mais desmembradas. Em 1964 e 1965, havia um corpo de jurados na categoria principal, comissões de fotografia e reportagem esportiva.

Em 1966 e 1967, foram criadas comissões regionais para selecionar reportagens produzidas no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

A partir de 1968, o Prêmio Esso voltou ao formato original com uma única comissão formada por cinco integrantes – em sua maioria, mas não exclusivamente, jornalistas. Essa configuração permaneceu até 1994. O grande número de inscritos foi uma das principais razões para a criação de um sistema de julgamento em duas instâncias: uma comissão de seleção passou a indicar três trabalhos finalistas em cada categoria, avaliados numa segunda etapa por uma comissão de premiação, responsável pelo resultado final.

A partir de 2000, foi incluída a comissão julgadora de fotografia, reunindo de 45 a 50 jornalistas e editores de fotografia. Em 2001, até hoje, com a criação do prêmio Especial de Telejornalismo, uma nova comissão de seleção e premiação foi criada para avaliar as reportagens dessa área. Também foi decidido não convidar mais os executivos de redações, diretores e editores-chefe para as comissões finais de premiação, para evitar questionamentos de favorecimentos a determinados grupos jornalísticos. Ainda assim, alguns veículos proibem a participação de seus profissionais no concurso.

Os jurados escolhem suas preferências a partir de dez critérios: importância do tema focalizado; interesse que desperta no público; boa técnica de redação; esforço do repórter; ineditismo; ética; apresentação geral da matéria; condições em que o trabalho foi realizado; veracidade da informação; contribuição social e sentido construtivo do tratamento a ele dispensado. Na pesquisa *Os 'consagradores': a atuação das comissões julgadoras do Prêmio Esso de Jornalismo (1964-1978)*, a partir dos relatos dos julgadores ao justificar a escolha dos premiados foi possível reunir os principais atributos valorizados pelo concurso no período.

A presente análise identificou os seguintes requisitos exigidos aos concorrentes: (1) pertinência e ineditismo do tema; (2) interesse público; (3) boa técnica de redação e apresentação geral da matéria; (4) arrojo e iniciativa do repórter; (5) condições em que o trabalho foi realizado; (6) seriedade profissional e competência intelectual e cultural; (7) veracidade da informação; (8) método de apuração (esforço de memorização); (9) apresentação de matéria em formato de série; (10) repercussão; (11) objetividade e (12) ética. (CASTILHO, 2011, p. 8)

Tais valores dizem respeito ao assunto abordado, mas principalmente ao modo de atuação do repórter e a qualidade do texto. Embora a pesquisa tenha um

foco temporal específico, muitos dos critérios defendidos pela comissão orientam o julgamento do prêmio ao longo de sua história.

O prêmio é patrocinado por uma das maiores companhias privadas de petróleo e petroquímica do mundo, a ExxonMobil está presente em cerca de 200 países e territórios. No Brasil, é a mais antiga petrolífera, com 103 anos de atuação. Atualmente, a companhia atua nas áreas de Exploração e Produção, Químicos e Prestação de Serviços nas cidades de Curitiba, São Paulo, Paulínia e Rio de Janeiro. A ExxonMobil apoia o jornalismo brasileiro há mais de 70 anos, com o patrocínio do "Repórter Esso", noticiário histórico do rádio e televisão brasileira e do Prêmio ExxonMobil de Jornalismo.

O Repórter Esso se tornou popular a partir dos anos 40. Retransmitido por várias emissoras pelo Brasil, o programa tinha como característica particular a produção de notícias curtas e diretas. Com grande influência do jornalismo norte-americano, o Repórter Esso foi o pontapé inicial para o desenvolvimento de uma premiação aos jornalistas que realiza bem a atividade jornalística.

Inspirado no prêmio americano *Pulitzer*, o Prêmio Esso de Jornalismo foi uma estratégia de *marketing* multinacional da ExxonMobil. No contexto histórico dos anos 50, a companhia tentava reverter a imagem negativa que carregava após ter liderado a campanha contrária à exploração do petróleo no Brasil.

2.2.1 A primeira e a última premiação

O primeiro ano da premiação contou com um único trabalho vencedor: a reportagem *Uma tragédia brasileira: os paus-de-arara*, dos jornalistas Ubiratan Lemos e Mário de Moraes, da revista *O Cruzeiro*. Na reportagem, os repórteres acompanharam a viagem de mais de 100 emigrantes nordestinos em um caminhão pau-de-arara. A produção, que durou 11 dias, começou da partida do veículo, em Pernambuco, e terminou na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. No texto vencedor, eram abordadas as frustrações e sonhos dos retirantes que buscavam uma vida melhor no Sul do país.

Essa primeira edição do prêmio foi “testemunhada” por pouco mais de 15 pessoas. A falta de público na edição, realizada no Rio de Janeiro, mostrou certo descrédito de grande parte da imprensa da época – e da própria empresa – pelo

concurso. O prêmio só viria a ganhar prestígio nos anos seguintes com a profissionalização do jornalismo no Brasil.

Em 2015, na 60ª edição, o Prêmio ExxonMobil de Jornalismo escolheu 14 vencedores, incluindo Telejornalismo, Reportagem e o Prêmio Principal, que leva o nome do programa. Os vencedores foram anunciados em outubro e a cerimônia de premiação aconteceu em novembro, no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro. Os valores destinados aos vencedores foram reajustados, totalizando R\$ 123.200,00 brutos. O especial multimídia *Líquido e Incerto - O Futuro dos Recursos Hídricos no Brasil* da *Folha de São Paulo* foi o vencedor do prêmio na categoria de Informação Científica, Tecnológica ou Ambiental.

A escolha dos vencedores foi realizada por profissionais com experiência de atuação nas redações. O julgamento dos trabalhos contou com a participação de cerca de 90 jurados, entre jornalistas, professores universitários e especialistas em comunicação. O processo é livre de interferência da patrocinadora.

Além do prêmio principal, foram contemplados outros 13 trabalhos, incluindo os prêmios ExxonMobil de Reportagem, Fotografia e Telejornalismo, e as 10 premiações de categoria de mídia impressa. Homenagem especial foi concedida pela comissão final de premiação à figura do Repórter, com a distinção de Melhor Contribuição à Imprensa. Em declaração, os jurados destacaram que "o jornalismo depende fundamentalmente do Repórter", e que a homenagem se estende "aos autores dos 1.021 trabalhos inscritos para a 60ª edição da premiação, aos milhares de ex-participantes ao longo de seis décadas e aos que levarão adiante a bandeira do Jornalismo" (PRÊMIO EXXONMOBIL, 2015).

Paulo Saldaña, Rodrigo Burgarelli e José Roberto de Toledo conquistaram o prêmio principal com o trabalho *Farra do Fies*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*. A série de reportagens investigou as mudanças ocorridas no programa em 2010. Além de entrevistas e análise de documentos, os repórteres cruzaram grandes bancos de dados, como o Censo de Educação Superior e Portal da Transparência, além de registros de mais de 300 instituições de ensino. O esforço revelou, entre outros aspectos até então ocultos, que o programa consumiu R\$ 28 bilhões em quatro anos, endividando alunos que dificilmente terão condições de ressarcir os cofres públicos.

O Prêmio ExxonMobil de Telejornalismo foi atribuído à equipe da Rede Record pela reportagem *As Eternas Escravas*, exibida no programa Repórter

Record Investigação, tendo à frente o jornalista Domingos Meirelles. A reportagem denunciou a escravidão de crianças em região próxima à Capital Federal, resultado de dois meses de apuração dos repórteres Lúcio Sturm, Gustavo Costa e Marcelo Magalhães. Após a exibição da reportagem, uma CPI foi criada pela Assembleia Legislativa de Goiás para apurar as denúncias.

O Prêmio ExxonMobil de Reportagem foi conquistado pelos jornalistas Cássia Almeida, Henrique Gomes Batista, Danilo Fariello, João Sorima Neto, Roberta Scrivano, Letícia Lins, Vivian Oswald e Fernando Eichenberg, com o trabalho *Anda e Para*, publicado no jornal *O Globo*. A série desatou o nó da mobilidade urbana no Brasil, destacando o impacto social do estímulo ao uso de carros em detrimento do transporte de massa. Foi demonstrada a situação de calamidade do transporte público brasileiro, as consequências brutais dos acidentes, mortes, poluição e como os meios alternativos de transporte ainda são incipientes no Brasil.

O Prêmio ExxonMobil de Fotografia coube ao repórter-fotográfico Dida Sampaio, ao registrar o momento em que a presidente Dilma Rousseff se exercitava em sua bicicleta, tendo ao fundo cenário alusivo à operação de combate à corrupção conhecida como Lava Jato. A *TV Folha* recebeu a distinção de Melhor Contribuição ao Telejornalismo pela reportagem *Boyhood Bolsa Família*, trabalho que se destacou pelo acompanhamento, por 10 anos, de famílias dependentes do programa social de distribuição de renda.

Coube às diversas comissões do Prêmio ExxonMobil, num total de 85 jurados, indicar os finalistas e vencedores após o exame de 1.021 trabalhos inscritos, sendo 512 reportagens e séries de reportagens impressas; 151 trabalhos fotográficos; 284 trabalhos de criação gráfica (Jornal, Revista e Primeira Página), 71 trabalhos de telejornalismo e três candidatos a Melhor Contribuição à Imprensa. A Comissão de Premiação que julgou os trabalhos de mídia impressa (à exceção da fotografia) foi composta pelos jornalistas, A.P. Quartim de Moraes, Lucila Soares, Luiz Antonio Ryff, Maria Cristina Carvalho e Plínio Fraga. Coube a esses profissionais examinar os 50 finalistas e apontar os vencedores das categorias, além do Prêmio ExxonMobil de Reportagem e do prêmio principal, o Prêmio ExxonMobil de Jornalismo 2015.

A Comissão de Premiação de Telejornalismo foi formada pelas jornalistas Cristina Rego Monteiro da Luz, Denise Lilenbaum e Theresa Walcacer, que

indicaram o vencedor dentre os dez finalistas. Uma comissão especial formada por 48 editores de fotografia dos principais veículos brasileiros e associações de fotógrafos profissionais foi encarregada de selecionar a foto vencedora do Prêmio ExxonMobil de Fotografia, igualmente dentre 10 finalistas.

Os trabalhos vencedores foram submetidos a um amplo processo de análise entre os meses de agosto e setembro, e que se estendeu até o dia 15 de outubro. Para merecer as distinções máximas de cada categoria, as reportagens de mídia impressa foram examinadas em três etapas por três comissões distintas. No total, estiveram envolvidos diretamente nas avaliações 32 jurados nos trabalhos de mídia impressa, 48 jurados nos trabalhos finalistas de fotografia e cinco jurados nos trabalhos de Telejornalismo. O Prêmio ExxonMobil utilizou-se mais uma vez do sistema *online* de inscrição e avaliação.

3

Estudos sobre jornalismo ambiental

A comunicação ambiental vem se constituindo como um amplo campo de práticas e estudos ainda pouco explorados na literatura acadêmica brasileira, na

qual predominam pesquisas empíricas sobre jornalismo ambiental e o papel da mídia na educação ambiental (AGUIAR & CERQUEIRA, 2012). Sonia Aguiar e Jean Fábio Cerqueira realizam uma análise bibliográfica comparada de cinco obras de referência publicadas nos Estados Unidos, que oferecem um panorama teórico e empírico das variadas linhas e vertentes de investigação que vêm constituindo o desenvolvimento desse campo. Um dos objetivos dos autores foi contribuir para futuras análises e uma nova agenda dessas pesquisas no país e na América Latina.

Pioneira nessa literatura, embora não utilize a expressão ‘comunicação ambiental’, a solióloga Alison Anderson (1997) analisou as imbricações da questão ambiental com a mídia e a cultura, com ênfase na visão crítica dos estudos culturais e nas ideias construtivistas, preocupando-se especialmente com os efeitos provocados pelos conteúdos veiculados pela mídia noticiosa. Sua abordagem apresenta muitas afinidades com o enfoque predominante nos estudos brasileiros, ainda fortemente concentrados no ‘jornalismo ambiental’ e na relação ‘mídia e meio ambiente’. (AGUIAR & CERQUEIRA, 2012, p.12)

O primeiro registro de uso acadêmico da expressão *environmental communication*, segundo Jurin, Roush&Danter (2010), apareceu em 1969, em um artigo publicado na edição inaugural do *Journal of Environmental Education* por seu editor-fundador Clarence A. Schoenfeld (*apud* AGUIAR & CERQUEIRA, 2012, p.13).

Dentre as pesquisas em jornalismo ambiental a área com maior número e variedade de estudos (inclusive no Brasil) é a mídia noticiosa em geral, centrados nas seguintes abordagens: o agendamento de temas ambientais pela mídia (*agenda-setting*), ou por agentes públicos ou privados sobre questões do seu interesse (*agenda-building*); os enquadramentos (*frames*) adotados nas narrativas, que geram certas percepções e não outras; os constrangimentos enfrentados no processo de produção das notícias em face da complexidade da questão ambiental; os efeitos da mídia na construção de valores ecológicos e formatação de comportamentos “ambientalmente responsáveis”.

Anderson, Corbett, Cox e Jurin, Roush&Danter destacaram a importância dos estudos de audiência e de recepção neste campo (em especial sobre as percepções da natureza e do ambiente construído), em função da premente necessidade de mudanças de atitude e de comportamento em virtude dos dilemas ambientais contemporâneos. Outro foco de investigação sinalizado por esses autores foi o perfil e o papel das fontes de informação e opinião, que Cox preferiu tratar como

‘vozes’, bem como suas disputas discursivas. (AGUIAR& CERQUEIRA, 2012, p.18)

O artigo “Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010” (GIRARDI et al., 2015) apresenta os resultados finais de uma pesquisa ampla sobre o estado da arte nas dissertações e teses sobre Jornalismo Ambiental no Brasil realizada entre 2011 e 2014 por pesquisadores ligados ao Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O trabalho tece um panorama da pesquisa sobre o tema por meio do mapeamento e análise das dissertações e teses sobre o assunto que estão cadastradas no Banco de Teses da Capes no período selecionado.

A partir da abordagem qualitativa, fez-se uma análise descritiva nos resumos dos trabalhos, buscando identificar os temas, referenciais teórico-metodológicos, objetos empíricos, relação com a educação e conceituação de Jornalismo Ambiental.

A análise dos 101 resumos encontrados permitiu que se detectasse em qual região existe maior fomento e interesse na área, o referencial mais utilizado, as lacunas mais recorrentes, dentre outros aspectos que caracterizam os estudos de estado da arte. Além das contribuições sobre como está sendo investigado o Jornalismo Ambiental no país, verificou-se que a compreensão deste conceito não está clara nem entre os próprios pesquisadores do assunto.

Os estudos sobre jornalismo ambiental ainda estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste, com predominância dos enfoques sobre produtos jornalísticos em busca do viés ambiental ou mesmo de caráter ambiental. A cobertura da mídia impressa (jornais e revistas) representa 78% da amostra. Os principais temas abordados foram Sustentabilidade, Amazônia, Natureza/preservação, mudanças climáticas/aquecimento global e transgênicos.

3.1 Estudos sobre prêmios em Jornalismo

Os prêmios em jornalismo também são objetos de estudos dos pesquisadores brasileiros. Segundo Dias (2014), o marco inicial dos estudos sobre prêmios em jornalismo, na década de 1990, seria a dissertação *Prêmio Esso e as*

transformações da reportagem (CASSOL, 1997), a primeira na área de Comunicação a respeito do assunto.

Esta dissertação pioneira estudou vencedores do Prêmio Esso de Jornalismo na região Sul do país, fazendo apontamentos sobre transformações da reportagem, vinculando-as à evolução do Jornalismo Impresso no contexto brasileiro. Este trabalho associava muito o prêmio em questão à modalidade de Jornalismo Informativo, de origem norte-americana, com a prescrição da impessoalidade, imparcialidade e isenção aos jornalistas, além de técnicas baseadas no referencial de Objetividade, como o lead, copydesk e a pirâmide invertida. (DIAS, 2014, p.6)

Quase dez anos depois, Magno (2006) classificou as reportagens ganhadoras do Prêmio Esso de Jornalismo, de 1956 a 2005, e verificou mudanças no perfil dos gêneros jornalísticos e preceitos relativos à objetividade em 50 anos de premiação. A autora indica, a partir das reportagens vencedoras do Prêmio Principal, mudanças significativas na tipologia de Jornalismo Investigativo. Analisando vencedores da premiação, em 51 anos (1955-2006), concluiu-se que não há mais reportagens sociais, a julgar pelo gênero de reportagem.

Em sua pesquisa, ela demonstra que apenas quatro exceções não se enquadram neste diagnóstico, sendo a ênfase das reportagens premiadas pelo Prêmio Esso (ou o ‘único tema premiado na categoria principal’) a corrupção política no Legislativo, no Executivo e no Judiciário (concentrada em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Brasília). A autora trabalha a questão de a reportagem ter se especificado no país como um gênero tipicamente denunciante. (DIAS, 2014, p.7)

Já a pesquisa de Passos (2007) analisa os vencedores do Prêmio Esso de Jornalismo na categoria Fotojornalismo e a produção de efeitos de sentido codificado (ou não) de sua amostra, traçando uma evolução histórica da fotografia no jornalismo. Em seguida, Castilho (2011) investiga as edições de 1964 a 1978 do Prêmio Esso de Jornalismo e as implicações na identidade profissional do jornalista brasileiro durante o Regime Militar. O autor estudou a premiação desde a instauração do regime (1964-1968), período de controle mais rigoroso da censura (1968-1975), até o início da abertura política (1975-1978), a partir de entrevistas com membros do júri e jornalistas premiados em algumas edições desses três períodos. Cassol (1997), Magno (2006) e Castilho (2011), ao abordarem o Prêmio Esso de Jornalismo, se dedicaram a investigar uma premiação que validava a modalidade de Jornalismo Investigativo, com todos os preceitos inerentes ao referencial de objetividade.

3.2 Análise das reportagens premiadas

Para entender por que as reportagens estão como estão, a jornalista Ana Beatriz Magno analisou, para sua dissertação de mestrado, as reportagens vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, desde sua criação em 1956 até 2005. A jornalista aplicou sobre o pódio do Esso uma adaptação da pergunta-chave que, segundo Nelson Traquina (2002), marca o nascimento da teoria da notícia: Por que as notícias são como são? O ser foi trocado pelo estar e a notícia pela reportagem. Com o estudo, foram identificados ciclos e fases que caracterizam o processo de produção e a publicação dos textos jornalísticos no país.

A análise dessas fases históricas nos levou à confirmação da premissa central, a de que a reportagem no país passou por profundas mudanças em menos de 100 anos e de que hoje ela vive um momento de crise e distanciamento de seus fundamentos conceituais. (MAGNO, 2006, p.16-17)

A pesquisadora utilizou seis critérios para analisar as reportagens premiadas: tema e enfoque; espaço, tempo e local de apuração; relação com a fotografia; fontes; estilo do texto e publicação: veículo e espaço. As reportagens foram divididas em sete categorias diferentes: Sociais; Fiscalizadoras do Estado; Internacionais; Culturais; Policiais; Esportivas e Econômicas.

A pesquisa aponta que desde 1997 um único tema fatura o Esso: corrupção política no Legislativo, no Executivo e no Judiciário, e concentrada em São Paulo, Rio e Brasília. Os textos obedecem sempre a mesma fórmula: objetividade, poucos adjetivos, muito *off* e farta documentação comprobatória.

A última reportagem social com enfoque nacional que venceu o Esso foi publicada em 1989. Tratava do assassinato de Chico Mendes e foi assinada por Zuenir Ventura, no *Jornal do Brasil*, com texto que virou livro, e que carrega o leitor para o faroeste amazônico, o Acre, com suas guerras pela terra, e com seus amores pela floresta. Leituras assim sumiram da imprensa e dos pódios. (MAGNO, 2006, p.16-17)

Atualizando a pesquisa de Magno, de 2007 até hoje, mais uma reportagem socioambiental recebeu a premiação principal. Em 2009, o prêmio foi para *Os Sertões*, do *Jornal do Commercio*, de Recife. A série de reportagens de Fabiana Moraes e Schneider Carpeggiani foi elaborada em razão da passagem dos 100 anos da morte do escritor Euclides da Cunha. Os repórteres revelaram um novo sertão, nos locais descritos por Euclides, após percorrer 4.713 quilômetros de

estradas, desde a Bahia até o Ceará, onde convivem vaqueiros e pirateadores, beatos e travestis, cantadoras de incelências e traficantes, padres e b-boys.

Reportagens Sociais tratam das grandes temáticas sociais do país e podem adotar enfoque nacional ou local. Costumam estar nas páginas das editorias de Brasil ou de Cidades e incluem a cobertura de políticas públicas, sob uma ótica que inclui a visão do cidadão e da autoridade. Sempre estão acompanhadas de fotorreportagem e no caso das com enfoque nacional, demandam viagens na etapa de apuração. Os textos costumam ser narrativos e longos. A publicação pode ser no formato de série, de caderno especial e/ou uma única reportagem. Na tabela abaixo, podemos verificar as reportagens sociais vencedoras do Prêmio Principal, seguida por análises realizadas por Magno (2006, p.83-87).

Tabela 1 - Reportagens sociais vencedoras do Prêmio Principal

Ano	Título da matéria	Veículo
1956	Uma tragédia brasileira: os paus-de-arara	<i>O Cruzeiro</i>
1957	180 dias na fronteira da loucura	<i>O Globo</i>
1959	Diário de um flagelado das secas	<i>O Estado de S. Paulo</i>
1960	Um rio desafia o Brasil	<i>Folha de S. Paulo</i>
1961	Adote uma criança	<i>Jornal do Brasil</i>
1963	Guapé será apenas um retrato na parede	<i>O Cruzeiro</i>
1964	Cem dias na Amazônia de ninguém	<i>Jornal do Brasil</i>
1972	Edição Especial sobre a Amazônia	<i>Revista Realidade</i>
1973	Expedição de contactação dos Índios Kranhacarore	<i>O Estado de S. Paulo</i>
1989	As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes	<i>Jornal do Brasil</i>

São dez reportagens e nove temas sociais diferentes: migração, doença mental, seca, integração regional, infância, habitação, meio ambiente, índio e conflitos agrários, respectivamente. A temática social é muito vasta, o que a diferencia do "jornalismo fiscal do poder", sempre focado na corrupção política.

Mas apesar das temáticas diferenciadas, abordam mazelas da pobreza, talvez com a função social de apresentar para a elite as faces da desigualdade. Nove das dez reportagens exigiram viagens para a apuração. A reportagem social é desbravadora, mostra para o leitor outras terras, outros costumes e outros dramas que vão além dos que ele vê da janela. Para fazê-la o repórter tem que gastar sola de sapato e a empresa tem que gastar dinheiro.

Todas foram publicadas em jornais ou revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Aqui há várias leituras diferentes e possíveis, desde a mais provável, a de que o Esso é tendencioso e só premia o Rio e São Paulo, em detrimento de grandes reportagens produzidas Brasil afora. Menos discutível, no entanto, é o fato de que as grandes reportagens com enfoque nacional são empreitadas caras e apenas os grandes veículos têm condições de bancá-las.

Das dez reportagens, oito tiveram textos longos e com rico vocabulário, tanto em substantivos quanto em adjetivos, sendo que uma delas, a de 89, virou livro. Há textos preciosos, como o da edição especial sobre a Amazônia, publicada na *Realidade*, depois de cinco meses de viagem, 30 mil fotografias e 16 jornalistas no meio da selva. A importância da reportagem social fica evidente no texto abaixo. O repórter carrega o leitor para dentro da Amazônia. Carregou em 1972 e carrega ainda hoje - prova de que a narrativa típica das grandes reportagens pode romper com a efemeridade da notícia e virar um documento sobre determinado tema. Mas isso só ocorre, diferentemente da literatura, graças a uma apuração rigorosa das informações e não apenas pela beleza das palavras.

Seis foram publicadas no formato de série e as outras quatro numa única publicação, sendo que todas ocuparam espaço generoso nas páginas dos jornais e revistas. A reportagem social privilegia a narrativa, atrai profissionais que sabem e gostam de escrever e, inevitavelmente, demanda um bom espaço de publicação.

Todas tiveram fontes mistas: autoridades e brasileiros anônimos. Há raros recursos de *off*. Há três categorias de fontes nas reportagens sociais: os olhos do repórter, a voz dos cidadãos comuns e a versão das autoridades. Estão todas no mesmo texto e isso faz uma enorme diferença para quem lê. Mostra que a realidade não é feita apenas pela opinião, pelos erros e acertos das autoridades.

Apenas uma é posterior a 1980. Três são nos anos 50, quatro nos anos 60 e duas nos anos 70. A concentração de premiados está entre os anos 50 e 70, período que corresponde ao nascimento e amadurecimento da reportagem no país.

Das 10 premiadas, há três publicadas durante a ditadura, sendo duas nos anos de chumbo, o que representa outro dado importante: o de que, com a censura, os jornalistas procuravam a reportagem social para dizer, de alguma forma, que as coisas não estavam indo tão bem no regime militar. O último ano em que uma reportagem social com enfoque nacional venceu, a série de reportagens de Zuenir Ventura sobre Chico Mendes, foi em 89, ano da eleição de Collor e o início do ciclo das grandes denúncias sobre corrupção na política.

Todas as dez reportagens estavam acompanhadas de fotorreportagem, sendo que a de 64 ela mesma já era um ensaio fotográfico. O casamento foto e texto é uma característica fundamental da reportagem social (...). Na reportagem social a multiplicidade de linguagens ajuda no mergulho no tema e não há necessariamente uma hierarquia da palavra sobre a foto. A vencedora do Esso de 64 é um exemplo disso. O prêmio foi para a série de fotografias de Walter Firmo sobre a Amazônia. O jornalista é personagem de metade das reportagens e escreve na primeira pessoa. Em três delas, os repórteres optaram pelo anonimato e não se identificaram durante a apuração.

A reportagem social é a casa do repórter que escreve bem. Por outro lado, os textos em primeira pessoa refletem também um estilo comum dos anos 50 e 60, ainda marcados pelo jornalismo de autor. Apesar da importância dos temas abordados, nenhuma gerou escândalos ou mudanças sociais, o que não é um problema da reportagem, mas do Brasil, onde as mazelas sociais não escandalizam as autoridades, não deixando de ser mazelas.

3.3

Jornalismo Literário

O Jornalismo literário é a modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura. Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo. Essa é a definição de Edvaldo Pereira Lima co-fundador da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL).

Vamos adotar o conceito apresentado por Felipe Pena (2006), que vê o jornalismo literário como amplo, não se tratando apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O autor apresenta sete imprescindíveis itens do gênero: potencializar os recursos do jornalismo; ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, sem estar preso à hora de fechamento do jornal; proporcionar visões amplas da realidade; exercer plenamente a cidadania; romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários, ou seja, as fontes oficiais, que ocupam cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa, mas criar alternativas para ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, os pontos de vista nunca abordados; e, principalmente, garantir profundidade e perenidade aos relatos.

No Brasil o jornalismo literário também é classificado de diferentes maneiras. Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *new journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística. Eu considero todas as opções acima. Mas trato-as como subgêneros do jornalismo literário. (PENA, 2006, p.13)

As características apontadas por Pena são identificadas na série de reportagens *As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes*, que tem uma estrutura narrativa que faz lembrar o caráter literário das grandes reportagens do *new journalism*, expressão que passou a ser utilizada para classificar a tendência de se introduzir técnicas ficcionais na descrição de fatos reais (MOURA, 2007). O *New journalism* ou Novo Jornalismo é uma corrente jornalística que teve alta visibilidade nos Estados Unidos dos anos 1960. Os escritos de Norman Mailer (1923-2007), Truman Capote (1924-1984) e Gay Talese (nascido em 1932) influenciaram jornalistas do mundo todo.

Em *Caco Barcellos – o repórter e o método*, Sandra Moura pesquisa e revela o processo de investigação do premiado jornalista, experiente no jornalismo investigativo policial, relacionando seus métodos e escrita ao *New Journalism*. A revelação é feita a partir da pesquisa dos documentos de *Rota 66: a história da polícia que mata*, lançado por Barcellos, em 1992, resultado de uma investigação meticulosa e audaciosa sobre o perfil da vítima da Polícia Militar

durante o patrulhamento das ruas de São Paulo. A investigação mostra a intrincada rede que forma o 'esquadrão da morte oficial'. A obra de Barcellos é dividida em três partes. A pesquisa desses documentos foi o objeto da tese de doutorado de Moura defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em setembro de 2002. Moura realiza o acompanhamento do processo de produção do livro-reportagem, sendo possível acompanhar as escolhas de determinados recursos narrativos, colocando o jornalismo, a crônica e a literatura em diálogo.

Rota 66 tem uma estrutura narrativa não muito comum ao texto jornalístico. Há algo que faz lembrar o andamento literário das grandes reportagens do chamado *new journalism*. A expressão passou a ser utilizada para classificar a tendência de se introduzir técnicas ficcionais na descrição de fatos reais. (MOURA, 2007, p.217)

Moura aponta o diálogo como um dos recursos empregado para dar vivacidade à narrativa. Compreendido, genericamente, como a forma de composição em que mais de uma pessoa expõe seu ponto de vista, o diálogo surge como um recurso expressivo. Ele confere à narrativa jornalística um tom de descontração, de realismo e, de certa forma, de coloquialismo. A pesquisadora cita Tom Wolfe, um dos expoentes do *new journalism*, que justificou o uso desse procedimento no jornalismo, dizendo que o diálogo realista envolve o leitor de uma forma mais completa do que qualquer outra técnica:

Ele também estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro recurso. (Dickens tem um jeito de fixar o personagem em nossa mente de modo que se tem a sensação de que ele descreveu cada milímetro de sua aparência – e, quando a gente se dá o trabalho de voltar atrás, descobre que na verdade ele se desincumbiu da descrição física em duas ou três frases, o resto conseguiu no diálogo). Os jornalistas trabalhavam o diálogo em sua plena e mais completamente reveladora forma no mesmo momento em que os romancistas o eliminavam, usando o diálogo de maneiras cada vez mais crípticas, estranhas e curiosamente abstratas. (WOLFE *apud* MOURA, 2007, p.218)

Moura apresenta também o artifício do status de vida, que está relacionado com o registro de hábitos, maneiras, costumes, modos de vida, vestuário, atitudes, comportamentos, entre outros recursos empregados a fim de se compreender o cenário, a época, e o estado físico e psicológico dos personagens.

Tom Wolfe acredita ser possível, por meio do relato desses detalhes, a pessoa expressar sua posição diante do mundo, suas inseguranças, lembranças, ambições

e desejos, assim como acontecia com Balzac, que se utilizava do detalhe para explicar ou revelar algum aspecto do status. (MOURA, 2007, p.218)

O *New journalism* permite ainda que o narrador mude o ponto de vista, podendo estar em primeira pessoa e mudar para a terceira, ao contrário do jornalismo tradicional, centrado na terceira pessoa do singular para marcar um suposto distanciamento do repórter dos fatos narrados. Não há rigidez na escolha do ponto de vista (MOURA, 2007, p.219).

Moura afirma que Caco Barcellos teve influência do *New journalism* por ter lido seus autores como Truman Capote e Gay Talese, mas também pela convivência com jornalistas que aderiram às técnicas no Brasil, como Marcos Faerman, com quem trabalhou em *Versus*, na década de 70. Outro recurso do Novo Jornalismo utilizado por Barcellos foi a técnica de se infiltrar para sentir na pele as mesmas situações passadas pelos personagens. O crime, tema recorrente do trabalho de Barcellos, também é um tema de interesse do *new journalism*. De certo modo, os novos jornalistas se interessam pelos casos estranhos, incompreensíveis e que se mantêm no plano insólito (MOURA, 2007, p.220).

O *new journalism* surgiu nos Estados Unidos no período em que o país vivia um momento de forte efervescência cultural, social e comportamental, influenciada principalmente pelo movimento *hippie*. Uma revolução de costumes veio à tona para questionar as tradições e trazer a irreverência da juventude e a criatividade de distintas manifestações artísticas. Foi a tendência que reviveu a tradição do jornalismo praticado com requintes literários, revigorando a reportagem norte-americana das décadas de 1960 e 70.

Tom Wolfe (nascido em 1931) é outro expoente do movimento. Doutor em Estudos Americanos por Yale, uma das cinco principais universidades norte-americanas, Wolfe se tornou uma espécie de pensador do movimento ao lançar *Radical Chic* e o Novo Jornalismo. Na obra ele define os quatro principais recursos literários empregados pelos jornalistas literários: construção cena a cena, diálogos, ponto de vista de terceira pessoa e detalhes simbólicos do status de vida do indivíduo (MARTINEZ, 2009, p.78-79).

Autores como o norte-americano Normam Sims, professor do Programa de Jornalismo do Departamento de Comunicação da *University of Massachusetts Amherst*, sugerem que o jornalismo literário inspira-se nos escritores do século 17

como o londrino Daniel Defoe (1660-1731). Defoe publicou, em 1722, *O Diário do Ano da Peste*, livro no qual descreve minuciosamente a epidemia de peste bubônica que vitimou, segundo o escritor, 100 mil pessoas na capital inglesa em 1665 (MARTINEZ, 2009, p.74).

O novo jornalismo buscava sentir a realidade no aspecto objetivo e subjetivo, com reportagens marcadas por traços da vida dos personagens, identificados em detalhes, com o calor dos acontecimentos relatados. Os jornalistas da época chegavam a conviver com os personagens em seus ambientes de moradia, trabalho e lazer, fazendo parte dos seus cotidianos, pois não se contentavam em interagir por apenas alguns minutos. Entre as técnicas mais utilizadas, destacamos quatro (PESSA, 2011, p.27):

1. Ponto de vista: centralização da narrativa sob a perspectiva de um dos personagens, incluindo o narrador, que de forma intensa conduz ao fluxo de consciência, entrando no pensamento do personagem com base no que este exterioriza;

2. Símbolos do status de vida ou do cotidiano: gestos, hábitos, modo de vestir, pertences, objetos, ambientes e tudo o que sirva para ajudar a captar a realidade dos personagens e cenários relatados, situando-os junto ao leitor;

3. Diálogos: mais soltos e envolventes, de modo mais natural possível para que os personagens se sintam a vontade;

4. Construção cena-a-cena: recurso que dinamiza o acontecimento, trazendo-o do momento passado para o presente, numa sequência de ações que permite ao leitor acompanhar o encadeamento dos fatos a medida em que eles se desenvolvem.

Martinez indica as oito características apontadas por Mark Kramer, co-autor de *Literary Journalism* (Ballantine Books, 1995) que sistematizam o Jornalismo Literário: imersão do autor; atuação ética do autor com o leitor e com a fonte; prestar atenção e escrever sobre acontecimentos rotineiros; ter voz autoral; ter estilo; a posição móvel do autor; arte de conferir uma estrutura adequada à história e a criação de sentidos, com o uso de símbolos e metáforas para facilitar a conexão com o leitor.

No Brasil, a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* são sempre citados como os expoentes máximos dessa onda de Jornalismo Literário nos anos 1960. A revista *Realidade*, da Editora Abril, chegou a tirar 500 mil exemplares por mês

graças à competência de profissionais como José Hamilton Ribeiro, Sérgio de Souza, Narciso Kalili, Luiz Fernando Mercadante, Roberto Freire e Paulo Patarra (MARTINEZ, 2009, p.79). José Hamilton Ribeiro ganhou em 1967 o primeiro de seus sete prêmios Esso pela reportagem *A vida por um rim*.

Há dois autores que se destacam na história do Jornalismo Literário no Brasil. O primeiro é, sem dúvida, o engenheiro Euclides da Cunha (1866-1909), que cobriu a insurreição de Canudos para o jornal *O Estado de S. Paulo* em 1897. Pelos cinco anos seguintes, aproveitou o material excedente para escrever *Os Sertões*, lançado em 1902. O segundo é João do Rio (1881-1921), pseudônimo mais famoso de Paulo Barreto, que a partir de suas crônicas registra a fenomenal transformação que a então capital brasileira vivenciava. Um dos pontos de ligação dos dois autores com o Jornalismo Literário contemporâneo é a tentativa de, em lugar de heróis, dar voz às pessoas comuns (MARTINEZ, 2009).

Ventura utiliza outros recursos do Jornalismo Literário, além de dar voz às pessoas comuns, na série analisada. Constituída por reportagens publicadas durante nove dias seguidos no *Jornal do Brasil*, forma uma unidade narrativa que vai além da temática. Podemos destacar o uso das figuras de linguagem, entre outros recursos estilísticos. A conotação empregada em algumas palavras e expressões reforça a expressividade dos acontecimentos. Nos seguintes trechos retirados das reportagens, observamos, no primeiro, o emprego metonímico do nome Chico e no segundo, o sentido de hipérbole na última sentença.

Durante um mês, encontrei cada líder com que conversava um pedaço de Chico. Depois, somei todas as partes e, por mais que somasse, nenhum resultado deu um Chico Mendes inteiro. (VENTURA, 2003, p.75)

Genésio, o durão, que não tinha medo, que se orgulhava de não chorar, desabava. Sem lenço, recorria à camiseta verde, que ficou encharcada. Genésio chorou naquela hora catorze anos. (VENTURA, 2003, p.85)

Chico Mendes aparece não somente como personagem, mas como tema universalizante da obra. Ventura emprega técnicas literárias de narração, ao contar os fatos apurados a partir de entrevistas e investigações. Ventura também utiliza a técnica literária conhecida como fluxo de consciência, que consiste na apresentação de características psicológicas dos personagens. Podemos observar esse aspecto tanto no narrador quanto nos personagens. Em seguida falaremos

sobre o livro-reportagem, onde as fronteiras entre jornalismo e literatura se dissipam ainda mais.

3.4

Livro-reportagem – fronteira jornalístico-literária

O livro-reportagem é o espaço onde a fronteira entre o jornalismo e a literatura pode ser ainda mais sutil. O livro-reportagem (LIMA *apud* CUIAIS, 2010) é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística. Por grau de amplitude superior, se entende maior ênfase ao tratamento do tema em foco nos aspectos extensivo e intensivo. Para Lima, a função particular do livro-reportagem seria:

Informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. (LIMA, *apud* CUIAIS, 2010, p.21)

O livro-reportagem prolonga o ciclo de existência dos acontecimentos, veiculados inicialmente pela imprensa periódica, levando informação ampliada sobre temas de relevância social, com uma maior variedade temática quanto aos meios de comunicação periódicos.

Em comparação com os outros meios de comunicação, o formato livro-reportagem oferece uma série de liberdades (LIMA, 1993) que possibilitam um melhor enquadramento da realidade em termos de pauta. Entre elas, está a liberdade temática — a partir dela, “o jornalismo ganha no livro uma forma de estender o seu poder de comunicação. (LIMA, *apud* CUIAIS, 2010, p.7)

As outras liberdades do livro-reportagem seriam a angulação – por se tratar de uma obra do autor, ele não possuiria comprometimento com as grandes empresas jornalísticas; a liberdade de fontes, com a possibilidade de escrever uma grande reportagem através de depoimentos de fontes variadas; a liberdade temporal, rompendo com os ganchos da notícia periódica; a liberdade do eixo de abordagem, o que permite que o livro-reportagem mergulhe a fundo nas causas de um acontecimento; liberdade de propósito, ao esclarecer em profundidade um determinado tema, indo além do papel noticioso.

Como na reportagem e ao contrário do jornalismo factual, no livro-reportagem, as informações não precisam estar dispostas na ordem hierárquica de construção da notícia, utilizando técnicas narrativas mais flexíveis, com a possibilidade de aprofundamento no tempo e no espaço, propondo um quadro interpretativo.

Dessa forma, as grandes reportagens dos jornais que, frequentemente, resultam em livros-reportagem, como foi o caso de 1968: o ano que não terminou e Chico Mendes: crime e castigo, possibilitam o aprofundamento dos fatos e de seu contexto. Ela age como uma experiência de liberdade ao aprisionamento das técnicas convencionais de tratamento da notícia, como o lead e a pirâmide invertida. A reportagem como tipo de jornalismo interpretativo, ao buscar uma amplitude da compreensão de temas da realidade, rompe com o apego ao factual da notícia, especificidade que o livro-reportagem também absorve. (CUIAIS, 2010, p.6)

Quando Euclides da Cunha foi escalado, em 1897, pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para cobrir a Guerra de Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, na Bahia, a ordem era noticiar o que estava acontecendo no local. Como correspondente do jornal, sensibilizado pela experiência de vivenciar parte da guerra, o jornalista traçou um importante estudo e relato sobre a terra, o homem e a luta do sertão nordestino. Um relato que é utilizado como fonte de pesquisa, devido ao seu teor científico, e como literatura, graças à forma como foi escrito. A reportagem de Euclides da Cunha foi a origem do livro *Os Sertões*, grande clássico da literatura nacional, publicado cinco anos após a viagem do repórter a Canudos.

Em *Chico Mendes: crime e castigo*, Zuenir Ventura retorna após 15 anos da morte do líder seringueiro a Xapuri, no Acre, para identificar as mudanças ocorridas na região e adicionar as atualizações à série de reportagens publicadas em 1989 e 1990, ano da morte de Chico Mendes e do julgamento dos criminosos, respectivamente, que juntas compõe o livro, publicado em 2003. Essa preocupação, de atualização, por exemplo, passa longe do exercício da imprensa cotidiana. Adiante, falaremos mais sobre o livro.

3.5

Estudos sobre Chico Mendes - Crime e Castigo

Nesta seção falaremos sobre outros trabalhos que estudam esta obra de Zuenir Ventura, como *Amazônia em “Chico Mendes: crime e castigo” – uma*

caracterização dialógica (ELIZIÁRIO & CATALÃO JR, 2011) que apresenta os resultados de uma análise discursiva do livro-reportagem. O objetivo geral era responder à questão: como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem, usando como metodologia de análise de discurso a perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin. Os resultados referem-se à caracterização que o autor faz da natureza amazônica; das relações da Amazônia com o meio ambiente; das relações humanas e sociais; e a maneira como é situada a Amazônia em relação ao país. Os aspectos particulares identificados foram articulados em uma compreensão integrada sobre a caracterização que o autor faz da região.

Os discursos, em sua maioria, acompanhados de estranhamentos, acabam situando a Amazônia como um lugar afastado, em relação ao país, portanto, arcaico e atrasado. Por meio de comparações das realidades da região com as de outros lugares do país, Ventura destaca uma situação de atraso na região, um lugar sem subsídios necessários para a efetivação do desenvolvimento social. (ELIZIÁRIO & CATALÃO JR, 2011, p.15)

Os autores apontam, nas considerações, que quanto à caracterização da natureza amazônica, pôde-se perceber que os discursos indicam sempre uma natureza selvagem. Os obstáculos apontados por Ventura, os perigos que ele diz ter enfrentado, a angústia, o medo, as descobertas extraordinárias, são traços observados na voz do autor quando descreve a natureza amazônica, indicando-a como uma natureza mais propícia aos bichos e não à convivência humana. Já no que se refere à caracterização das relações entre o homem e a natureza da região, os discursos enfatizam a Amazônia com uma grande diversidade de riquezas naturais sofrendo as intervenções humanas. De um lado as atividades extrativistas, que primavam pela preservação dos recursos naturais e de outro, as ações dos grandes latifundiários, madeireiros e agropecuários, indicados como o grupo que age de forma desordenada e predatória sobre a natureza.

A caracterização das relações humanas e sociais na região amazônica são suscitadas pelo autor como resultados da falta de políticas públicas voltadas para as necessidades da população, transmitindo, assim, a imagem de um espaço amazônico de relações sociais contrastantes, onde o povo constrói suas próprias estratégias para sobreviver e conviver com os diversos problemas sociais na região resultantes da ineficiência de gerenciamento do poder público.

Considera-se que a pesquisa participou do grande diálogo presente na obra de Ventura, isto é, possibilitou a identificação das posições assumidas pelo autor - as falas alheias utilizadas, afirmadas, negadas, confirmadas - apresentadas aqui como comprovação das relações dialógicas que constroem a Amazônia como realidade semiótica. Espera-se que os resultados possam contribuir para uma compreensão integrada sobre a caracterização da Amazônia no livro de Zuenir Ventura. (ELIZIÁRIO & CATALÃO JR, 2011, p.15)

O próximo trabalho se aproxima mais da nossa proposta de análise. Em *Literatura e Jornalismo: um estudo sobre jornalismo literário e análise da obra Chico Mendes: crime e castigo de Zuenir Ventura* (SILVA, 2012), a autora tem por objetivo discutir, dentro de uma perspectiva histórica e teórica, o conceito de jornalismo literário, procurando compreender as características formadoras desse gênero jornalístico a partir das relações entre as áreas do conhecimento jornalismo e literatura. Silva faz um estudo sobre a influência do *New Journalism* através do panorama histórico e crítico, além de levantar uma breve discussão sobre os modos de fazer do jornalismo literário. O corpus de análise é formado pelo livro-reportagem *Chico Mendes: crime e castigo*. A metodologia aplicada partiu da revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa sobre jornalismo literário e suas maneiras de apresentação nas perspectivas de Pena (2006), Vilas Boas (2003, 2007), Piza (2008) e Castro (2010), além das reflexões sobre a convergência entre literatura e jornalismo de Bulhões (2007).

Uma característica notória em todo o livro é a convergência dos gêneros discursivos dentro do próprio livro, com destaque para o gênero jornalístico da entrevista. Anotações, diários, listas, depoimentos, são outros gêneros discursivos que também estão presentes na obra de Zuenir Ventura. Vale ressaltar que os citados gêneros compreendem, inicialmente, os textos denominados de não-ficção. (SILVA, 2012, p.24)

A autora afirma que a narratividade passa a ser um ponto que transcende e ao mesmo tempo une os campos do conhecimento jornalismo e literatura. O livro-reportagem *Chico Mendes: crime e castigo* mostra a temática da luta pela preservação da Floresta Amazônica, da busca pela justiça no assassinato de um líder notório dessa luta. Conclui-se que, nesse sentido, a transmutação do texto das páginas do jornal para as páginas do livro mostra o potencial que o jornalismo literário tem para transformar o convencionalismo que se faz presente em algumas das outras áreas do jornalismo.

Sobre o conceito de jornalismo literário, verificamos que o estilo de escrita literária, utilizando linguagem conotativa, figuras de linguagem e apropriação dos gêneros discursivos, classicamente reconhecidos como literários, aliados a métodos jornalísticos de construção da notícias, formam esse gênero (jornalismo literário) que está presente na mídia jornalística mas ainda precisa de mais visibilidade e valorização. (SILVA, 2012, p.25)

A autora reforça que compreender a influência do *New Journalism* e os modos de fazer do jornalismo literário contribui para entendermos de forma contextualizada as possibilidades de produção desse gênero jornalístico. É o que abordaremos no próximo capítulo. Na monografia de conclusão de graduação, *A grande reportagem: o jornalismo literário de Zuenir Ventura* (Cuais, 2010), a autora analisa como o jornalista escritor Zuenir Ventura abordou a experiência jornalística em seus livros-reportagem: *1968: o ano que não terminou*, *Cidade partida*, *Chico Mendes: crime e castigo*. O objetivo do trabalho foi estudar como o autor desenvolveu o eixo temático da narrativa e os recursos estilísticos que utilizou para compô-la, debatendo a função do livro-reportagem, as técnicas estilísticas que esse gênero herdou do *new journalism*, assim como os conceitos de notícia e reportagem. Também apresentada a distinção de como o discurso jornalístico e o literário abordam o "real".

Na primeira obra, ao narrar os acontecimentos que marcaram o país em 1968, Ventura descreve com um olhar distanciado até mesmo situações que vivenciou. Já no último livro, ele narra o assassinato de Chico Mendes com um olhar onisciente e onipresente que descreve até os pensamentos dos personagens envolvidos, tudo com base em suas experiências e nos depoimentos recolhidos. No entanto, permanece em comum nos três livros a qualidade literária e jornalística do autor. A primeira, visível no emprego de sofisticadas técnicas literárias, a outra, quanto ao alto nível da apuração (Cuais, 2010, p.12).

4

Descrição do estudo

Neste capítulo, vamos apresentar um levantamento das reportagens com temáticas socioambientais vencedoras da categoria principal do Prêmio Esso de Jornalismo desde sua criação em 1956 até 2015. Verificar, a partir da Análise de Conteúdo, quantas reportagens socioambientais foram premiadas, em quais anos ganharam o prêmio, em quais veículos foram publicadas, quais histórias contavam, com quais estratégias narrativas. A escolha de reportagens premiadas objetiva trabalhar com bons exemplos de cobertura ambiental no país para descrever as melhores práticas jornalísticas. Além de examinar as representações sobre interesse público pela comunidade dos jornalistas, já que os jurados fazem parte da mídia nacional.

Dentro desse recorte, a vencedora de 1989, *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes*, série de reportagens de Zuenir Ventura, publicadas no *Jornal do Brasil*, será analisada à luz da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2005), que propõe o estudo das narrativas como estratégias organizadoras do discurso jornalístico. A metodologia em questão sugere a análise da construção de significados através da reconfiguração do acontecimento jornalístico, seus conflitos, episódios funcionais, personagens, estratégias de objetivação e subjetivação e do contato entre jornalistas e audiência.

A proposta desse trabalho é analisar reportagens nacionais impressas com abordagem ambiental. Buscando trabalhar com bons exemplos de cobertura ambiental no país, a pesquisa foi restrita às reportagens vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, de modo a descrever as melhores práticas jornalísticas. A pesquisa, com caráter analítico, busca também incitar a discussão sobre o papel do jornalismo na sociedade e a tarefa de colocar a reflexão ambiental como ponto fundamental da rotina jornalística. A pesquisa concentra-se nas reportagens com temáticas ambientais vencedoras da categoria principal do Prêmio Esso de Jornalismo desde sua criação em 1956 até 2015.

4.1

Metodologia

A escolha da análise de conteúdo foi definida a partir da natureza do objeto, histórico e com múltiplas possibilidades de leitura, como tempo de apuração da reportagem, espaço de publicação, natureza do veículo, qualidade do texto, tema da reportagem, ângulo de abordagem. A análise de conteúdo permite uma abordagem quantitativa e qualitativa dos dados.

A metodologia foi escolhida para a realização do levantamento das reportagens com temáticas socioambientais vencedoras da categoria principal do Prêmio Esso de Jornalismo desde sua criação em 1956 até 2015. A partir da Análise de Conteúdo é possível verificar quantas reportagens socioambientais foram premiadas, em quais anos ganharam o prêmio, em quais veículos foram publicadas, quais histórias contavam, com quais estratégias narrativas.

Consideramos que a obra de Laurence Bardin possui uma ancoragem consistente no rigor metodológico, com uma organização propícia à compreensão aprofundada do método e, ao mesmo tempo, traz aos pesquisadores um caminho multifacetado que caracteriza a Análise de Conteúdo como um método que, historicamente e cotidianamente, produz sentidos e significados na diversidade de amostragem presentes no mundo acadêmico (FARAGO & FOFONCA, 2011).

Para Bardin (2009), a análise de conteúdo, enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens “(...) a análise de conteúdo se faz pela prática” (BARDIN, 2009, p.51). As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pólos, conforme Bardin: 1. A pré-análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (2009, p.121). Para uma aplicabilidade coerente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados, a Análise de Conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização. A pré-análise, primeira fase dessa organização objetiva a sistematização para que o analista possa conduzir as operações de análise.

A análise qualitativa foi realizada à luz da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, de Luiz Gonzaga Motta (2005), que propõe o estudo das narrativas como estratégias organizadoras do discurso jornalístico. A metodologia em questão sugere a análise da construção de significados através da reconfiguração

do acontecimento jornalístico, seus conflitos, episódios funcionais, personagens, estratégias de objetivação e subjetivação e do contato entre jornalistas e audiência.

Ao longo da análise, serão aplicados os procedimentos de análise pragmática da narrativa jornalística, que pressupõe a análise de um conjunto de notícias isoladas sobre um mesmo tema publicadas dia após dia, que aparentemente não possuem narratividade. A proposta é integrar essas notícias isoladas em um conjunto significativo, como uma história única: um acontecimento, com o objetivo de juntar o que a dinâmica da atividade jornalística separa. Reunir as notícias diárias em episódios e sequências maiores, como se fossem um acontecimento único e singular.

As narrativas são formas de relações que se estabelecem por causa da cultura, da convivência entre seres vivos com interesses, desejos, vontades e sob os constrangimentos e as condições sociais de hierarquia e de poder. Nesse processo, não há objetos isolados, tudo é sempre relacionado ao todo no qual ganha significação e para o qual contribui, tornando-o mais significativo.

Durante o trabalho de análise qualitativa, serão aplicados os movimentos abaixo, propostos por Motta:

Primeiro. Movimento: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico;

Segundo Movimento: identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios;

Terceiro Movimento: a construção de personagens jornalísticas (discursivas);

Quarto Movimento: estratégias comunicativas;

a) Estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real;

b) Estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos;

Quinto Movimento: a relação comunicativa e o “contrato cognitivo”;

Sexto Movimento: metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história.

Para Motta, é o leitor, no ato de recepção das notícias, que conclui a obra, recompõe a tessitura da intriga. “O texto é um conjunto de instruções que o leitor recria de modo ativo. O texto só se torna obra na interação entre ele e o receptor. O analista, portanto, deve colocar-se na posição de um leitor e decifrador arguto” (MOTTA, 2005, p. 9).

4.2

Prêmio Esso e Jornalismo Ambiental

Ao examinar as reportagens vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo, desde sua criação em 1955 até 2015, conclui-se que de todas as reportagens vencedoras do Prêmio Principal, nove podem ser classificadas como coberturas de jornalismo ambiental. Foram 58 reportagens premiadas no total, já que em 1966 a comissão julgadora decidiu não premiar ninguém.

Em 1956, primeiro ano da premiação, a revista *O Cruzeiro* ganhou o prêmio com a reportagem *Uma tragédia brasileira: os paus-de-arara*, de Mário de Moraes e Ubiratan de Lemos. A saga dos fugitivos da seca do Nordeste, em busca de empregos e ilusões no Sul do País, é contada num impressionante relato dos repórteres que, durante 11 dias, viajaram incógnitos junto com 102 retirantes, num caminhão "pau-de-arara", por perigosas e esburacadas estradas, desde Salgueiro (Pernambuco) a Duque de Caxias (Baixada Fluminense).

Em 1959, o prêmio principal foi para Rubens Rodrigues dos Santos, de *O Estado de S. Paulo*, com *Diário de um flagelado das secas*. A realidade da grande seca de 1958 no Nordeste, contada numa série de reportagens que denunciou a exploração criminosa dos flagelados, o comércio de votos na região e o pouco interesse dos políticos em solucionar o problema. Para escrever seu diário e fazer as fotos, o repórter viveu como um flagelado, chegando a alistar-se na "frente de trabalho" que construía o então Açude Gargalheiras (RGN), uma das obras apontadas como exemplo da ineficácia no combate à seca.

Em 1960, a *Folha de S. Paulo* ganhou o prêmio principal com a reportagem de Mário Mazzei Guimarães, *Um rio desafia o Brasil*. Ampla visão do Vale do Rio São Francisco, de suas potencialidades e de seus problemas sócio-político-geográficos, apresentada em 16 reportagens, sob um enfoque econômico, incomum na época em que foram escritas. Apesar de ter exigido muitos dias de viagem, nos mais diferentes meios de transporte disponíveis no Médio e Baixo São Francisco, o trabalho não envereda pelos aspectos folclóricos da região, guardando mais as características de um ensaio.

O Cruzeiro ganhou o prêmio principal em 1963 com *Guapé será apenas um retrato na parede*, de José Franco. A história do desaparecimento de uma

pequena cidade do Sul de Minas, inundada pelas águas da barragem de Furnas, incluiu comovente relato do drama da população obrigada a abandonar seus lares, e antecipou impasses, choques e polêmicas que iriam fatalmente acontecer nos anos subsequentes, a medida em que a Nação intensificasse seu processo de desenvolvimento.

O *Jornal do Brasil* ganhou o prêmio principal em 1964 com *Cem dias na Amazônia de ninguém*, de Walter Firmo. A Amazônia vista pelos olhos de um repórter-fotográfico, que revelou uma imagem real, muito diferente da que predominava nos livros didáticos e na versão oficial. Os problemas do Homem e da região, retratados com sensibilidade e com a premonição de que aquele cenário ainda persistiria por muito tempo.

Em 1972, o prêmio principal foi para a equipe da revista *Realidade* com a Edição Especial sobre a Amazônia. Uma das mais completas descrições já feitas do universo amazônico mobilizou 16 jornalistas em deslocamentos mata adentro e visitas a mais de uma centena de cidades, num percurso maior que o de uma viagem à Lua. Da Amazônia, trouxeram 30 mil fotografias, incontáveis relatos e uma visão de contrastes onde 1,5 milhão de pessoas viviam uma existência de miséria sobre a riqueza mitológica do solo.

Em 1973, *O Estado de S. Paulo* ganhou o prêmio principal com a reportagem de José Marqueiz, *Expedição de Contactação dos Índios Kranhacarore*. O relato da expedição dos irmãos Vilas-Boas para contatar os índios kranhacarore culmina com uma emocionante descrição do encontro definitivo entre os sertanistas e os índios-gigantes: o medo dos fotógrafos, como o fogo foi usado para atraí-los, os presentes que receberam, os corpos atléticos dos selvícolas, os gestos de aproximação e os cânticos da tribo ouvidos pela primeira vez pelo homem branco.

Em 1989, Zuenir Ventura e equipe ganharam o prêmio principal com *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes*, no *Jornal do Brasil*. Resultado de quase dois meses de apuração, a série de nove reportagens revela um quadro de incompetência, desinteresse e cumplicidade das autoridades encarregadas de prender os assassinos do líder seringueiro Chico Mendes, militante de organizações ecológicas e defensor da preservação da Amazônia, da qual era considerado um símbolo. As pistas levantadas pelo repórter contribuíram para que

o processo admitisse novas evidências não descobertas pela investigação policial, como a presença de poderosos mandantes do crime.

Em 2009, o prêmio principal foi para Fabiana Moraes e Schneider Carpeggiani, do *Jornal do Commercio*, de Recife, com *Os Sertões*. O trabalho foi elaborado em razão da passagem dos 100 anos da morte do escritor Euclides da Cunha. Após percorrer 4.713 quilômetros de estradas, desde a Bahia até o Ceará, os repórteres revelaram aos leitores um novo sertão, nos locais descritos por Euclides, onde convivem vaqueiros e pirateadores, beatos e travestis, cantadoras de incelências e traficantes, padres e b-boys. Na tabela abaixo, listamos as nove reportagens que podem ser consideradas socioambientais vencedoras do prêmio principal em seus 60 anos de existência.

Tabela 2 - Reportagens socioambientais vencedoras do Prêmio Principal

Ano	Veículos	Equipe vencedora	Matéria	Resumo
1956	<i>O Cruzeiro</i>	Mário de Moraes e Ubiratan de Lemos	Uma tragédia brasileira: os paus-de-arara	A saga dos fugitivos da seca do Nordeste, em busca de empregos e ilusões no Sul do País, é contada num impressionante relato dos repórteres que, durante 11 dias, viajaram incógnitos junto com 102 retirantes, num caminhão "pau-de-arara", por perigosas e esburacadas estradas, desde Salgueiro (Pernambuco) a Duque de Caxias (Baixada Fluminense).
1959	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Rubens Rodrigues Dos Santos	Diário de um flagelado das secas	A realidade da grande seca de 1958 no Nordeste, contada numa série de reportagens que denunciou a exploração criminosa dos flagelados, o comércio de votos na região e o pouco interesse dos políticos em solucionar o problema. Para escrever seu diário e fazer as fotos, o repórter viveu como um flagelado, chegando a alistar-se na "frente de trabalho" que construía o então Açude Gargalheiras (RGN), uma das obras apontadas como exemplo da ineficácia no combate à seca.
1960	<i>Folha de S. Paulo</i>	Mário Mazzei Guimarães	Um rio desafia o Brasil	Ampla visão do Vale do Rio São Francisco, de suas potencialidades e de seus problemas sócio-político-geográficos, apresentada em 16 reportagens, sob um enfoque

				econômico, incomum na época em que foram escritas. Apesar de ter exigido muitos dias de viagem, nos mais diferentes meios de transporte disponíveis no Médio e Baixo São Francisco, o trabalho não envereda pelos aspectos folclóricos da região, guardando mais as características de um ensaio.
1963	<i>O Cruzeiro</i>	José Franco	Guapé será apenas um retrato na parede	A história do desaparecimento de uma pequena cidade do Sul de Minas, inundada pelas águas da barragem de Furnas, incluiu comovente relato do drama da população obrigada a abandonar seus lares, e antecipou impasses, choques e polêmicas que iriam fatalmente acontecer nos anos subsequentes, à medida em que a Nação intensificasse seu processo de desenvolvimento.
1964	<i>Jornal do Brasil</i>	Walter Firmo	Cem dias na Amazônia de ninguém	A Amazônia vista pelos olhos de um repórter-fotográfico, que revelou uma imagem real, muito diferente da que predominava nos livros didáticos e na versão oficial. Os problemas do Homem e da região, retratados com sensibilidade e com a premonição de que aquele cenário ainda persistiria por muito tempo.
1972	<i>Revista Realidade</i>	Equipe da revista Realidade	Edição Especial sobre a Amazônia	Uma das mais completas descrições já feitas do universo amazônico, mobilizou 16 jornalistas em deslocamentos mata a dentro e visitas a mais de uma centena de cidades, num percurso maior que o de uma viagem à Lua. Da Amazônia, trouxeram 30 mil fotografias, incontáveis relatos e uma visão de contrastes onde 1,5 milhão de pessoas viviam uma existência de miséria sobre a riqueza mitológica do solo.
1973	<i>O Estado de S. Paulo</i>	José Marqueiz	Expedição de contactação dos Índios Kranhacore	O relato da expedição dos irmãos Vilas-Boas para contatar os índios kranhacore culmina com uma emocionante descrição do encontro definitivo entre os sertanistas e os índios-gigantes: o medo dos fotógrafos, como o fogo foi usado para atraí-los, os presentes que receberam, os corpos atléticos dos selvícolas, os gestos de aproximação e os cânticos da tribo ouvidos pela

				primeira vez pelo homem branco.
1989	<i>Jornal do Brasil</i>	Zuenir Ventura e Equipe	As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes	Resultado de quase dois meses de apuração, a série de nove reportagens revela um quadro de incompetência, desinteresse e cumplicidade das autoridades encarregadas de prender os assassinos do líder seringueiro Chico Mendes, militante de organizações ecológicas e defensor da preservação da Amazônia, da qual era considerado um símbolo. As pistas levantadas pelo repórter contribuíram para que o processo admitisse novas evidências não descobertas pela investigação policial, como a presença de poderosos mandantes do crime.
2009	<i>Jornal do Commercio (Recife)</i>	Fabiana Moraes e Schneider Carpeggiani	Os Sertões	Os jornalistas Fabiana Moraes e Schneider Carpeggiani, do <i>Jornal do Commercio</i> , do Recife, com o trabalho <i>Os Sertões</i> , elaborado em razão da passagem dos 100 anos da morte do escritor Euclides da Cunha, conquistaram o Prêmio Esso de Jornalismo 2009. Após percorrer 4.713 quilômetros de estradas, desde a Bahia até o Ceará, os repórteres revelaram aos leitores um novo sertão, nos locais descritos por Euclides, onde convivem vaqueiros e pirateadores, beatos e travestis, cantadoras de incêlcias e traficantes, padres e b-boys.

Dentro deste recorte, a análise será focada na vencedora de 1989, *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes*, de Zuenir Ventura, publicadas no *Jornal do Brasil*. A série de reportagens foi escolhida para um estudo mais detalhado por tratar de um importante acontecimento, com repercussão nacional e internacional, que mobilizou os olhares para a região norte do Brasil, colocando os holofotes nas questões ambientais, na preservação da floresta e na luta dos mais fracos nas injustas relações de trabalho e poder. *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendestambém* foi escolhida por afinidade da pesquisadora com o tema e com seu autor, que realizou um trabalho minucioso de apuração, com dedicação da equipe e investimento do jornal, com grande repercussão, incluindo o lançamento de um livro-reportagem quinze anos depois.

Na próxima seção, analisamos em detalhes a série composta por nove reportagens socioambientais, resultado de quase dois meses de apuração, que revela mais do que os interesses e desinteresses da época relacionados aos desdobramentos do assassinato do líder seringueiro Chico Mendes, militante de organizações ecológicas e defensor da preservação da Amazônia, da qual era considerado um símbolo.

4.3

As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes

Em 1989, Ventura e equipe ganharam o prêmio principal do Prêmio Esso de Jornalismo com *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes*, no *Jornal do Brasil*. Ventura foi enviado ao Acre como repórter especial, convidado pelo então diretor Marcos Sá Correia, para apurar os acontecimentos logo depois da morte do líder seringueiro. A série de nove reportagens, resultado de quase dois meses de apuração, revelou um quadro de incompetência, desinteresse e cumplicidade das autoridades encarregadas de prender os assassinos de Chico Mendes. A comissão julgadora do prêmio de 1989 foi composta por Ancelmo Góis, do *Jornal do Brasil*; Dácio Malta, de *O Dia*; Merval Pereira Filho, de *O Globo*; Mussa José Assis (Relator), de *O Estado do Paraná* e Sandro Vaia, da *Agência Estado*.

Eu já tinha mais de 30 anos de carreira quando cheguei a Rio Branco, sem saber direito quem era aquele fascinante personagem. Só depois que ele morreu, aos 44 anos, é que o Brasil descobriu haver perdido o que custa tanto a produzir: um verdadeiro líder. (VENTURA, 2003, p.9)

Agora vamos estudar a série de reportagens à luz da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, que propõe o estudo das narrativas como estratégias organizadoras do discurso jornalístico. Seguindo a metodologia, verificaremos a construção de significados a partir da reconfiguração do acontecimento jornalístico, seus conflitos, episódios, personagens, estratégias de objetivação e subjetivação e do contato entre jornalistas e audiência (Motta, 2005). Durante o trabalho de análise serão aplicados os cinco movimentos propostos.

4.3.1

Primeiro Movimento: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico

Em abril de 1989, Ventura e equipe viajaram para o Acre, pelo *Jornal do Brasil*, para acompanhar as investigações e a repercussão do assassinato do líder seringueiro Chico Mendes, militante de organizações ecológicas e defensor da preservação da Amazônia. Foram quase dois meses de apuração com viagens pelo estado do Acre. Para acompanhar as investigações e ligar os pontos da história, o repórter e a equipe, estiveram na capital Rio Branco, em Xapuri, onde vivia Chico Mendes e nos seringais e colocações.

O resultado foi uma série de nove reportagens, publicadas em oito edições subseqüentes do *Jornal do Brasil*, sempre no primeiro caderno, de domingo, 30 de abril de 1989, até o próximo domingo, 8 de maio de 1989. A chamada de cada reportagem da série é numerada: *O Acre de Chico Mendes – I até O Acre de Chico Mendes – Final*, como um folhetim, uma história que vai se desenrolando.

A reportagem segue como uma história, embora se trate da cobertura de um crime, é contada de maneira prazerosa de ler, com características literárias, sem obedecer às regras do jornalismo factual, com lide e pirâmide invertida¹. Cada parágrafo tem seu valor e vai revelando, aos poucos, as nuances da história. O último parágrafo ainda instiga pela continuação dos relatos.

Nessa série, a tarefa de unir as reportagens em uma única história é facilitada porque já foi idealizada para ser narrada em sequência. A tabela abaixo ajuda a conectar as partes, identificar a serialidade temática e o encadeamento narrativo cronológico para compreender o tema como síntese. A partir daqui, começamos a reescrever uma nova história, como um acontecimento jornalístico singular, com o enredo completo, formado pelas notícias isoladas publicadas dia após dia. Formaremos o acontecimento jornalístico, que irá reorientar toda a análise a partir de então.

¹A pirâmide invertida é uma técnica de estruturação de texto jornalístico. Tornou-se a técnica mais comum de construção das notícias e segue-se naturalmente da elaboração de um lide. Privilegia a disposição das informações em ordem decrescente de importância. Os fatos mais interessantes são utilizados para abrir o texto, enquanto os de menor relevância aparecem na sequência.

Tabela 3 – Relação de reportagens que formam a série

As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes			
Reportagem	Data	Página	Título
O Acre de Chico Mendes I	Domingo 30/04/89	1º caderno – página 13	Algumas pistas esquecidas pela estrada
O Acre de Chico Mendes II	Segunda-feira 01/05/89	1º caderno – página 7	Na terra onde não se chega aos mandantes
O Acre de Chico Mendes III	Terça-feira 02/05/89	1º caderno – página 4	Ilzamar Uma nova mulher em busca de seu próprio espaço Eunice A ex que tenta lutar pelos seus direitos
O Acre de Chico Mendes IV	Quarta-feira 03/05/89	1º caderno – página 7	A vida de um homem marcado para morrer
O Acre de Chico Mendes V	Quinta-feira 04/05/89	1º caderno – página 8	Onde a Justiça custa a chegar, se é que chega
O Acre de Chico Mendes VI	Sexta-feira 05/05/89	1º caderno – página 4-b	A revolução de armas de um seringueiro
O Acre de Chico Mendes VII	Sábado 06/05/89	1º caderno – página 5	Os personagens de um filme de muito suspense
O Acre de Chico Mendes VIII	Domingo 07/05/89	1º caderno – página 7	Um sonho que pode ser um sonho, mas não inviável
O Acre de Chico Mendes – Final	Domingo 07/05/89	1º caderno – página 8	Uma pista para quem se interessar O símbolo de Chico Mendes perdido no centro do mundo

Segundo Movimento: identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios

O segundo movimento propõe a identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios. A narrativa jornalística normalmente começa a partir de um conflito, algo que desestabilize o equilíbrio social, como um crime, um golpe, uma infração, um rompimento, uma anormalidade. Motta afirma que há sempre pelo menos dois lados em confronto em quase todo acontecimento jornalístico, com interesses contraditórios. A partir das notícias originais, trabalharemos com nossa própria recomposição do acontecimento com a identificação dos conflitos para buscar compreender a funcionalidade dos episódios que podem reunir uma ou muitas notícias. Buscaremos identificar os conflitos principais e secundários da história recomposta, que podem ser políticos, econômicos, familiares, jurídicos, policiais, etc.

O conflito é o núcleo em torno do qual gravita tudo o mais na narrativa. São os conflitos que abrem o espaço para as novas ações, seqüências e episódios, que prolongam e mantêm a narrativa viva. É a expectativa em torno do desenlace das histórias que mantêm as notícias nos jornais ou telejornais. (MOTTA, 2005, p.5)

A partir da análise de cada reportagem que compõe a série percebemos a riqueza de episódios, classificados por Motta (2005, p.5) como unidades narrativas analíticas intermediárias que relatam os motivos correspondentes às transformações no transcorrer da história. A análise detalhada possibilita verificar as estratégias textuais utilizadas pelo jornalista.

Ao longo da narrativa, Ventura expõe situações de equilíbrio, complicações, clímax, resolução, desfecho, punição, que voltaremos a analisar no terceiro movimento a partir das ações dos personagens que desempenham papel funcional na história. Para conectar os episódios e explicar as particularidades do conflito principal, Ventura utiliza depoimentos de políticos, autoridades policiais, advogados, médicos, familiares e amigos de Chico Mendes, testemunhas, suspeitos, seringueiros. O relato de cada personagem ajuda a recuperar fragmentos anteriores de significação necessários à reconstituição do enredo. Começaremos a análise a partir de O Acre de Chico Mendes I, apresentado imagem abaixo.

Figura 1 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes I



PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

No dia 30 de abril de 1989, dia da publicação da primeira reportagem, a série *As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes* tem chamada de capa. A chamada já começa afirmando que ao contrário da história de Chico Mendes, cujos direitos de filmagem estavam sendo disputados por pelo menos 15 produtoras nacionais e internacionais, as investigações sobre a morte do líder seringueiro pareciam não oferecer muito interesse para o governo, para os partidos políticos, para as entidades ambientalistas ou para a polícia. “Durante um mês Zuenir Ventura, do *JORNAL DO BRASIL*, viu de perto o Acre de Chico Mendes.

O resultado dessa viagem foi transformado em uma série de reportagens, cuja primeira é publicada hoje na página 13” (JORNAL DO BRASIL, 1989).

Na capa, é ressaltado que quatro meses depois do "assassinato mais anunciado do mundo" há dois presos que se apresentaram espontaneamente à polícia: o fazendeiro Darli Alves e seu filho, o pistoleiro Darci. Também havia dois fugitivos: o irmão de Darli, Alvarino e seu outro filho, Oloci. Além deles, também havia uma série de nomes pouco investigados, como o advogado João Branco, da UDR, que aparecia em várias situações suspeitas. Genésio Ferreira da Silva, de 14 anos, considerado testemunha-chave do processo, ganha destaque sendo apresentado como "a única pessoa que fez algo de concreto pelo líder seringueiro". O jornal afirma que o menino estava abandonado há quatro meses em Xapuri, até ser entregue ao comandante da PM de Rio Branco. Criado desde seus sete anos na fazenda de Darli, Genésio depôs perante o juiz para contar os crimes que viu, comprometendo personalidades importantes da região.

Figura 2 – Detalhe da chamada de O Acre de Chico Mendes I

Genésio, testemunha-chave, esquecido há quatro meses

As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes

As contrário da história de Chico Mendes, cujo destino de fênix está sendo disputado por pelo menos 15 produtoras nacionais e estrangeiras, as investigações sobre o morte do líder seringueiro parecem não oferecer muito interesse — nem para o governo, nem para os partidos políticos, nem para as entidades ambientalistas daqui e do exterior, e nem mesmo para a polícia.

Quatro meses depois do assassinato mais anunciado do mundo, há dois presos, que se apresentaram espontaneamente à polícia — o fazendeiro Darli Alves e seu filho, o pistoleiro Darci —, e dois fugitivos — Alvarino, irmão de Darli, e outro filho dele, Oloci. Fora eles, há uma série de nomes pouco investigados, como o advogado João Branco, da UDR, que aparece em várias situações suspeitas.

A única pessoa que fez algo de concreto pelo líder seringueiro está há quatro meses abandonado em Xapuri, ou pelo menos esteve até a semana passada, quando foi entregue ao comandante da PM de Rio Branco. Trata-se do garoto Genésio Ferreira da Silva, de 14 anos, considerado a testemunha-chave do processo. Criado desde os sete anos na fazenda de Darli, Genésio já depôs perante o juiz, comprometendo os crimes que viu, comprometendo com seu testemunho personalidades importantes da região.

Durante um mês Zózimo Ventura, do JORNAL DO BRASIL, viajou de perto a Acre de Chico Mendes. O resultado dessa viagem foi transformado em uma série de reportagens, cuja primeira é publicada hoje na página 13

Figura 3 – O Acre de Chico Mendes I

JORNAL DO BRASIL Domingo, 30/04/89 O 1º Caderno - O 13

O Acre de Chico Mendes - I




Algumas pistas esquecidas pela estrada

João Fontana

A primeira reportagem do livro sobre a vida de Chico Mendes, o líder sindicalista e ambientalista, começa com uma viagem de um jornalista para o interior do Acre, onde viveu e foi morto. O texto relata a descoberta de pistas esquecidas pela estrada, como a resistência de um menino desprotegido e a vida em meio a uma criação de pistoleiros.

A vida em meio a uma criação de pistoleiros

Chico Mendes viveu em um ambiente de violência e medo. O texto descreve a vida cotidiana em uma comunidade onde a presença de pistoleiros era constante. Chico Mendes lutava por justiça e direitos para os trabalhadores da floresta, enfrentando a oposição de poderosos interesses locais.

A resistência de um menino desprotegido

Um menino desprotegido se tornou um símbolo de resistência. O texto narra como ele enfrentou a violência e a opressão, mantendo-se firme em suas convicções. Sua história ilustra a luta constante de Chico Mendes por uma sociedade mais justa e equitativa.

A vida em meio a uma criação de pistoleiros

Chico Mendes viveu em um ambiente de violência e medo. O texto descreve a vida cotidiana em uma comunidade onde a presença de pistoleiros era constante. Chico Mendes lutava por justiça e direitos para os trabalhadores da floresta, enfrentando a oposição de poderosos interesses locais.

PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

A primeira reportagem, *Algumas pistas esquecidas pela estrada*, foi publicada no *Jornal do Brasil* de domingo, 30/04/89, no 1º caderno, página 13. O jornalista começa relatando, em primeira pessoa, a viagem de Chevrolet D-20 para Xapuri, município no interior do Acre, onde vivia e foi morto Chico Mendes. O guarda do posto rodoviário pede carona para um sargento e ao perguntarem se ele

morava em Xapuri, a resposta pareceu muita coincidência e sorte para o jornalista, o sargento comandava a Operação Chico Mendes no município. A partir da informação, os dois jornalistas e o advogado do líder seringueiro morto, que estavam no carro, se apresentaram com outras identidades, dizendo que eram escritores e turistas.

Durante a viagem o sargento contava que a maior dificuldade para perseguir os fugitivos suspeitos do assassinato de Chico Mendes, Alvarino, irmão do fazendeiro Darli Alves, e o filho deste, Oloci, era a falta de recursos. A Polícia Militar de Xapuri recebia menos cartuchos que o solicitado, os policiais estavam comendo apenas sardinha e arroz e dormindo por turnos, pois só havia dez colchões para vinte soldados. O delegado que dirigia o inquérito tinha à sua disposição 11 homens, mas para deslocá-los precisaria de uma voadeira, para os caminhos fluviais, e uma Engesa, para as estradas intransponíveis. “O sargento não agüentava mais de impaciência para entrar na selva. Ele e seus homens conheciam bem a mata, são corajosos e, em breve, ele tinha certeza, pegariam os fugitivos – desde que o governo ajudasse” (VENTURA, 1989, p. 13).

Ventura vai traçando o perfil dos personagens com o artifício do status de vida. Começa contando que o sargento era exibido em palavras, gestos e modo de se vestir, o que mostrava que a viagem prometia. Sargento Honorato Neto, 26 anos, é descrito como um jovem forte, baixo, de tênis, calça jeans e camisa de meia exibindo os músculos. Casado, sua mulher estava prestes a lhe dar um filho. Gosta de ser chamado de H. Neto e tornou-se famoso na região, acusado de comandar o Esquadrão da Morte em Rio Branco. Falante, chegou a confessar alguns dos crimes para os ouvintes “inofensivos” que o acompanhavam na viagem. Em seu único momento de fraqueza contou que só tinha uma frustração, não ter participado da guerra do Vietnã e da guerrilha do Araguaia.

A viagem de Rio Branco para Xapuri duraria prováveis três horas por uma estrada de 180 km, sendo pelo menos 50 km tomados por um lamaçal, transposto porque havia a presença constante de um trator para retirar os atolados. Ventura lembra que Ricardo Lessa havia contato no *Jornal do Brasil* que os repórteres do jornal *Rio Branco* diziam ter chegado ao local do crime uma hora e meia depois do ocorrido. “Se assim fosse, não era um furo jornalístico, era um feito automobilístico, ainda mais que o motor do Gol chegara a seu destino sem esquentar – como observara um soldado da PM” (VENTURA, 1989, p. 13).

Em seguida, Ventura conta em detalhes o relato duvidoso da equipe do jornal *Rio Branco* ao cobrir o crime na noite chuvosa de 22 de dezembro e voltar a Rio Branco a tempo com um dos maiores furos do ano. A Chevrolet D-20, por sua vez, chegou a Xapuri duas horas e quinze minutos depois, numa tarde sem chuva e sem intercorrências, o que prova que o milagre alcançado pela equipe local de jornalismo, quatro meses antes, deveria ser averiguado pela polícia. Ventura brinca dizendo que se o feito fosse verdade merecia um Prêmio Esso ou, pelo menos, um prêmio Ayrton Senna. Sendo mentira, havia uma hipótese a investigar, a de que alguém bem informado poderia ter avisado aos repórteres do jornal do advogado João Branco que o crime mais anunciado do ano seria naquele dia.

– Quando eu vi aquele cara dizendo que era Federal e aquele carro sem sinal de lama, achei suspeito. Não podia estar vindo de Rio Branco de jeito nenhum – nos confessaria em outra viagem a Xapuri o soldado da PM, Teles, 29 anos. “Coloquei a mão no capô do Gol, ele estava frio, frio. Aí eu disse: ‘esses caras são suspeitos’.” Ninguém o procurou para ouvir a história (VENTURA, 1989, p. 13).

Antes de chegar ao destino, Ventura conta que os passageiros tiveram o cuidado de revelar a verdadeira identidade. O jornalista ressalta as características do local: “Quando finalmente fomos deixar o nosso Rambo no quartel da PM que fica na mesma praça onde são vizinhos o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Igreja e a estação rodoviária (...)” (VENTURA, 1989, p. 13).

Ao finalizar a primeira reportagem da série, destaca que ao deixarem o sargento no quartel da PM, viram numa cadeira um soldado da PM e na outra um quase adolescente de cabelos oxigenados. O advogado Genésio Natividade disse que o menino era Genésio Ferreira da Silva, testemunha-chave do processo Chico Mendes. O jornalista encerra dizendo que o menino é, depois do próprio Chico, o personagem mais impressionante desse processo: “Genésio, 14 anos, dos quais sete vivendo na fazenda do maior inimigo de Chico Mendes, o pistoleiro Darli Alves da Silva, é, depois do próprio Chico, o personagem mais impressionante desse processo” (VENTURA, 1989, p. 13). Em sua conversa com Ventura, citada abaixo, Genésio dá indícios de possíveis suspeitos de envolvimento com o assassinato, como o próprio João Branco.

Entrevista com o menino Genésio:
- Quem visitava a fazenda?

- Visitava o João Branco, o Benedito Rosa, o Gaston Mota, o delegado Enock, o Jonas Daguabi e o Aragão.
- O João Branco ia lá muitas vezes?
- Ia.
- Você ouviu alguma conversa sobre o Chico Mendes?
- Ouvi do João Branco com o véio Darly. O véio Darly perguntou que que João Branco achava dele matar o Chico Mendes. Aí o João Branco falou que se for igual às outras mortes que o senhor faz e *num* dá nada, pode matar que se der rolo e eu puder ajudar, eu ajudo.
- Isso foi quando?
- Foi no mês de novembro.
- Como é que você ouviu essa conversa?
- Eu ouvi eles falando. Tem a área assim, tem uma casinha assim, eu ficava de trás da casinha escutando.
- E esse João Branco foi lá muitas vezes?
- Foi umas cinco *vez* antes da morte de Chico Mendes.
- Ele ficava lá?
- Num tempo ele ficou uma semana.
- Dormindo lá?
- Dormindo, bebendo uísque.
- Ele levava uísque ou tinha uísque lá?
- Ele levava.
- Você já conhecia ele?
- Eu conheci ele em Brasília. Eu fui lá mais o véio Darly com o carro, e aí o véio Darly conversando com ele falou que era amigo dele, que chamava João Branco.
- Como é que eles te tratavam lá?
- Eles me bateram muitas *vez* pra eu não contar os segredos deles.
- Que segredos você sabia deles?
- Eu sabia da morte de Raimundo Ferreira, que pediu a mão da filha dele em casamento, aí ele não deu. Raimundo Ferreira também brigou com Oloci, aí mataram ele.
- Quem matou?
- O Oloci, o Aparecido e um primo do Oloci, o Rildo.
- Como é que você sabe que eles mataram?
- Porque eu ia passando de cavalo, correndo, eu nem tava vendo eles, mas eles pensaram que eu tava vendo, eles me chamaram. Eu fui lá, vi o homem com a orelha cortada, o nariz e um beijo.
- E o que eles fizeram?
- Eles chegaram em casa e empurraram uma faca na minha barriga pra mim não contar pra ninguém. Eu falei que não ia contar não.
- Quem era o mais violento?
- Era o Darci e os três mineirinhos. Uma vez eu achei uma caveira lá, aí bicaram revólver em cima de mim, meteram faca na minha barriga pra eu não contar. Eles *falou* que se eu contasse eles *ia* me matar.
- Era caveira de gente?
- Foi. Tava queimada.
- E a história dos bolivianos?
- Os bolivianos passaram na casa dos mineirinhos, pediram água, falaram obrigado e saíram. Aí os mineirinhos pegaram a bicicleta, passaram por eles, foram na fazenda e falaram com os meninos que *ia* dois bolivianos estranhos, queriam ver o que eles ia levando. Aí os meninos foram esperar lá na frente, meteram os *revólver* neles, reviraram as coisas deles e pegaram maconha.
- De que cor era essa maconha?
- Branca.
- Como é que estava embrulhada?

- Dentro de um saco plástico.
- Quem eram os meninos?
- O Oloci e o Darci.
- Eles é que mataram?
- Foram os dois mineirinhos. Só escutei dois tiros.
- O que eles falavam de Chico Mendes?
- Quando eles começaram a briga deles, o véio Darly falou que ia matar Chico Mendes, porque Chico Mendes ficava falando dele por trás. Disse que ele não ia ter nem mais um ano de vida. Antes de matar ele falou que ia pedir a mão de Chico Mendes a cumpadre só pra matar.
- Como é que é?
- Ele ia chamar o Chico Mendes lá pra ser cumpadre, e aí ia matar ele.
- No dia que Chico Mendes morreu, o que eles fizeram?
- Mataram uma vaca. Ele falou que o dia que matassem Chico Mendes, eles matavam uma vaca. E matou mesmo.
- Você tem medo de ficar aqui.
- Não, *num* tenho medo não. Mas é que eles *judeiam* de mim.
- Quem?
- O Zé Elias já veio aqui duas *vez*, me bateu dizendo que era brincadeira, mas batendo com força. O Toninho e o Iran, na delegacia, também fazem me bater, me prender.
- O delegado não faz nada?
- Faz nada.
- Você já falou com ele?
- Falei não. Eu queria é falar com o juiz.
- O juiz vem aqui te ver?
- Nunca veio me ver não.
- Como é que você foi parar na fazenda do Darly?
- Minha mãe deu *eu* pra ele. Ele adulou ela, pediu, aí ela deu.
- Você está feliz?
- Tô não.
- O que precisa pra você ficar feliz?
- Se eu for pra Rio Branco, eu fico. É só eu sair daqui.
- Você quer fazer o que lá?
- Eu queria estudar.

Genésio Ferreira da Silva é um cidadão precoce que o destino tentou pela convivência e pelo exemplo transformar em pistoleiro. (VENTURA, 1989, p. 13)

O menino conta que foi dado pela mãe ainda criança para morar na fazenda, presenciando crimes, conversas comprometedoras e sofrendo ameaças para permanecer em silêncio diante da violência sofrida e presenciada. Como afirma Ventura, cresceu num ambiente propício para tornar-se mais um pistoleiro, mas contrariando o destino, encontrava-se ali como uma precoce e desprotegida testemunha. Era apenas o início da incansável apuração em busca das nuances do processo de investigação do assassinato do líder seringueiro. O próprio Ventura não imaginava a quantidade de histórias que encontraria pelo caminho. Vamos acompanhar o passo a passo da narrativa, analisando cada reportagem publicada

na série. As reportagens dão voz e visibilidade aos personagens presentes na trajetória de Chico Mendes, antes e após seu assassinato.

Figura 4 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes II



No dia 1º de maio de 1989, a segunda reportagem da série teve uma pequena chamada de capa, destacando que poucas vezes na história do crime, uma vítima deixou tantas pistas e nomes para serem investigados. Ainda assim, quatro meses depois do assassinato, a polícia de Xapuri ainda continuava sem condições de investigar a fundo as pessoas que Chico Mendes acusou como mandantes de sua morte anunciada. Faltavam recursos materiais e o responsável pelas investigações não tinha apoio político para chegar a nomes como o do delegado da Polícia Federal Mauro Spósito e do advogado João Branco. O delegado de Xapuri, Nilson Alves de Oliveira, afirmava que no Brasil não é difícil identificar os executantes, mas os mandantes. Na imagem a seguir, mostramos em detalhe a chamada de capa de O Acre de Chico Mendes II.

Figura 5 – Detalhe da chamada de capa de O Acre de Chico Mendes II

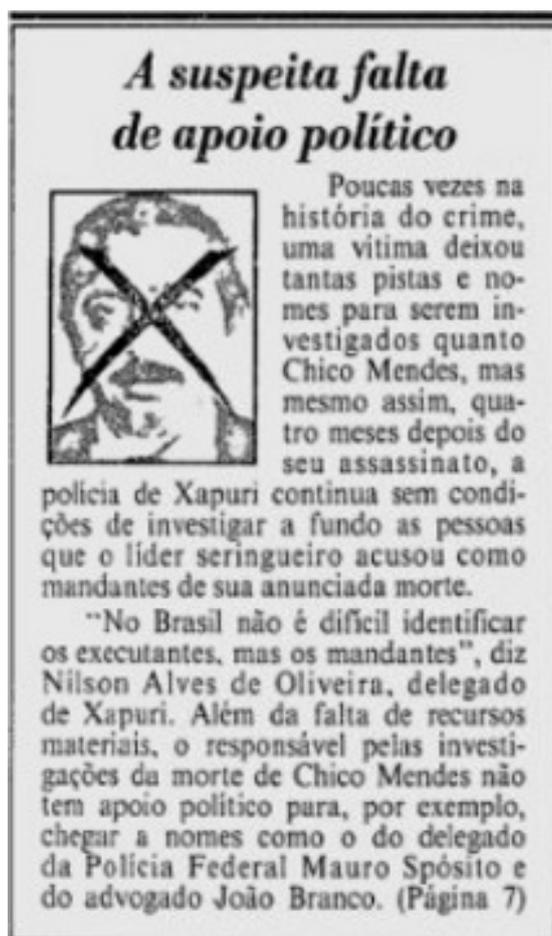


Figura 6 – O Acre de Chico Mendes II



PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

O Acre de Chico Mendes – II, Na terra onde não se chega aos mandantes, publicada na segunda-feira, 01/05/89, no 1º caderno, página 7, Ventura começa a reportagem contando sobre a conversa com o delegado responsável pela Delegacia Geral de Xapuri, Nilson Alves de Oliveira, que aguardava os dois jornalistas, ele e Edilson Martins e o advogado. O jornalista conta que naquele domingo, dia 2 de

abril, Xapuri estava tranquilamente entregue aos seus cinco mil habitantes urbanos. O delegado também tinha queixas em relação à precariedade de recursos e o mesmo sonho do sargento H. Neto, conseguir uma voadeira e um jipe Engesa. Durante a entrevista apenas concordou em falar sobre os suspeitos do crime afirmando ou negando com a cabeça.

O jornalista Edilson Martins afirma que João Branco, um dos proprietários do jornal *Rio Branco*, advogado de fazendeiros e ele mesmo um deles, membro da UDR, era o principal suspeito do assassinato. O suspeito foi citado pelo garoto Genésio como freqüentador da fazenda do seu amigo Darli Alves. Ventura conta que João Branco é suspeito apenas para a esquerda, e como noticiou à *Folha de S. Paulo*, desacatou Fernando Gabeira dias antes em um restaurante.

No jantar da noite seguinte, no mesmo local, o secretário de Governo, ao conversar por alguns minutos com um homem corpulento que se aproximou da mesa, desmentiu para Ventura o ocorrido. O homem era o próprio João Branco, que, acompanhado de amigos e esposas, esvaziava uma garrafa de uísque. O jornalista explica que é fácil comprar bons uísques e até armas na vizinha Bolívia.

Para o secretário de Governo, João Branco estava acima de qualquer suspeita. O secretário de Governo e o próprio governador, que havia conversado com o jornalista anteriormente, tinham uma grande admiração por Chico Mendes – pelo grande líder e pelo hábil político, por um homem com convicções tão sólidas que não rejeitava o diálogo, sobretudo com os adversários. Ventura conta que os adversários políticos de Chico Mendes têm uma tese, aparentemente convincente, que naquele jantar, entre goles de um irresistível Glenfiddich boliviano, o secretário de Estado desenvolveu brilhantemente.

Segundo ele, Chico Mendes não ameaçava os fazendeiros da UDR – até porque só o líder seringueiro era capaz de conter, com sua autoridade, os radicalismos estimulados pela ala xiita do PT junto aos trabalhadores rurais. A morte de Chico teria sido consequência de uma desavença pessoal com um desclassificado pistoleiro. Diante da implacável perseguição de Chico Mendes tentando colocar na cadeia um fugitivo com nove mortes nas costas, a reação do marginal acuado fora o assassinato. (VENTURA, 1989, p. 7)

A tentativa de desideologização do crime não explica porque não passam a limpo todas as pistas e investigam para valer. Ventura conta que quem passa um tempo no Acre se espanta com a apuração insuficiente, não ocasionada pela precariedade de meios, como se queixam algumas autoridades, mas pela falta de

vontade política, sem a qual processos como este, não andam. Antes de morrer, a própria vítima deixou um roteiro de investigação e possíveis culpados. Um dos suspeitos apontados era o antigo superintendente da Polícia Federal do Acre, Mauro Spósito. Há pelo menos um mês, o telefone da Secretaria de Segurança de Rio Branco não funcionava na direção de Xapuri, por exemplo.

A caminho de Plácido de Castro para os festejos de comemoração de 12 anos de emancipação da cidadezinha que homenageia o herói do Acre, o governador Flaviano Melo disse que havia perdido um interlocutor querido, apesar das divergências. “- O mundo perdeu um ecologista, o Brasil perdeu um líder político e eu perdi um interlocutor querido, apesar de nossas divergências” (VENTURA, 1989, p. 7). Ao longo da reportagem, Ventura também dá destaque para a disputa pelo direito de filmar a vida de Chico Mendes, entre produtores brasileiros e estrangeiros. Assunto tão comentado quanto o próprio assassinato.

Nestas últimas semanas, no eixo de 180 km que vai de Rio Branco a Xapuri, qualquer pessoa entenderia a referência a *o filme*. A incrível presença de estrangeiros na capital do Acre em fins de março, durante o II Encontro dos Seringueiros e I dos Povos da Floresta, o movimento dos bares e hotéis e sobretudo o leilão dos produtores disputando em milhares de dólares o direito de filmar a vida de Chico Mendes, têm dado a Rio Branco e Xapuri o aspecto de um festival de cinema. Quem sabe não estaria começando, 100 anos depois do Ciclo da Borracha, o Ciclo do Cinema? (VENTURA, 1989, p. 7)

Ventura conta que uma noite, pouco depois do final do Encontro, numa mesa do Caxinawá, badalado bar do Baixo Leblon de Rio Branco, o antropólogo americano Steve Schwartzman, do Fundo de Defesa do Meio Ambiente (Environmental DefenseFund), ONG que tem entre as suas causas a defesa das florestas tropicais, contava como ele estava sendo assediado pelos produtores de cinema. Mary Helena Allegrette, amiga e colaboradora de Chico Mendes, também recebeu insinuações dos produtores internacionais. A antropóloga foi uma das responsáveis pela projeção internacional do líder sindical e ecologista. Allegretti trabalha na Amazônia desde 1978, tendo como área de pesquisa os movimentos sociais, as políticas públicas, os seringueiros e as reservas extrativistas. Doutora em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília, ela é consultora independente e professora visitante na Universidade da Flórida (EUA).

A segunda reportagem termina falando sobre a gargalhada de João Branco, que disse estar disposto a entrar na justiça para garantir para si o próprio papel no

filme. Disse que ninguém conseguiria imitar sua gargalhada, enigmática, que não se sabe se é de um inocente ou de quem está debochando da Justiça.

Figura 7 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes III



PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

Como as duas reportagens anteriores, a terceira, no dia 2 de maio, também teve chamada de capa. *As duas mulheres de Chico*, fala sobre Ilzamar e Eunice, a

primeira sendo mais conhecida e a segunda nunca havia sido procurada após o assassinato.

As duas não têm nada em comum. Ilza, 24 anos, dois filhos, é mulher decidida que promete lutar por seu espaço: "Antes eu não caminhava, o Chico é quem me levava. Agora tenho que caminhar com meus pés". Eunice, 36 anos, seis filhos, é uma mulher hesitante, amedrontada. (JORNAL DO BRASIL, 1989)

Oito dias depois da morte de Chico Mendes, quando foi ao cartório buscar sua certidão de casamento para solicitar uma pensão, descobriu que a folha do livro estava arrancada. Só depois ela foi informada que poderia obter muito mais.

Nesse dia, na edição exclusiva para assinantes, também há uma chamada de capa falando sobre o atentado sofrido pelo líder seringueiro Osmarino Amâncio, na noite anterior em Brasiléia. Em Sucessor de Chico Mendes sofre atentado, a vítima conta que as luzes da rua se apagaram e um caminhão atingiu a Toyota em que estava, batendo depois em um poste. Os ocupantes do caminhão fugiram, não sendo alcançados pelos policiais que estavam no carro para fazer a segurança de Osmarino. Ninguém se feriu.

Figura 8 – Detalhe da chamada de capa de O Acre de Chico Mendes III



Figura 9 – O Acre de Chico Mendes III



PUC-Rio - Certificação Digital N° 14112569/CA

Na terceira reportagem da série, publicada numa terça-feira, 02/05/89, no 1º caderno, página 4, Ventura falou sobre as viúvas de Chico Mendes. Em *Ilzamar- Uma nova mulher em busca de seu próprio espaço*, o jornalista começa descrevendo a rotina de Xapuri, onde os moradores acordam e saem cedo de casa,

em sua maioria de bicicleta. Às 7h, o tenente Célio, comandante da Polícia Militar local, reúne os 15 subordinados para hastear as bandeiras do Brasil e do Acre. Ventura lembra a história do Acre, representada em sua bandeira a partir da estrela vermelha, símbolo do sangue derramado pelos seringueiros comandados por Plácido de Castro, que tiraram o estado dos bolivianos em 1903.

O repórter conta que antes de Chico Mendes, Plácido de Castro era o maior herói do estado. Foi em Xapuri que proclamou o Estado Independente do Acre. Ventura ressalta que os acrianos contam com frequência a história da revolução feita por Plácido e, principalmente os seringueiros, gostam de se apresentar como sobrinhos ou netos dos soldados de Plácido. “É um exagero que revela o quanto esse povo inculto cultua sua história e venera seus heróis. Xapuri, coisa rara no Brasil, tem memória, e já se pode prever o que acontecerá com Chico Mendes” (VENTURA, 1989, p. 4).

Ventura conta que falar com a viúva de Chico tem sido difícil nos últimos dias, tanto pela segurança, quanto pelos vizinhos, seringueiros, jornalistas, ambientalistas, produtores e diretores de cinema. Ilzamar conta que a vantagem da entrevista entre seis e sete da manhã era que os filhos ainda estavam dormindo, Elenira, de quatro anos, e Sandino, de dois.

Ilzamar é descrita como uma mulher bela e forte, que embora seja humilde e não fale o português perfeito, tem idéias sensatas que chamam a atenção onde passa. “Ilzamar não tem, como em geral não têm os seringueiros excedente cultural, isto é, aquela gordura que produz muito brilho e pouca utilidade. Ela sabe o que precisa saber e intui o que racionalmente não sabe” (VENTURA, 1989, p. 4). Há 12 anos foi o próprio Chico que a ensinou a ler e escrever no Seringal Santa Fé. Vinte anos mais velho, o seringueiro abriu a cabeça daquela menina. O professor conseguiu uma cartilha e abriu uma escolinha para Ilzamar e seus dois irmãos. Quatorze anos antes, o guerrilheiro fugitivo da Coluna Prestes ensinou Chico a ler com jornais. Com o professor, Chico também ouvia os programas da Voz da América, da Central de Moscou e da BBC de Londres.

Em *Eunice - A ex que tenta lutar pelos seus direitos*, Ventura conta que até o dia 10 de abril de 1989 os produtores americanos nem ninguém quis procurar Eunice Feitosa, 36 anos, primeira mulher de Chico, com quem viveu de 1969 a 1971. O jornalista conta que Eunice vivia com Antônio Cabral da Silva, no

Seringal Nova Esperança, Colocação Isaura. Mãe de seis filhos, teve duas filhas com Chico, uma que morreu e Ângela Maria, 19 anos, que vive em Rio Branco.

Eunice entrou na justiça para participar dos direitos do filme, como primeira mulher de Chico. Ventura transcreve a conversa com a mulher, que descreve como “um animalzinho inofensivo – acuado, em pânico”(VENTURA, 1989, p. 4), em uma entrevista *pingpong*, um tanto quanto monossilábica e de português simples. Eunice conta que casou com Chico Mendes no civil e no católico, mas que o líder seringueiro levou a certidão e nunca mais devolveu. Também não encontrou o registro no Fórum de Xapuri, a página do livro em questão estaria rasgada.

Após a entrevista, Antônio, companheiro de Eunice, chamou o repórter para ver a casa de farinha e o paiol, além de fazer uma reclamação, a mulher não podia dar entrevistas, como recomendou o advogado. Eles haviam confundido o jornalista com um marreteiro, vendedor que percorre a floresta pelos rios. Ventura pegou os mantimentos que tinha para as seis horas de expedição e deu para as cinco crianças em volta, num ato de expiação. Sentiu culpa ao tirar informações de uma pessoa simples. Neste trecho, Ventura demonstra culpa por quase ter desrespeitado a questão ética do jornalismo.

O jornalista precisa deixar claro que está no local como um profissional, não é nem inimigo nem amigo, mas uma testemunha da realidade. Mas Ventura mantém a ética com seus leitores e segue relatando os pormenores que envolvem a apuração precisa. Conta que deixou o local cheio de culpa por ter conseguido informações em uma conversa com uma mulher simples e de alma pura. Ventura se pergunta por que os companheiros de Xapuri não a ampararam como fizeram com Ilzamar e hoje dizem que ela está sendo manipulada por advogados da UDR, como se escreveu tanto. O que não era verdade, como não foi difícil apurar.

Na volta, separado do barqueiro por sete metros, a distância que vai da proa à popa, não podendo conversar por causa do barulho do motor, sem quase poder me mexer para não desestabilizar uma canoa que na parte mais larga tem um metro, sem biscoito e sem água, aplaquei todas as minhas fomes e sedes, inclusive de justiça, pensando que pior tinham feito os companheiros de Xapuri. (VENTURA, 1989, p. 4)

Dona Eunice, depois do enterro de Chico Mendes, foi ao cartório em busca da certidão de casamento para pleitear uma pensão pelo Funrural. Quando o escrivão constatou que a folha correspondente havia sido arrancada, encaminhou-

a à defensoria pública. É aí que entra na história o Dr. Norival Camargo Valladão, um contador de 70 anos, que aos 64 resolveu também ser advogado, o único de Xapuri. Ventura conta que o advogado estava convencido de que iria restaurar o casamento original, anular a união com Ilzamar e ganhar as duas causas de Dona Eunice, a pensão e a participação no espólio de Chico Mendes. Tudo isso cobrando um preço justo, da cliente que pouco tem. O repórter questiona afirmando que Dr. Valladão é advogado da UDR. Ele explica que como advogado defende qualquer um e que o próprio Chico já havia sido seu cliente.

Ventura também procurou o padre José Maria Carneiro de Lima, 78 anos, que diz ser considerado doido e que não deverá ajudar muito no processo de d. Eunice. O padre diz ter casado umas dez mil pessoas no Acre, mas não lembra se casou Chico Mendes. “Descendo o lermo e barrento rio Acre naquela tarde cheia de sol e mosquitos, eu continuava admirando Chico Mendes, mantinha minha simpatia por Ilzamar, mas torcia por d. Eunice. Torcia pra ela ganhar a causa e uma grande intérprete no filme” (Ventura, 1989, p. 4). Na próxima reportagem, Ventura fala sobre Osmarino Amâncio, 31 anos, dirigente sindical em Brasília e secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros, como podemos observar no detalhe da chamada de capa a seguir.

Figura 10 – Detalhe da chamada de capa de O Acre de Chico Mendes IV



Figura 11 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes IV



PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

Na chamada de capa da quarta reportagem, *Polícia acha que Osmarino não sofreu atentado*, destaca que a polícia ainda não havia localizado o jovem que roubou um caminhão e o jogou contra o carro do líder sindical Osmarino Amâncio na mesma semana da publicação. O delegado de Brasília, Francisco

Josemar da Silva, e o secretário de Segurança do Acre, Lourival Marques, não qualificaram o acidente como atentado. Em uma entrevista, Osmarino afirmou ter receio de conseguirem assassiná-lo. Só depois da morte de Chico Mendes, ele já tinha sofrido cinco atentados em casa.

Figura 12 – O Acre de Chico Mendes IV

JORNAL DO BRASIL **Brasil** **sexta-feira, 1988** **1º semestre** **7**

O Acre de Chico Mendes — IV

A vida de um homem marcado para morrer

Polícia nega atentado a sindicalista



Observar este personagem em sua vida profissional. O problema é que ele sempre esteve em...

Trabalha de garçom — Ele sempre foi um trabalhador duro, sempre em busca de um emprego melhor. Mas, quando chegou ao Acre, ele encontrou um trabalho que lhe permitia lutar por seus direitos. Ele trabalhou como garçom em um restaurante, mas não se contentou com isso. Ele queria fazer algo de mais importância. Ele começou a trabalhar como vendedor ambulante, e depois como líder de uma comunidade. Ele sempre foi um homem de ação, e isso o levou a se tornar um dos líderes mais importantes do Acre.

Para a mãe, Elvira Garcia Pinheiro, há um filho que sempre viveu "deserto"

Uma vida de luta — Desde cedo, Chico Mendes foi um homem de luta. Ele não se contentava com o status quo, e sempre estava buscando maneiras de melhorar a vida das pessoas. Ele foi um líder nato, e isso o levou a se tornar um dos principais nomes do movimento sindical no Acre. Ele sempre foi um homem de ação, e isso o levou a se tornar um dos líderes mais importantes do Acre.

Quem mandou trocar as armas de segurança?

Uma vida de luta — Desde cedo, Chico Mendes foi um homem de luta. Ele não se contentava com o status quo, e sempre estava buscando maneiras de melhorar a vida das pessoas. Ele foi um líder nato, e isso o levou a se tornar um dos principais nomes do movimento sindical no Acre. Ele sempre foi um homem de ação, e isso o levou a se tornar um dos líderes mais importantes do Acre.

PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

Na quarta reportagem da série, *A vida de um homem marcado para morrer*, publicada na quarta-feira, 03/05/89, no 1º caderno, página 7, Ventura escreve de Xapuri. O jornalista chama atenção para o fato de que para cada líder do *Movimento*, há um seringueiro de plantão. Osmarino Amâncio, 31 anos, dirigente sindical em Brasília e secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros, tem três seguranças, soldados da PM, e sofreu dois atentados em menos de um mês. Em contraponto, o governador Flaviano de Melo pergunta para Ventura se o clima de violência de Xapuri se compara com o que se noticia no Sul. Ventura confirma que a pequena cidade não se compara com a violência do Rio de Janeiro. De qualquer forma, afirma que a única médica de Xapuri diz que a pequena cidade é um caldeirão. Ela tem medo que o local vire um faroeste. Os crimes são seletivos, contra lideranças de seringueiros. Junto à sepultura de Chico Mendes há três outros corpos de companheiros assassinados recentemente. Os médicos de Xapuri são Denise Carla Bernardo Peixoto, 32 anos, de Niterói, mãe de três filhos, há quatro anos em Xapuri, e o marido, Dr. Gwyer. Eram os únicos médicos da cidade. Foi Denise que correu para atender Chico no dia do crime.

Ventura traça o perfil de Osmarino com sua entrevista, que analisaremos em outra seção. Em destaque no quadro com o título *Quem mandou trocar as armas da segurança?*, Ventura conta que uma das maiores reclamações de Osmarino na entrevista era a deficiência do armamento usado pelos seus seguranças: "assim, morre eu e morrem eles"(VENTURA,1989). Também uma das questões não respondidas pelo inquérito sobre o assassinato de Chico Mendes: quem mandou trocar as armas da segurança do líder seringueiro? O comandante da PM de Xapuri, o tenente Célio, ainda se fazia a pergunta. Amigo de Chico Mendes, foi levado por ele até Rio Branco no dia 24 de novembro de 1988, quando entrou de férias. Ameaçado de ser transferido várias vezes, como foi após o assassinato, avisou ao amigo desta suspeita.

- Gostaria de cuidar o sr. pessoalmente, mas quando voltar das férias, acho que vou ser transferido.
- Fica tranquilo, tenente, que enquanto eu for vivo, você não sai de lá - foi o consolo de Chico.(VENTURA, 1989, p. 7)

O comandante da PM fazia questão de armar os seguranças de Chico Mendes com duas metralhadoras e uma espingarda calibre 12, de seis tiros e

grande poder de fogo. Logo depois do assassinato, Célio leu nos jornais declarações dos soldados reclamando que estavam armados apenas de revólveres, como agora os seguranças de Osmarino. O tenente não entendeu e gostaria de saber, como todos, quem deu a ordem de afrouxar a segurança.

Em outro trecho da reportagem, *Polícia nega atentado a sindicalista*, Ventura escreve da capital Rio Branco sobre a supeita de atentado contra Osmarino Amâncio. O jornalista conta que embora até a tarde anterior a polícia não tivesse localizado o menor M.C.S., de 17 anos, que na noite de segunda-feira jogou um caminhão Mercedes Benz roubado contra o carro do líder sindical dos seringueiros de Brasiléia, o delegado de Brasiléia, Francisco Josemar da Silva, e o secretário de Segurança Pública do Acre, desembargador Lourival Marques afastaram a possibilidade de atentado contra o sucessor de Chico Mendes. Desde o assassinato de Chico Mendes, Osmarino vem sendo ameaçado. Mesmo com a proteção do governo do Estado, com quatro PMs o acompanhando, desconhecidos dispararam três tiros nos fundos de sua casa na noite de 6 de abril.

‘Enquanto o governo não acreditar que minha situação é de vida ou morte eu não comento nada’, disse Osmarino por telefone. ‘O Estado será o único responsável por não levar a sério tudo o que vem me acontecendo’. (VENTURA, 1989, p. 7)

Ventura também apresenta a versão da polícia, na fala do delegado Francisco Josemar da Silva, que afirmou que o menor M.C.S., que teria várias passagens pela polícia de Brasiléia, roubou um caminhão da Secretaria de Desenvolvimento Agrário na noite de segunda-feira. Depois de colidir contra um poste perto da Delegacia da Polícia Federal, arrancou em alta velocidade, batendo na caminhonete onde estava Amâncio, os PMs Osmar, César e Gerson, o sociólogo João Marcos Aurora Romão, a repórter alemã AnneteHelenkemper e o motorista Manoel Brito. O secretário Lourival Marques informou que já havia ouvido os quatro PMs, o sociólogo e o motorista, mas acusou Amâncio de não estar querendo colaborar, afirmando que este não pode comparecer à delegacia.

Ventura conta na reportagem que com o acidente, já seriam sete possíveis ameaças contra Osmarino e descreve cada uma. Lourival Marques disse que além de ter destacado quatro PMs para acompanhar o líder seringueiro dia e noite, mandou apurar com rigor todas as denúncias de ameaças. "Dei ordem ao delegado

para abrir inquérito, se alguém passar na rua pelo Osmarino e tossir", ironizou o secretário (VENTURA,1989, p. 7).

Figura 13 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes V



PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

A quinta reportagem, no dia 4 de maio, ganhou uma chamada de capa com menos destaque. *Justiça tarda* fala sobre a carência de representantes do

Ministério Público nas comarcas do Acre. Xapuri passou 12 anos sem juiz e Brasília, 10 anos. Foi preciso nomear um promotor ad-hoc, que só vai a Xapuri nos dias de audiência, para estudar as 152 páginas em cinco volumes do processo Chico Mendes. A sexta e a sétima reportagem não tiveram chamadas de capa.

Figura 14 – O Acre de Chico Mendes V

Revista Época 1988

O Acre de Chico Mendes — V

Onde a Justiça custa a chegar, se é que chega

Por José Fontana

RAMFEL, AC — Quando há algum tempo, o povo do Acre viveu um período de relativa calma política, a situação mudou. O Acre voltou a ser palco de uma situação de tensão política, e a Justiça, que deveria ser o instrumento de resolução dos conflitos, não conseguiu cumprir seu papel. A situação atual é a seguinte: há um processo em andamento no Acre, que envolve a família de Chico Mendes, e a Justiça não conseguiu cumprir seu papel de resolver o caso. A situação atual é a seguinte: há um processo em andamento no Acre, que envolve a família de Chico Mendes, e a Justiça não conseguiu cumprir seu papel de resolver o caso.

Chico Mendes e sua família em uma das fazendas de Xapuri.

João Saldanha, advogado de Chico Mendes.

João Saldanha, advogado de Chico Mendes.

Seu trabalho de advogado, em particular, no que diz respeito ao caso de Chico Mendes, não foi suficiente para garantir a justiça. A situação atual é a seguinte: há um processo em andamento no Acre, que envolve a família de Chico Mendes, e a Justiça não conseguiu cumprir seu papel de resolver o caso.

Chico Mendes em uma das fazendas de Xapuri.

Federação pede a ministro readmissão de funcionários

BRASÍLIA — A Federação Brasileira de Trabalhadores de Empresas de Transporte (FBTE) e a Federação Brasileira de Trabalhadores de Empresas de Transporte (FBTE) pedem a readmissão dos funcionários que foram demitidos durante o processo de reestruturação da empresa. A Federação Brasileira de Trabalhadores de Empresas de Transporte (FBTE) e a Federação Brasileira de Trabalhadores de Empresas de Transporte (FBTE) pedem a readmissão dos funcionários que foram demitidos durante o processo de reestruturação da empresa.

Venezuela quer expulsar garimpeiro

CARACAS — O governo venezuelano quer expulsar o garimpeiro brasileiro que está trabalhando ilegalmente no país. O governo venezuelano quer expulsar o garimpeiro brasileiro que está trabalhando ilegalmente no país. O governo venezuelano quer expulsar o garimpeiro brasileiro que está trabalhando ilegalmente no país.

João Saldanha O foto-pagete sobre o toque de lado. JB

PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

Em *O Acre de Chico Mendes – V, Onde a Justiça custa a chegar, se é que chega*, publicado na quinta-feira, 04/05/89, no 1º caderno, página 8, Ventura também escreve de Xapuri, AC. O jornalista conta que o Delegado Romeu Tuma disse que o juiz de Xapuri, Adair Longhini, tinha tanto medo de morrer que cobria as janelas para não ser visto. Ventura conta ainda que Longhini tomou algumas precauções depois da morte de Chico Mendes: pediu licença para andar armado e conseguiu do Tribunal de Justiça um aparelho de ar condicionado para evitar ser um alvo fácil trabalhando de janelas abertas no calor insuportável. O repórter afirma que Tuma, como investigador, deveria ter levado esses detalhes em conta.

Ventura disse que graça provoca a lembrança dos homens de Tuma tentando caçar os pistoleiros bloqueando estradas, como se, tendo a floresta, os fugitivos fossem preferir pegar um ônibus. O jornalista ressalta que Tuma e a Polícia Federal não só provocaram risos, mas uma grande indignação. Acredita-se, com muita razão, que eles poderiam ter evitado, ou pelo menos dificultado, a morte de Chico Mendes. Ventura reforça que nesta parte do inquérito, Tuma deveria estar explicando porque ele e sua polícia no Acre não tomaram certas providências.

(...) no dia 26 de setembro de 1988, foi expedido um mandado de prisão contra Darli e Alvarino Alves da Silva. No dia seguinte, Chico Mendes foi à sede da Polícia Federal conversar com o superintendente Mauro Sposito. Ao sair viu que no bar da frente, tomando cerveja, estava justamente Darli. Acompanhado do seu advogado Genésio Natividade, Chico caminhou uns 100 metros, foi ao Pinheiro Palace Hotel e subiu ao quarto de sua amiga Mary Helena Allegrette, de onde telefonou para a Polícia Federal. Quem atendeu o telefone foi o delegado HildoReni, substituto de Sposito, que recebeu o aviso de que um dos alvos do mandado estava sentado calmamente ali em frente. (VENTURA, 1989, p. 8)

Apesar disso, Ventura conta que só 16 dias depois e por insistência do juiz de Xapuri, Sposito liberou o mandado. Quando foram à casa de Darli, que se vangloriava de ter amigos na Polícia Federal, os dois irmãos já estavam longe.

Em 28 de outubro de 1988, Chico Mendes enviou uma carta ao delegado da Polícia Federal no Acre, ao secretário de Segurança, ao governador do Estado e ao juiz de Xapuri dando pistas bem precisas sobre reuniões de fazendeiros para tramarem a sua morte. Nenhuma resposta ou providência.

Um mês depois, dia 29 de novembro, Chico enviou três telex: para o governador, para o secretário de Segurança e para Romeu Tuma. Ele denunciava que os pistoleiros Darli e Alvarino continuavam soltos tramando a sua morte e anunciava, com detalhes, que cinco fazendeiros tinham se reunido com a mesma finalidade. Os telex continuam sem resposta. No dia 5 de dezembro, 17 dias antes do crime, outros três relex eram remetidos: para Romeu Tuma, para Paulo Brossard, então ministro da Justiça, e para o presidente José Sarney. A mesma tecla: elementos ligados à UDR estavam tramando a eliminação do líder seringueiro. Igual silêncio. No mesmo dia o diretor geral da Polícia Civil do Acre, delegado César Pontes, emitiu um porte de arma em favor de Oloci Alves, filho de Darci, já figurando nos jornais desde o começo do ano como envolvido em crimes contra os seringueiros. Também no dia 5, Chico notou a presença de João Branco acompanhado de dois desconhecidos no avião para Piracicaba. E ainda neste dia Chico Mendes deixa uma mensagem de despedida dizendo querer, caso fosse morto, que seu assassinato servisse para acabar com a impunidade dos jagunços. Ele afirmava que 50 líderes seringueiros já haviam sido mortos por quererem defender a floresta. Chico Mendes deixa claro que havia denunciado quem queria matá-lo, mas que nada havia sido feito para evitar. Culpa a Polícia Federal do Acre e seu delegado, Mauro Spósito.

Spósito publicou uma carta em *A Gazeta*, de Rio Branco, negando ter facilitado a fuga dos pistoleiros e lançando uma das mais infamantes acusações ao líder seringueiro: a de colaborador da Polícia Federal. Ventura explica que Chico na verdade botou a boca no mundo sobre os planos do professor do Projeto Seringueiro, o economista Reginaldo de Castela, que aliou-se a um ativista de esquerda uruguaio que fora tentar organizar no Acre um movimento de guerrilha com os seringueiros. Temendo como temia as aventuras militaristas, Chico avisou a direção do PT, a Igreja e entidades. Pistoleiros afirmavam que eram amigos e protegidos de Spósito. Ventura afirma que diante de tudo isso é difícil achar graça nas ironias de Romeu Tuma com um juiz que está procurando desempenhar seu papel com coragem e dignidade. Adair Longhini, por sua vez, disse que, pai de três filhos, seria uma irresponsabilidade não tomar algumas precauções.

No dia 5 de abril de 1989 o ar condicionado ainda estava quebrado. Ventura conta que estava sendo atacado pelos mosquitos naquele ambiente de muito calor. A audiência informal trouxe o jornalista Elson Martins a Xapuri.

Outro juiz Arquilau de Castro. Elson foi o fundador do Varadouro, um jornal alternativo que existiu em Rio Branco de 1978 a 1981. Arquilau tinha sido foga do jornal. O Acre tem dezenas de bons advogados assediados por causas mais rentáveis do que a dos seringueiros e Arquilau foi uma exceção, concunhado de Adair Longhini, é juiz. Longhini convencia o jornalista de que a Justiça no Acre seria inviável. As testemunhas morrem de medo, a polícia não tem condições técnicas e materiais de investigar e os promotores praticamente não existem. Como o promotor e o juiz não acompanham a fase inicial do inquérito, as testemunhas dizem uma coisa na delegacia e depois se desdizem em juízo. O próprio Darci confessou o crime e depois negou.

O Acre é um Estado em que a grande maioria das comarcas não tem representantes do Ministério Público. Xapuri ficou 12 anos sem juiz. Ventura lembra da visita ao secretário de Segurança, Lourival Marques de Oliveira, da equipe de Ação pela Cidadania, que indica como talvez a única iniciativa no sentido de investigar as investigações. Deputado Plínio Arruda pediu a relação das pessoas com porte de armas no Estado e ele respondeu que nem o próprio tinha. Foi descoberto que existiam 892 processos em andamento em Rio Branco envolvendo crimes dolosos contra a vida, com 126 processos julgados nos últimos cinco anos pelo Tribunal de Júri da capital. Nesse ritmo levariam 35 anos para julgar todos os processos. O próprio presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Wanderley Nonato de Oliveira, admitiu que a situação jurídica no Acre é “precaríssima”. Só em Xapuri havia uns 200 processos criminais à espera de parecer do inexistente Ministério Público. O repórter encerra a reportagem com um curto diálogo monossilábico com Genésio.

Deprimido, saí e fui direto ao quartel da PM. Quando voltava à cidade – e em um mês isso se repetiu oito vezes – a primeira coisa que fazia era ir, com o coração na mão, ver o garoto Genésio. Havia sempre o pressentimento de que algo poderia ter ocorrido àquele menino completamente desprotegido. Mas ele estava sempre lá, como o deixara, sentado, misterioso, insondável, olhando não se sabe para que horizonte. Só Genésio, a testemunha-chave, resiste.

- Oi, Genésio.

- Oi.

- Tudo bem?

-

Genésio só respondia quando era importante responder. (VENTURA, 1989, p. 7)

Nesse trecho, Ventura deixa clara a preocupação com Genésio, contando que, em um mês, foi visitar o menino oito vezes, sempre que chegava à cidade.

Em *A revolução de armas de um seringueiro*, sexta reportagem da série, publicada na sexta-feira, 05/05/89, no 1º caderno, página 4-b, Ventura ainda escreve de Xapuri, AC. A reportagem começa com a descrição do anoitecer em Xapuri, quando a temperatura cai, mas aparecem os mosquitos. Ventura conta que às 6 horas da tarde de domingo, 10 de abril, um show fazia esquecer os mosquitos. Reunidos em volta à Igreja, uns 15 seringueiros, na maioria jovens de 20 e 20 poucos anos, faziam uma alegre algazarra. O repórter fala sobre os causos e lendas da região, como as histórias do Caboclinho da Mata e a Mulher da Seringueira, entidades mitológicas ambientalistas.

Ele conta que a história de maior sucesso daqueles monitores do Projeto Seringueiro ali reunidos é a de Almir Ferreira Sena, 24 anos, do Seringal Nazaré, distante de Xapuri 9 horas “de a pé, pelo varadouro”. Ventura reproduz uma das histórias do contador que diz fazer inveja a Chico Anysio e de lembrar Guimarães Rosa. A história é sobre como acontecem os casamentos no seringais, em que o noivo rouba a noiva da casa do pai.

A professora Regina Hara havia dito que a figura mais interessante do Projeto Seringueiro era Francisco de Assis Monteiro de Oliveira, 30 anos, nascido na Bolívia, Seringal Marina, Colocação São Francisco, e hoje presidente da Cooperativa das Reservas Extrativistas. Hara, professora paulista, acompanha o Projeto Seringueiro há seis anos, desde o começo. Estava preparando os monitores com Maria Lúcia Martins, matemática, e Nieta Lindemberg, doutora em Línguas.

Ventura conta que Assis é uma espécie de mestre de todos. Cada monitor aprendeu um pouco com ele. Uma entrevista ali mesmo na praça revela que aquele caboclo inteligente, magro, casado duas vezes e pai de três filhos, é uma enciclopédia de sua gente e talvez o herdeiro mais autêntico da obra de Chico Mendes no que ela tem de pedagogia e plantação de ideias. É também Agente de Saúde, figura criada pelo Projeto para ocupar o espaço dos inexistentes médicos. Já suturou a perna do jovem Jorge Antônio Alves, que se feriu com uma motosserra. Foi aos Estados Unidos com Ilzamar. O Projeto, em seis anos, construiu 23 escolas, sete a mais do que o município em mais de um século. “- A Cooperativa – explica Assis – substituiu a figura do marreteiro, que tomou o lugar dos patrões e controlava todo o ciclo: ditava o preço da borracha, que comprava, e das mercadorias, que em troca vendia” (VENTURA, 1989, p.4-b).

Ao lançar a ideia das Reservas Extrativistas, Chico Mendes sabia que era preciso estabelecer uma base econômica forte. Ele dizia: - Uma política estratégica do governo e dos grandes fazendeiros é deixar o seringueiro em total miséria, lá no meio da mata, para que ele se desestime e venha para a cidade. Chico acreditava tanto nas cooperativas que, naqueles seus surtos visionários, as via se alastrando pelo Vale do Acre, pelo Vale do Juruá, por todo o estado e por toda a Amazônia. “Sabemos que vai levar tempo, mas nós vamos chegar lá” (VENTURA, 1989, p.4-b).

Ventura conta que algumas autoridades com quem conversou, inclusive o governador, não fazem muita fé na viabilidade da Cooperativa. Aliás, não fazem fé na própria viabilidade econômica da atividade extrativista tal como é exercida, de maneira artesanal, sem o apoio de culturas perenes, sem subsídio do governo. O repórter afirma que o argumento é forte. Distantes dos centros de beneficiamento da borracha, sem uma política nacional de sustentação dos preços, sem incentivo, o seringueiro seria uma espécie em extinção.

As 70 mil sementes de seringa que um certo inglês contrabandeou há cerca de 100 anos para a Malásia e que 40 anos depois acabaram derrubando o preço do produto brasileiro no mercado internacional, ainda seriam as responsáveis. O governador Flaviano disse que a borracha da Malásia chega ao Acre 50% mais barata. Ainda que se admita a decadência da borracha, o produto continua sendo a maior fonte de recursos do Estado. Sozinha representa 60% na arrecadação estadual, a castanha 10% e a agropecuária, que dá poder político devida e morte aos fazendeiros, não representa mais do que 5%.

Depois da reunião na praça, Ventura conta que foram para o prédio do antigo Projeto Rondon, onde numa pequena sala desconfortável e calorenta, a professora Regina Hara ia gravar uma sessão de avaliação do Projeto Seringueiro com dois monitores do curso: Adalcides Ferreira de Moraes, 20 anos, e Alcino Monteiro de Oliveira, de 25 anos, ambos professores da Escola Nova Esperança, do seringal de mesmo nome. Método de Paulo Freire.

Ventura conta que em 1980, quando assassinaram Wilson Pinheiro, em Brasília, primeiro grande líder seringueiro da região, o movimento quase acabou. Havia sobrado dois líderes – Chico Mendes e Raimundo de Barros, seu primo – ambos marcados para morrer. Chico decidiu que os dois não andariam mais juntos e formariam lideranças, cada um em sua área de atuação.

Pouco antes de morrer, Chico Mendes teve a alegria de poder dizer: - “Hoje, pelo menos, eu não tenho mais aquele frio, eu não tenho mais aquele medo de morrer e o movimento parar” (VENTURA, 1989, p.4-b).

Ventura lembra também de outra frase de Chico em que ele dizia que, além desse trabalho de conscientização, contava apenas com duas armas: a pressão internacional e a pressão da sociedade brasileira. Em janeiro de 87, Chico conseguiu que uma comissão da ONU viesse ao Acre observar a luta dos seringueiros contra o desmatamento dos fazendeiros. Os visitantes ficaram chocados, e mais ainda quando ouviram de Chico a informação de que aquilo era “o resultado dos projetos financiados pelos bancos internacionais”(VENTURA, 1989, p. 4-b). Em março do mesmo ano, a ONU e as entidades ambientalistas americanas convidavam Chico para participar da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento em Miami.

Entrou com credencial de imprensa e denunciou para diretores executivos do BID o que estava sendo feito na Amazônia. No dia 28 de março, Chico era recebido pela comissão de verbas do Senado dos Estados Unidos, com documentos que provavam as consequências que o desmatamento, com a abertura da estrada financiada pelo BID, estava causando. “O seu raciocínio era lógico como a cabeça de um seringueiro: o desmatamento é provocado pela estrada financiada pelo BID. Logo, o BID estava financiando o desmatamento” (VENTURA, 1989, p.4-b). No dia 2 de abril de 1987, o BID suspendia o resto do desembolso para o asfaltamento da estrada. Ventura finaliza a reportagem contando que quando saíram da reunião de avaliação já era quase meia-noite.

O ar fresco da noite e a descoberta de que Alcino é irmão de Assis e ambos filhos de Luiz Tarjino de Oliveira – um bravo seringueiro de 56 anos, dos mais antigos companheiros de Chico, que hoje garante a vida do ex-padre Gilson Pescador com uma 38 – me deram a sensação de que eu começava a descobrir porque mataram Chico Mendes. Chico estava realizando uma Revolução, a única possível nesses tempos: sem armas – ou melhor, com as suas armas. (VENTURA, 1989, p.4-b)

O jornalista reforça a crença de que as motivações para o assassinato de Chico Mendes estavam relacionadas à sua luta de proteção da floresta e dos interesses dos seringueiros, que muitas vezes tentaram minimizar durante as investigações. Ventura acredita que o seringueiro estava fazendo uma revolução com as armas que tinha, que era a união dos companheiros, difundindo suas ideias

Em *O Acre de Chico Mendes – VII, Os personagens de um filme de muito suspense*, reportagem publicada no sábado, 06/05/89, no 1º caderno, página 5, Ventura também escreve de Xapuri, AC. Começa a penúltima reportagem da série falando sobre a antropóloga, de 40 anos, Mary Helena Allegretti, que ele descreve como um dos mais polêmicos e complexos personagens do elenco Amazônico. Seus amigos e inimigos não negam sua legitimidade e ambição. Allegretti ajudou a lançar Chico para o mundo, o sustentou com bolsas que conseguia com seu prestígio junto a entidades internacionais e estava ajudando financeiramente Ilzamar e seus filhos após o assassinato do líder seringueiro.

O jornalista conta que a antropóloga frequenta a Amazônia desde os anos 70, quando foi fazer sua tese *O seringueiro: um estudo de caso num seringal nativo do Acre*. Acabou ficando e fundando o instituto amazônico ‘mais influente do mundo’, como descreve Ventura, o Instituto de Estudos Amazônicos de Curitiba, que dirige. Mary conseguiu apoio financeiro da *Oxfan*, uma agência inglesa, para o I Encontro Nacional dos Seringueiros, em 1985. Também conseguiu financiamento para o II Encontro Nacional dos Seringueiros e I dos Povos da Floresta, além de ter solucionado a necessidade de uma biblioteca ambulante para o projeto Seringueiro, do qual também participou da criação.

“Uma vez lhe disseram: “O que seria de você sem o Acre?”. Ela respondeu: “E o que seria do Acre sem mim?”. Seus admiradores acham que na comparação se poderia substituir o Acre por Chico Mendes”(VENTURA, 1989, p. 5) Depois da morte do líder seringueiro, Mary foi aos Estados Unidos para a criação da Fundação Chico Mendes.

Ventura afirma que Mary, com Steve Schwartzman e Adrian Caldwell, foi muito útil à estratégia de *marketing* de Chico Mendes. Ressalta que o líder seringueiro tinha grande aptidão para se comunicar, comparando-o com o mestre em estratégia de *marketing* no país a Glauber Rocha e Assis Chateaubriand. “Os três, planetários, sabiam como explorar genialmente a má consciência do dominador, apresentando-se como *mauvais sauvages* e oferecendo ao consumo do moderno colonizador um exotismo agressivo” (VENTURA, 1989, p.5)

Chico Mendes hospedado no Waldford Astoria, em Nova Iorque, tendo no andar de cima Ronald Reagan, esnobando seu cicerone, Ted Turner, e perdido na parafernália de comandos do banheiro - "O que é chuveiro aqui, Marco?" -, mas sem perder nunca o seu objetivo: "Eu quero saber é como vou descolar dinheiro desses gringos para os seringueiros", dizia sempre que podia para seu amigo e

companheiro de viagem, Marco Antônio Mendes, atual presidente do Instituto de Meio Ambiente do Acre (VENTURA, 1989, p. 5)

Mary conta que por muitos anos Chico tentou saídas pela via tradicional de esquerda. Criou o PT no Acre, mas não ganhava eleição e não conseguia prestígio político. Ventura acredita que além da mudança estratégica de comunicação, muitas ideias de Chico foram aceitas pelo Banco Mundial porque eram boas e apresentavam soluções, não apenas problemas. Mary conseguiu incluir seu nome como consultora no contrato para a disputa da direção do filme que contará a história de Chico. A comissão encarregada de escolher as propostas do filme é formada por Ilzamar, Mary, Steve Schwartzman e Gilson Pescador. A proposta inicial deve ser de um milhão de dólares. A comissão estava nitidamente dividida, já haviam escolhido seis entre 15 propostas. Adrian Caldwell frequenta a região há 9 anos em função de seu trabalho, é autor de um dos documentários mais completos sobre a Amazônia: *A década da destruição*. Acabou tornando-se amigo de Chico Mendes. Ele que pagou o parto de Sandino.

Gilson Pescador, 29 anos, é ex-vigário de Xapuri. Nas últimas eleições para prefeito foi derrotado por apenas 200 votos num colégio de seis mil eleitores, resultado considerado fraudulento. É formado em filosofia pela Universidade do Paraná e em teologia pela PUC-Rio. Trabalhou com Leonardo Boff, é primo do Bispo do Acre, d. Moacir Grecchi e deixou a batina para se casar. Dentre os concorrentes estavam o diretor de cinema brasileiro Roberto Farias. Sua proposição visava a inclusão do cinema nacional na disputa, quaisquer que fossem o diretor e o produtor. A JN filmes de Joffre Rodrigues e José Cláudio Padilha foi a primeira a apresentar uma proposta, com a ideia de fazer o filme e depois uma série para a TV. Luiz Carlos Barreto também esteve em Xapuri interessado em fazer o filme, com aliados americano e italiano, propôs o contrário, série para TV e depois o filme. Ventura diz que não se sabe qual final vai ter esse filme, mas o certo é que ele não está fazendo bem à unidade do movimento.

O jornalista conta que no mesmo domingo em que se decidiram a escolha das seis propostas, houve uma reunião do Conselho Consultivo da Fundação Chico Mendes. Mary propôs que Gilson Pescador fosse o vice-presidente e que o tesoureiro fosse um advogado que traria de Curitiba. Gilson interpretou como uma tentativa de jogá-lo para um posto decorativo. Um dos talentos de Chico Mendes era, justamente, administrar talentos diversos e conflitantes.

Quem agora vai dar conta de um material humano tão variado e divergente, com tanto dinheiro e poder em jogo? De um lado, Mary, inteligente, ambiciosa, sendo reconhecida lá fora como a herdeira de Chico Mendes. Do outro lado, o abnegado Gilson Pescador, ameaçado de morte, carregando o piano do movimento, petista, dando às vezes a impressão de que, em política, deixou a Igreja, mas não a religião. Com ele, o outro assessor. Gomercindo Garcia Rodrigues, dedicado, capaz de se enfiar semanas nos seringais, conhecendo tudo dos seringueiros, mas com uma cintura política de elefante. E, meio perdidas, as lideranças seringueiras: Raimundo de Barros, Júlio Barbosa, Osmarino Amâncio. (VENTURA, 1989, p.5).

No trecho acima, Ventura expõe sua apuração sensível, que capta sutilezas de cada fonte, que vão se revelando como personagens surpreendentes, cada um com seu papel na história. Esse “material humano tão variado” que estava em torno de Chico Mendes, reforça sua personalidade carismática, que cativava e atraía as mais diversas pessoas para a sua luta.

Figura 17 – Detalhe da chamada de capa de O Acre de Chico Mendes VIII



As oitava e nona reportagens voltam a ter chamada de capa. Em *Genésio, o garoto esquecido do Acre*, diz que Fernando César Mesquita, que seria o atual czar do meio ambiente no governo, explicou que os brasileiros estavam quase sendo agredidos na Europa, ao pregar contra o desmatamento perante os fazendeiros locais, em Rio Branco. Depois do assassinato de Chico Mendes o Acre teria se transformado no centro do mundo. A constante presença da imprensa e de produtores cinematográficos estrangeiros teriam transformado Xapuri em uma meca do cinema e os seringueiros em estrelas de interesse nacional e internacional. Já Genésio, a testemunha-chave do processo, continuava esquecido. Após passar quatro dias preso numa cela da delegacia de Xapuri, foi transferido

para a PM de Rio Branco. “Ali, espera-se que esteja a salvo - mas isso é muito pouco para quem, mais do que qualquer entidade ambiental, é o símbolo do caso Chico Mendes. (Última reportagem da série O Acre de Chico Mendes, págs.7 e 8) (Jornal do Brasil, 1989).”

Figura 18 – Chamada de capa de O Acre de Chico Mendes VIII



Figura 19 – O Acre de Chico Mendes VIII



PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

Na penúltima reportagem da série, *O Acre de Chico Mendes – VIII*, *Um sonho que pode ser um sonho, mas não inviável*, publicada no domingo, 07/05/89, no 1º caderno, página 7, Ventura começa falando sobre o discurso de Fernando César Mesquita, presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos

Renováveis (IBMARN), para integrantes da UDR, avisando corajosamente que faria cumprir as resoluções do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama). Fernando dizia que a questão ecológica, ambientalista, não era mais assunto de poetas, românticos e sonhadores, que com a morte de Chico Mendes, o Acre transformara-se no “centro do mundo”.

A reportagem fala sobre o *Caso da Paloma* que estava mobilizando há duas semanas o Acre. O primeiro relatório de uma comissão formada por representantes do Incra, do Instituto de Meio Ambiente e da Fundação de Tecnologia do Acre autorizara o desmatamento de mil hectares na Fazenda Paloma, a 100km de Rio Branco. A autorização foi suspensa, pois não havia sido providenciado o Relatório de Impacto Ambiental (Rima), detalhado documento que provasse não haver agressão ambiental à área a ser trabalhada.

Os fazendeiros se irritaram e o governador Flaviano Melo ficou ao lado deles. O fazendeiro Dirceu Zamra, presidente da UDR local, disse que venceram os desocupados referindo-se aos seringueiros e índios que denunciaram o desmatamento que estava sendo preparado. Também estavam presentes o deputado federal (PFL) Narciso Mendes, um dos proprietários, e João Branco, o jornal Rio Branco. O presidente do IBMARN deixou o local discretamente acompanhado por seguranças.

Alguma coisa parecia estar mudando no Acre. Duas semanas depois, os repórteres Francisco José e Ernesto Rodrigues, da TV Globo, entravam com sua equipe na fazenda de Adalberto Aragão para documentarem uma cena inédita: um empate, mas não feito pelos seringueiros e sim pelos agentes do ex-IBDF. O presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros, Júlio Barbosa, que havia feito a denúncia, ficou satisfeito com o embargo na Fazenda Três Marias: - Sempre conseguimos parar os desmates através dos empates; hoje parece que vamos conseguir por vias legais. (VENTURA,1989, p. 7)

Aragão, ex-prefeito de Rio Branco pelo PMDB e um dos fundadores da UDR no Acre, é um dos nomes mais citados como envolvido na morte de Chico Mendes. Anda sempre cercado de um meia dúzia de seguranças que a oposição garante serem jagunços. É dono, entre outras, da Fazenda Três Marias, onde havia começado o desmatamento. Os seringueiros souberam, avisaram o IBMARN e, no dia seguinte, os agentes foram lá e proibiram os cerca de 20 peões de continuar o trabalho de início do desmate.

Ventura acompanha a ação de Alberto Dourado, Gilberto e Elder, agentes dos antigo IBDF e hoje incorporado ao IBMARN, no jipe Engesa. A estrada era tão ruim que foram necessários 40 minutos sobre água e lama para transpor o trecho de dois quilômetros que separava a estrada do local onde ocorreria o desmatamento. Apesar da dificuldade, era a segunda vez que os fiscais iam até o local, nas últimas 72 horas, para verificar se a ordem estava sendo cumprida.

O jornalista conversa também com o dono hotel onde aconteceu a reunião de Fernando com os fazendeiros, o empresário e presidente da Associação Comercial do Acre, George Teixeira Pinheiro. Ele acredita que esta novidade é passageira, pois o governo não pode parar o investimento rural no Acre.

No mesmo dia da reunião de Fernando com os fazendeiros, o presidente da Federação das Indústrias de Rondônia (Fier), Frederico Simon Camelo, havia estarecido seus pares com um discurso ecológico que poderia ter sido assinado por Chico Mendes, reconhecendo que a “gritaria internacional” que fez com que se verificasse que “de fato estamos explorando a Amazônia de forma predatória e irresponsável”. Ainda apresentou um elenco de recomendações ao governo, como que fossem proibidas novas derrubadas nos próximos dois ou cinco anos e que fossem postas em atividade produtiva as áreas já desmatadas; que não fosse mais permitida a prática da pecuária extensiva na Amazônia, usando o exemplo de países com carência de terra, onde se cria e engorda grande quantidade de rebanho em pequenas áreas, técnica que evitaria grandes desmatamentos

O jornalista ressalta que naquela tarde, Chico Mendes não parecia apenas um sonhador. Ventura finaliza a penúltima reportagem da série citando a antropóloga formada pelo Museu Nacional, no Rio, filha de fazendeiro e admiradora da causa dos seringueiros, Jane Villas Boas.

A Reserva Extrativista está calculada em idéias de autonomia, que são fantasias de felicidade que talvez Galvez tivesse quando criou o Estado Independente, enfiado no Acre, sem indústria, sem comércio, sem exportar, quer dizer, era um espaço físico – a terra, as árvores, as pessoas – independente. O nível de sobrevivência não se sabia como ia ser. A Reserva Extrativista é este sonho também. (VENTURA, 1989, p. 7)

Ventura reforça que Jane queria dizer que, por ser sonho, o sonho de Chico não é necessariamente inviável, como acreditam seus adversários e finaliza com Mais Chico Mendes na página 8.

Figura 18 – O Acre de Chico Mendes Final

Revista da imprensa de domingo 1989

REVISTA

JORNAL DO BRASIL

O Acre de Chico Mendes — Final

Uma pista para quem se interessar

...Mas não se deixe enganar. O jornalista Ventura, ao longo de sua obra, sempre se preocupou em trazer ao leitor informações precisas e atualizadas. Sua obra é um verdadeiro manual de sobrevivência para quem quer entender o Brasil. Ventura narra uma conversa com o médico Efraim Mendoza Mendivil, que dias antes do assassinato, ouviu o ex-seringalista Gaston Mota dizer em quanto tempo Chico Mendes seria morto. Ventura marcou uma consulta com o médico boliviano e quando tocou no

O símbolo de Chico Mendes perdido no centro do mundo

...Chico Mendes, o líder das organizações ambientalistas, morreu em 1988. Seu assassinato foi um dos mais importantes eventos da história recente do Brasil. O símbolo de Chico Mendes, o seringueiro, tornou-se um ícone de resistência e luta social. O texto discute o impacto de sua morte e o papel das organizações ambientalistas no Brasil.

Dias das Mães. Emoção que não tem tamanho.

CALOI



Caloi Cruiser Ventura. Ano 26. Outilho com novo design. Freio Sida Pull.

199,00

SANDIZ Sears

...Chico Mendes, o líder das organizações ambientalistas, morreu em 1988. Seu assassinato foi um dos mais importantes eventos da história recente do Brasil. O símbolo de Chico Mendes, o seringueiro, tornou-se um ícone de resistência e luta social. O texto discute o impacto de sua morte e o papel das organizações ambientalistas no Brasil.



PANGUELO

AAAO BOGORKKI KENNRETRADORA

PUC-Rio - Certificação Digital N° 1412569/CA

Em *O Acre de Chico Mendes – Final*, *Uma pista para quem se interessar*, publicada no domingo, 07/05/89, no 1º caderno, página 8, Ventura narra uma conversa com o médico Efraim Mendoza Mendivil, que dias antes do assassinato, ouviu o ex-seringalista Gaston Mota dizer em quanto tempo Chico Mendes seria morto. Ventura marcou uma consulta com o médico boliviano e quando tocou no

assunto, o dermatologista encerrou a conversa imediatamente. Falaremos mais sobre esse trecho da série de reportagem adiante, no quinto movimento de análise.

Na última reportagem da série, *O Acre de Chico Mendes – Final, O símbolo de Chico Mendes perdido no centro do mundo*, publicada no domingo, 07/05/89, no 1º caderno, página 8, Ventura escreve da capital, Rio Branco. O jornalista começa contando que foi ao Acre para passar quatro dias e chegou achando que ia morrer de tédio, mas um mês depois, não tinha conseguido ver e fazer tudo o que o “território de Galvez” oferecia.

A acreanidade é um fato, e não é de hoje. Quem pensa que o Acre pode ficar besta porque é agora o centro do mundo - como disse para os fazendeiros Fernando Mesquita - não sabe que esse Estado está acostumado com isso. Quase cem anos antes de Chico Mendes, o espanhol Galvez e o gaúcho Plácido de Castro já tinham criado uma questão internacional por esses 15 milhões de hectares. (VENTURA, 1989, p. 8)

Ventura conta que era uma semana como outra qualquer, em que haviam estado lá os produtores Luiz Carlos Barreto e Joffre Rodrigues, uma equipe da TV Globo, uma da TV italiana, outra da TV espanhola e uma segunda da TV Globo, mas que os moradores não se surpreendiam. “- Ah, meu filho, estou acostumado com isso. Eu sou do tempo em que as modistas vinham da França - disse um velho morador de Xapuri, quando lhe perguntei sobre aquela invasão de forasteiros” (VENTURA, 1989, p.8). D. Lindaura, proprietária do Veneza Hotel, de 12 quartos, também não se abalava e sequer sabia quantos gringos haviam se hospedado lá, sem realizar o registro de hóspedes.

Ventura foi buscar esse número em outros lugares: o livro de presenças da Fundação Chico Mendes, com quase mil nomes, e a estatística da companhia de táxis aéreo Tafetal, que do dia da morte de Chico até o dia 20 do mês anterior, tinha feito 97 vôos para Xapuri. Embora os moradores demonstrem naturalidade ao lidar com a visibilidade ganha pelo Acre e por Xapuri com o assassinado de Chico Mendes e que haja pouco deslumbramento, a antropóloga Jane Villas Boas afirma que ser evidente que isso abala psicologicamente as pessoas.

Ventura conta que uma manhã estavam na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, casa que serve de sede e de residência de Júlio Barbosa, sucessor de Chico no Sindicato, quando viram em cima da mesa um envelope vindo da Alemanha. Alguém abriu e era uma carta em português da *Brotfür die Welt*, entidade alemã, pedindo que assinassem a folha anexa e

devolvessem para que a pudessem enviar 10 mil dólares para o II Encontro dos Seringueiros. O Encontro já havia terminado há quase 15 dias e a carta sem resposta.

Na última reportagem, Ventura fala bastante de Flaviano Melo, 39 anos, jovem quadro do PMDB, governador do "centro do mundo", que se queixa de estar entre dois fogos: de um lado, a diretora do seu partido e a UDR, que não o perdoam por uma certa simpatia com a causa dos seringueiros; de outro os sindicalistas, PT à frente - "o PT radical", como ele diz - que o acusam de ter um discurso ecológico e uma prática contrária. O empresário George Pinheiro, amigo do governador, afirma que ele passa a mão na cabeça da esquerda e acaricia a direita.

Ventura afirma que Flaviano é um político moderno, inteligente, que procura superar a velha dicotomia esquerda versus direita, acreditando que o verdadeiro choque no Brasil é entre o arcaico e o moderno, mas que parece ter perdido dois bondes da História. O primeiro, por não ter feito uma sólida aliança com quem adorava alianças, Chico Mendes, e, o segundo por não ter empolgado a bandeira de Chico depois de sua morte. Para o jornalista, se tivesse tido essa audácia, perderia o apoio dos fazendeiros, mas tinha tudo para, enfrentar nacionalmente Collor de Melo, cuja causa é mais velha, udenista. O governador do Acre acha, porém, que tem o que considera ser um grande trunfo - um terceiro bonde da História, que ele não está disposto a perder. É a rodovia que vai ligar não só o Acre ao Peru, como o Atlântico ao Pacífico. É um projeto ousado cuja necessidade é difícil perceber do Sul.

Contra a estrada, que ia ser financiada pelo Japão, existe, como se sabe, a oposição dos Estados Unidos - e não só por ecológicas. A favor dela, ele tem um impressionante apoio da sociedade, inclusive do bispo D. Moacir Grechi, que já declarou: "Ela é querida pelo povo". O que se pergunta é o *como* dessa estrada. Para enfrentar a resistência ecológica estrangeira, Flaviano mobilizou sua jovem equipe de técnicos da Fundação de Tecnologia do Acre - a FUNTAC - e elaborou um detalhado plano, o Projeto Acre: Humanizar o desenvolvimento. A partir de um inventário completo que as imagens de satélites fornecem sobre clima, relevo, drenagem e solo, o projeto criou o zoneamento agroecológico, para evitar o que tem acontecido sempre que se constroem estradas na Amazônia: a ocupação desnorteada e a devastação desenfreada. O plano prevê a ocupação econômica,

social-ecológica e a viabilidade técnico-econômica da ligação rodoviária até o Peru. Um conselho consultivo, com representações de toda a sociedade, opinará, como promete o governador.

O presidente da FUNTAC e coordenador do plano, que envolve mais de 100 técnicos, seguia de avião para percorrer quase todos os municípios do Estado, como um "marreteiro, vendendo o plano". Com cromos, projetores, pastas, ele embarcou num bimotor para conversar com os prefeitos, os vereadores, os moradores, certo de que com esse plano de zoneamento, não há louco no mundo que não financie. Flaviano acha que o asfaltamento da estrada, que na verdade já existe faltando apenas 200 quilômetros perto da fronteira, poderia ser financiado pelo próprio governo brasileiro. Eram 300 milhões de dólares que, se Sarney bancasse, o ato valeria mais do que todas as suas afirmações retóricas de soberania nacional, afirma Ventura.

Mas falta a Sarney audácia, o que talvez esteja faltando também ao governador pelo menos no caso que fez do seu Estado o "centro do mundo". Enquanto o país e o mundo continuam perguntando quem matou Chico Mendes, o governo parece satisfeito com a prisão de Darli Alves e seu filho, como se isso encerrasse essa história. (VENTURA, 1989, p.8)

Ventura afirma que o símbolo do caso Chico Mendes naquele momento não eram nem a Fundação que leva seu nome, nem os seus presumíveis herdeiros políticos, mas um garoto de 14 anos, que só por acaso estava, espera-se, a salvo - o que é pouco para a testemunha-chave do processo, Genésio Ferreira da Silva.

Até o dia 24 de abril, Genésio estava entre as grades, quatro dias na corretiva. De fato, só dei por falta de Genésio no dia 23, domingo, quando a Comissão ia realizar sua última rodada de reuniões para selecionar as propostas milionárias para o filme sobre Chico Mendes.

O agente de plantão da delegacia não sabia bem: "Deve estar por aí". De repente se lembrou:

- Ah, não, ele está na corretiva, porque na sexta-feira saiu com um soldado sem avisar a gente.

A corretiva era uma cela de cimento, pequena, suja, com um portão de grade. Lá dentro, deitado numa rede, estava Genésio. Perguntei o que tinha acontecido:

- O soldado Agildo me pegou de moto pra dar umas voltas e eles me jogaram aqui.

Xapuri naquele domingo estava sem delegado e sem juiz, ambos em Rio Branco. Não havia ninguém para autorizar a libertação do garoto.

O escrivão e o agente de plantão tinham também suas razões:

- O sr. quer soltar ele porque não sabe o perigo que esse menino corre. Há muita gente má de olho nele - desculpou-se o escrivão.

Era a maneira que eles encontraram de garantir a segurança daquela testemunha que eles sabiam ser importante - só eles, pelo visto.

Genésio só pôde ser transportado para Rio Branco no dia 25, quando completava seu quarto dia de corretiva e seu quarto mês ali abandonado, entre a delegacia e o quartel da PM. Era também o dia em que Chico fora enterrado, quatro meses antes.

A entrega de Genésio ao coronel Roberto Ferreira da Silva, comandante da PM de Rio Branco, foi dramática.

O coronel Roberto falava de suas dificuldades, da criação da Guarda Mirim, onde ele reunia 400 garotos que sem isso talvez fossem pivetes, das dificuldades, e mostrava sua satisfação em receber Genésio, que ainda por cima tinha o seu sobrenome. "Ele é meu sobrinho, meu afilhado, tratem dele direito", recomendou ao tenente.

De repente, a meu lado, explodiu algo como um vômito, um soluço ou uma convulsão. Era Genésio, parecendo chora, mas sem lágrimas. Delicadamente, o coronel e o tenente se retiraram. A muito custo, Genésio disse:

- Eu não quero ficar, eles vão judiar de mim.

E começou a chorar. Durante quase uma hora, tentamos explicar a Genésio que ele só tinha trazido para ali porque não havia mais perigo, ele não sofreria mais, ninguém mais o maltrataria.

Genésio, o durão, que não tinha medo, que se orgulhava de não chorar, desabava. Sem lenço, recorria à camisa de meia verde, que ficou encharcada. Genésio chorou naquela hora 14 anos.

Mais tarde voltei para vê-lo, ele estava bem: no dia seguinte de manhã estava melhor. À noite, coisa rara, já puxava conversa:

- Pensei que o sr. tinha ido.

- Que que você fez hoje?

- Vi televisão e li jornal.

- Você leu o jornal todo?

Mais do que televisão, ele gosta de ler o jornal todo. Quando lhe perguntei de que mais gostava, ele respondeu logo:

- Signo.

- E qual é o seu signo?

- Leão.

- E o que diz o seu signo hoje?

- Que eu preciso se controlar, que vai miorar num sei o que, se esqueci.

- E você hoje já tá controlado?

- Já.

- Posso ir embora amanhã?

- Pode.

No dia seguinte de manhã ainda passei para ver Genésio. Ele estava fazendo um desenho numa folha de papel e me entregou o rabisco da cara de um homem. Embaixo estava escrito: "Zuenir Ventura - Genésio Ferreira da Silva". Era uma dedicatória.

Genésio estava correndo agora o sério risco de ficar piegas. (VENTURA, 1989, p.8)

O diálogo acima, um dos mais bonitos de todas as reportagens da série, mostra que além do contato rotineiro para a apuração da reportagem, Ventura se aproxima de Genésio e este, no início tímido, monossilábico e durão, sente-se a vontade para desabar em choro e revelar sua insegurança. Durante a narrativa, o repórter mostra que se preocupa com a segurança do menino e este, por fim,

retribui seu afeto presenteando-o com um desenho e enfim, aproximando-se de uma ação considerada clichê.

Na próxima seção focaremos na análise dos personagens que aparecem ao longo da narrativa de Ventura e suas participações na história. Observaremos especialmente como a narrativa jornalística construiu a imagem de cada um deles. Evitamos a análise psicológica ou social para concentrar as observações em como as notícias constroem personagens e sua representação como figura do discurso jornalístico. Afinal, a descrição dos personagens representa a versão dada por Ventura. Como ressalta Motta (2005, p.7) “é importante lembrar que mesmo na narrativa realista do jornalismo as personagens são figuras de papel, ainda que tenham correspondentes na realidade histórica”.

4.3.3

Terceiro Movimento: a construção de personagens jornalísticas (discursivas)

O terceiro movimento acontece paralelamente ao segundo, já que o reconhecimento das personagens e de sua dinâmica funcional ocorre junto com a identificação dos episódios. Os personagens realizam funções na progressão da história e sua análise está conectada à apreensão da narrativa. A identificação dos conflitos realizada anteriormente é útil para a atribuição dos papéis dos personagens que, por força de sua intervenção na história, podem ser classificados como protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis, etc.

De acordo com Motta, na análise da narrativa, não interessa quem é ou o que fez o personagem, mas como a narrativa jornalística construiu sua imagem e o que esse fez no transcorrer dessa narrativa. O objetivo é concentrar as observações de sua representação como figura do discurso jornalístico, observar como o narrador imprime no texto marcas com as quais pretende construir a personagem na mente dos leitores.

Tal como o cidadão comum ordena os dados de seu curriculum vitae de acordo com seus objetivos, o jornalista possui igualmente liberdade ao modelar o “retrato” que constrói de uma pessoa pública. O perfil ou “retrato” jornalístico envolve uma dimensão de pesquisa e inquérito, mas não é mera reprodução ou reflexo do “real”, é uma construção que mobiliza a subjetividade do repórter. O

seu papel não se limita a “descrever” pessoas que existem na vida real. (MOTTA, 2005, p.8)

Nas tabelas abaixo listamos os personagens de cada reportagem da série, com seus nomes, como são apresentados e quais as suas participações na narrativa. Ao analisar os personagens, acompanhamos o passo a passo da apuração de Ventura, que envolveu uma longa viagem, grandes deslocamentos, um trabalho de dedicação e paciência, além do olhar de um jornalista experiente.

Tabela 4 – Personagens de O Acre de Chico Mendes I

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Ricardo Lessa	Repórter do <i>Jornal do Brasil</i>	Havia contado que os repórteres do jornal Rio Branco diziam ter chegado ao local do crime uma hora e meia depois do ocorrido.
Teles	Soldado da PM, 29 anos	“Coloquei a mão no capô do Gol, ele estava frio, frio. Aí eu disse: ‘esses caras são suspeitos.’” Ninguém o procurou para ouvir a história.
Alvarino, irmão de Darli, e o filho deste, Oloci.	Suspeitos do assassinato de Chico Mendes	O sargento contava que a maior dificuldade para perseguir os fugitivos era a falta de recursos.
Sargento Honorato Neto ou H. Neto	Comandava a Operação Chico Mendes em Xapuri, 26 anos. Descrito como um jovem forte, baixo, de tênis, calça jeans e camisa de meia exibindo os músculos. Casado, sua mulher estava prestes a lhe dar um filho.	Pegou uma carona até Xapuri com os dois jornalistas e o advogado do líder seringueiro morto. Contou alguns dos seus feitos durante a viagem. Chegou a tornar-se famoso e foi acusado de comandar o Esquadrão da Morte em Rio Branco.
Genésio Natividade	Advogado de Chico Mendes	Apresentou a Ventura o menino testemunha-chave do processo de investigação do assassinato.
Genésio Ferreira da Silva	Testemunha-chave do processo Chico Mendes	Ventura diz que o menino é, depois do próprio Chico, o personagem mais impressionante desse processo.

Tabela 5 – Personagens de O Acre de Chico Mendes II

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Nilson Alves de Oliveira	Delegado responsável pela Delegacia Geral de Xapuri	Aguardava os dois jornalistas e o advogado. Também tinha queixas em relação à precariedade de recursos e o mesmo sonho de H. Neto, conseguir uma voadeira e um jipe Engesa. Durante a entrevista apenas concordou

		em falar sobre os suspeitos do crime afirmando ou negando com a cabeça.
Steve Schwartzman	Antropólogo americano do Fundo de Defesa do Meio Ambiente (Environmental DefenseFund), ONG que tem entre as suas causas a defesa das florestas tropicais.	Uma noite numa mesa do Caxinawá, badalado bar do Baixo Leblon de Rio Branco, contava como ele estava sendo assediado pelos produtores de cinema.
Mary Helena Allegrette	Antropóloga amiga e colaboradora de Chico Mendes. Trabalha na Amazônia desde 1978, tendo como área de pesquisa os movimentos sociais, as políticas públicas, os seringueiros e as reservas extrativistas. Doutora em desenvolvimento sustentável pela Universidade de Brasília, é consultora independente e professora visitante na Universidade da Flórida (EUA).	Também recebeu insinuações dos produtores internacionais. Foi uma das responsáveis pela projeção internacional do líder sindical e ecologista.
João Branco	Um dos proprietários do jornal Rio Branco, advogado de fazendeiros e ele mesmo um deles, membro da UDR.	Era o principal suspeito do assassinato.
Darli Alves	Fazendeiro, maior inimigo de Chico Mendes.	Suspeito do assassinato.
-	Secretário de Governo	Para ele, João Branco estava acima de qualquer suspeita.
Flaviano Melo	Governador	A caminho de Plácido de Castro, para os festejos, disse que o mundo perdeu um ecologista, o Brasil perdeu um líder político e ele perdeu um interlocutor, apesar das divergências.
Mauro Spósito	Antigo superintendente da Polícia Federal do Acre	Antes de morrer, a própria vítima deixou um roteiro de investigação e possíveis culpados. Este era um dos suspeitos apontados.

Tabela 6 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – III

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Iizamar	Mulher de Chico Mendes	Descrita como uma mulher bela e forte, que embora seja humilde e não fale o português perfeito, tem idéias sensatas que chamam a atenção onde passa.
Eunice Feitosa	Ex-mulher de Chico Mendes, 36 anos.	Primeira mulher de Chico, com quem viveu de 1969 a 1971. Vive com Antônio Cabral da Silva, no Seringal Nova Esperança, Colocação Isaura. É mãe de seis filhos. Teve duas filhas com Chico, uma que morreu e Ângela Maria, 19 anos, que vive em Rio Branco.
Norival Camargo Valladão	Contador de 70 anos, que aos	Zuenir conta que o advogado

	64 resolveu também ser advogado, o único de Xapuri.	estava convencido de que iria restaurar o casamento original, anular a união com Ilzamar e ganhar as duas causas de Dona Eunice, a pensão e a participação no espólio de Chico Mendes. Tudo isso cobrando um preço justo, da cliente que pouco tem. O repórter questiona afirmando que Dr. Valladão é advogado da UDR. Ele explica que como advogado defende qualquer um e que o próprio Chico já havia sido seu cliente.
José Maria Carneiro de Lima	Padre, 78 anos. Teria casado Chico Mendes e Eunice.	Diz ser considerado doido e que não deverá ajudar muito no processo de d. Eunice. O padre diz ter casado umas dez mil pessoas no Acre, mas não lembrar se casou Chico Mendes.

Tabela 7 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – IV

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Flaviano de Melo	Governador do Acre	Pergunta se o clima de violência de Xapuri se compara com o que se noticia no Sul.
Denise Carla Bernardo Peixoto	Médica, 32 anos, de Niterói, mãe de três filhos, há quatro anos em Xapuri.	Ela e o marido são os únicos médicos da cidade. Foi Denise que correu para atender Chico no dia do crime.
Dr. Gwyer	Médico, casado com Denise.	Únicos médicos da cidade.
Osmarino	31 anos, solteiro, dirigente sindical em Brasília e secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros.	Tem três seguranças, soldados da PM, e sofreu dois atentados em menos de um mês. Ventura traça o perfil de Osmarino com sua entrevista.

Tabela 8 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – V

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Romeu Tuma	Delegado	Disse que o juiz de Xapuri, Adair Longhini, tinha tanto medo de morrer que cobria as janelas para não ser visto.
Adair Longhini	Juiz de Xapuri	Longhini tomou algumas precauções depois da morte de Chico Mendes: pediu licença para andar armado e conseguiu do Tribunal de Justiça um aparelho de ar condicionado para evitar ser um alvo fácil trabalhando de janelas abertas no calor

		insuportável.
Darli e Alvarino Alves da Silva	Suspeitos	Um dia depois de ser expedido um mandado de prisão contra Darli e Alvarino Alves da Silva, Darli foi visto por Chico Mendes no bar da frente da sede da Polícia Federal tomando cerveja.
Mauro Spósito	Superintendente da Polícia Federal	Spósito publicou uma carta em A Gazeta, de Rio Branco, negando ter facilitado a fuga dos pistoleiros e lançando uma das mais infamantes acusações ao líder seringueiro: a de colaborador da Polícia Federal.
Genésio Natividade	Advogado de Chico Mendes	Acompanhou Chico Mendes ao hotel onde estava Mary Allegrette para ligar para a delegacia e avisar que um dos alvos do mandado de prisão estava sentado calmamente em frente a sede da Polícia Federal.
Mary Helena Allegrette	Antropóloga amiga e colaboradora de Chico Mendes.	Chico caminhou uns 100 metros, foi ao Pinheiro Palace Hotel e subiu ao quarto de sua amiga Mary Helena Allegrette, de onde telefonou para a Polícia Federal.
HildoReni	Delegado substituto de Sposito	Recebeu o aviso de que um dos alvos do mandado estava sentado calmamente ali em frente à sede da Polícia Federal.

Tabela 9 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – VI

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Almir Ferreira Sena	Monitor do Projeto Seringueiro. 24 anos, do Seringal Nazaré, distante de Xapuri 9 horas.	Ventura reproduz uma das histórias do contador que diz fazer inveja a Chico Anysio e de lembrar Guimarães Rosa. A história é sobre como acontecem os casamentos no seringais, em que o noivo rouba a noiva da casa do pai.
Regina Hara	Professora paulista.	Acompanha o Projeto Seringueiro há seis anos, desde o começo.
Francisco de Assis Monteiro de Oliveira	Considerado uma das figuras mais interessante do Projeto Seringueiro, 30 anos, nascido na Bolívia, Seringal Marina,	Uma espécie de mestre de todos. Cada monitor aprendeu um pouco com ele. Caboclo inteligente, magro, casado

	Colocação São Francisco, e hoje presidente da Cooperativa das Reservas Extrativistas.	duas vezes e pai de três filhos, é uma enciclopédia de sua gente e talvez o herdeiro mais autêntico da obra de Chico Mendes no que ela tem de pedagogia e plantação de ideias. É também Agente de Saúde, figura criada pelo Projeto para ocupar o espaço dos inexistentes médicos.
Maria Lúcia Martins	Matemática	Monitora do Projeto Seringueiro.
NietaLindemberg	Doutora em Línguas	Monitora do Projeto Seringueiro.
Jorge Antônio Alves	Feriu-se com uma motosserra.	Já foi suturado por Assis.
Flaviano	Governador do Acre	Não faz muita fé na viabilidade da Cooperativa ou na viabilidade econômica da atividade extrativista tal como é exercida. Flaviano disse que a borracha da Malásia chega ao Acre 50% mais barata.
Adalcides Ferreira de Moraes	20 anos, professor	Professor da Escola Nova Esperança, do seringal de mesmo nome. Usa o Método de Paulo Freire.
Alcino Monteiro de Oliveira	25 anos, professor	Professor da Escola Nova Esperança, do seringal de mesmo nome. Usa o Método de Paulo Freire.
Wilson Pinheiro	Primeiro grande líder seringueiro da região. Foi assassinado em 1980.	Quando foi assassinado, em Brasília, o movimento quase acabou. Haviam sobrado dois líderes – Chico Mendes e Raimundo de Barros, seu primo.
Raimundo de Barros	Primo de Chico Mendes também marcado para morrer.	Chico decidiu que os dois não andariam mais juntos e formariam lideranças, cada um em sua área de atuação.
Luiz Tarjino de Oliveira	Pai de Alcino e de Assis. Bravo seringueiro de 56 anos, dos mais antigos companheiros de Chico.	Garante a vida do ex-padre Gilson Pescador com uma 38.

Tabela 10 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – VII

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Mary Helena Allegretti	Antropóloga, de 40 anos. Frequenta a Amazônia desde os anos 70, quando foi fazer sua tese O seringueiro: um estudo de caso num seringal nativo do Acre. Fundando o instituto amazônico 'mais influente do mundo', o Instituto de Estudos Amazônicos de Curitiba.	Descrita como um dos mais polêmicos e complexos personagens do elenco Amazônico. Seus amigos e inimigos não negam sua legitimidade e ambição. Mary ajudou a lançar Chico para o mundo, o sustentou com bolsas que conseguia com seu

	Depois da morte do líder seringueiro, Mary foi aos Estados Unidos para a criação da Fundação Chico Mendes.	prestígio junto a entidades internacionais e estava ajudando financeiramente Ilzamar e seus filhos após o assassinato do líder seringueiro.
Adrian Caldwell	Freqüenta a região há 9 anos em função de seu trabalho, é autor de um dos documentários mais completos sobre a Amazônia: A década da destruição.	Acabou tornando-se amigo de Chico Mendes. Ele que pagou o parto de Sandino.
Steve Schwartzman	Antropólogo americano do Fundo de Defesa do Meio Ambiente (Environmental DefenseFund), ONG que tem entre as suas causas a defesa das florestas tropicais.	Junto com Mary e Adrian Caldwell, foi muito útil à estratégia de marketing de Chico Mendes.
Gilson Pescador	29 anos, é ex-vigário de Xapuri. É formado em filosofia pela Universidade do Paraná e em teologia pela PUC-Rio. Trabalhou com Leonardo Boff, é primo do Bispo do Acre, d. Moacir Grecchi e deixou a batina para se casar.	Nas últimas eleições para prefeito foi derrotado por apenas 200 votos num colégio de 6 mil eleitores, resultado considerado fraudulento.
Gomercindo Garcia Rodrigues	Outro assessor de Chico Mendes.	Descrito como dedicado, capaz de se enfiar semanas nos seringais, conhecendo tudo dos seringueiros, mas com uma cintura política de elefante.
Roberto Farias	Diretor de cinema	Sua proposição visava a inclusão do cinema nacional na disputa, quaisquer que fossem o diretor e o produtor.
Joffre Rodrigues e José Cláudio Padilha	JN filmes	Foram os primeiros a apresentar uma proposta.
Luiz Carlos Barreto	Produtor	Também esteve em Xapuri interessado em fazer o filme.
Raimundo de Barros, Júlio Barbosa, Osmarino Amâncio	Lideranças seringueiras	Ventura os descreve como lideranças meio perdidas.

Tabela 11 – Personagens de O Acre de Chico Mendes – VIII

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Fernando César Mesquita	Presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis (IBMARN)	Em discurso para integrantes da UDR, avisava corajosamente que faria cumprir as resoluções do Conselho Nacional de Meio Ambiente (Conama). Fernando dizia que a questão ecológica, ambientalista, não era mais assunto de poetas, românticos

		e sonhadores, que com a morte de Chico Mendes, o Acre transformara-se no "centro do mundo".
Renato Torrano	Ouvidor da natureza. Enviado especial de Fernando Mesquita.	Desautorizou a comissão de técnicos e suspendeu o desmatamento da Paloma.
Júlio Barbosa	Presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros	Fez a denúncia sobre o desmatamento.
Flaviano Melo	Governador do Acre	Ficou do lado dos fazendeiros no <i>Caso da Paloma</i> .
Dirceu Zamra	Fazendeiro presidente da UDR local	Disse que venceram os desocupados referindo-se aos seringueiros e índios que denunciaram o desmatamento que estava sendo preparado.
Narciso Mendes	Deputado federal (PFL)	Um dos proprietários da fazenda.
João Branco	Um dos proprietários do jornal Rio Branco, advogado de fazendeiros e ele mesmo um deles, membro da UDR.	Também estava presente no local.
Adalberto Aragão	Ex-prefeito de Rio Branco pelo PMDB e um dos fundadores da UDR no Acre	É um dos nomes mais citados como envolvido na morte de Chico Mendes. Anda sempre cercado de meia dúzia de seguranças que a oposição garante serem jagunços. É dono, entre outras, da Fazenda três Marias, onde havia começado o desmatamento. Os seringueiros souberam, avisaram o IBMARN e, no dia seguinte, os agentes foram lá e proibiram os cerca de 20 peões de continuar o trabalho de início do desmate.
Francisco José e Ernesto Rodrigues	Repórteres da TV Globo	Entraram com sua equipe na fazenda de para documentarem um empate feito pelos agentes do ex-IBDF e não pelos seringueiros, cena inédita.
Alberto Dourado, Gilberto e Elder.	Agentes dos antigo IBDF e hoje incorporado ao IBMARN.	Estavam conduzindo a equipe da TV Globo no jipe Engesa.
George Teixeira Pinheiro	Empresário e presidente da Associação Comercial do Acre	Dono hotel onde aconteceu a reunião de Fernando com os fazendeiros. Ele acredita que esta novidade é passageira,

		pois o governo não pode parar o investimento rural no Acre.
Frederico Simon Camelo	Presidente da Federação das Indústrias de Rondônia (Fier)	Havia estarrecido seus pares com um discurso ecológico, reconhecendo que a “gritaria internacional” que fez com que se verificasse que “de fato estamos explorando a Amazônia de forma predatória e irresponsável”. Ainda apresentou um elenco de recomendações ao governo.
Jane Villas Boas	Antropóloga formada pelo Museu Nacional, no Rio, filha de fazendeiro e admiradora da causa dos seringueiros.	<p>“A Reserva Extrativista está calculada em idéias de autonomia, que são fantasias de felicidade que talvez Galvez tivesse quando criou o Estado Independente, enfiado no Acre, sem indústria, sem comércio, sem exportar, quer dizer, era um espaço físico – a terra, as árvores, as pessoas – independente. O nível de sobrevivência não se sabia como ia ser. A Reserva Extrativista é este sonho também.”</p> <p>“Jane queria dizer que, por ser sonho, o sonho de Chico não é necessariamente inviável, como acreditam seus adversários.”</p>

Tabela 12 – Personagens de O Acre de Chico Mendes - Final

Personagem	Quem é	Participação na narrativa
Efrain Mendoza Mendivil	Médico boliviano radicado no Acre há cerca de 20 anos	Dias antes do assassinato, ouviu o ex-seringalista Gaston Mota dizer em quanto tempo Chico Mendes seria morto.
Pedro Ribeiro	Comerciante, amigo de Efrain Mendoza Mendivil.	O médico o confidenciou o que ouviu e este levou a história ao bispo Dom Moacir Grechi, que a transmitiu ao jornalista Silvio Martinello, correspondente do <i>Jornal do Brasil</i> , sugerindo que entrevistasse o informante para ver se ele confirmava a versão de Efrain. Pedro Ribeiro confirmou.
Gaston Mota	Ex-seringalista compadre de Darli Alves da Silva	Mota saiu acompanhado de dois seguranças particulares

		do ex-prefeito de Rio Branco, Adalberto Aragão.
Adalberto Aragão	Ex-prefeito de Rio Branco pelo PMDB e um dos fundadores da UDR no Acre	Estava jogando, como fazia frequentemente.
D. Lindaura	Proprietária do Veneza Hotel.	D. Lindaura, gorda e lerdá quanto o rio Acre, não sabe que já existe uma coisa chamada registro de hóspedes e não se abala com o grande movimento na cidade.
Jane Villas Boas	Antropóloga	Diz que o assassinato e a grande visibilidade que ganhou o Acre e Xapuri abalam psicologicamente as pessoas, mesmo que os moradores demonstrem lidar com naturalidade.
Júlio Barbosa	Sucessor de Chico no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri.	Recebeu uma carta de uma entidade alemã, não respondida, que se oferecia para enviar dez mil dólares para o II Encontro dos Seringueiros.
Flaviano Melo	O governador do "centro do mundo". É um jovem quadro do PMDB, 39 anos.	Se queixa de estar entre dois fogos. De um lado, a diretora do seu partido e a UDR, que não o perdoam por uma certa simpatia para com a causa dos seringueiros; de outro os sindicalistas, PT à frente - "o PT radical", como ele diz - que o acusam de ter um discurso ecológico e uma prática contrária.
George Pinheiro	Empresário amigo do governador.	Diz que o governador passa a mão na cabeça da esquerda e acaricia a direita.
Genésio Ferreira da Silva	Testemunha-chave do processo Chico Mendes.	Apresentado como símbolo do caso Chico Mendes.
Roberto Ferreira da Silva	Coronel, comandante da PM de Rio Branco.	Fala de suas dificuldades, da criação da Guarda Mirim, onde reunia 400 garotos que sem isso talvez fossem pivetes, das dificuldades, e mostrava sua satisfação em receber Genésio, que ainda por cima tinha o seu sobrenome. "Ele é meu sobrinho, meu afilhado, tratem dele direito", recomendou ao tenente.
D. Moacir Grechi	Bispo	É a favor da rodovia que vai ligar o Acre ao Peru.

Ao final da análise dos personagens, percebemos que Ventura dá especial destaque para Genésio Ferreira da Silva, menino de 14 anos, testemunha-chave do processo Chico Mendes. O jornalista aponta os suspeitos do crime como Darli Alves, que ele indica como fazendeiro, maior inimigo de Chico Mendes, Alvarino, irmão de Darli, e o filho deste, Oloci. O repórter também levanta

suspeitas em relação a participação de João Branco, um dos proprietários do jornal Rio Branco, advogado de fazendeiros e membro da UDR.

Durante a narrativa, Ventura dá voz ao discurso e ao ponto de vista das autoridades envolvidas nas investigações como o Sargento H. Neto que comandava a Operação Chico Mendes em Xapuri; Nilson Alves de Oliveira, delegado responsável pela Delegacia Geral de Xapuri; Mauro Spósito, antigo superintendente da Polícia Federal do Acre; e o Governador Flaviano Melo.

O jornalista também dá importante papel na narrativa às pessoas próximas de Chico Mendes, como seu advogado, Genésio Natividade, e seus amigos Steve Schwartzman, antropólogo americano do Fundo de Defesa do Meio Ambiente (Environmental Defense Fund), ONG que tem entre as suas causas a defesa das florestas tropicais, e a antropóloga Mary Helena Allegrette, além de Ilzamar, mulher de Chico, e Eunice, ex-mulher. Ao ir para o Acre escrever sobre as investigações do assassinato do líder seringueiro, o contato com os personagens envolvidos torna-se essencial para unir cada peça da história ao longo da construção do discurso jornalístico. Na próxima seção damos início ao Quarto Movimento: Estratégias comunicativas.

4.3.4

Quarto Movimento: Estratégias comunicativas

Nesta seção falaremos sobre as estratégias comunicativas utilizadas por Ventura ao longo da narrativa. Uma das estratégias comunicativas do discurso objetivo do jornalismo é o distanciamento do narrador. Motta afirma que o discurso narrativo subjetivo (a ficção) distingue-se pela presença (implícita ou explícita) do narrador, de um sujeito que narra.

A retórica jornalística trata de dissimular as estratégias narrativas. O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. Utiliza recursos de linguagem que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar a sua mediação. É um narrador que nega até o limite a narração. Finge que não narra, apaga a sua presença. Faz os fatos surgirem no horizonte como se estivessem falando por si próprios. Por isso, reconhecer a narrativa jornalística como dispositivo argumentativo torna-se uma tarefa analítica complexa. (MOTTA, 2005, p.8-9)

No caso da série de reportagens analisadas, Ventura narra os acontecimentos escrevendo as reportagens como um romance. A presença do jornalista como narrador é clara. Ventura utiliza recursos narrativos da literatura e dispensa estratégias jornalísticas, como o lide e a pirâmide invertida.

A possante Chevrolet D-20 estava entrando na estrada de Xapuri quando o guarda do posto rodoviário nos parou e pediu carona para o sargento que estava a seu lado - um jovem forte, baixo, de tênis e calça jeans. Mal se sentara no banco de trás da cabine dupla, depois de colocar a bolsa de mão e as botas na carroceria, perguntamos se ele morava em Xapuri. A resposta parecia muita coincidência e sorte demais para quem ia àquela cidade saber como andavam as investigações sobre a morte de Chico Mendes:

- Eu comando a Operação Chico Mendes lá.

Os passageiros - dois jornalistas e o advogado do líder seringueiro assassinado - evitaram se entreolhar, e se apresentaram falsificando a identidade: um era escritor da região e os outros dois, turistas em busca de emoção. Não ocorreu na hora que ambientalistas soaria mais adequado do que turistas. (VENTURA, 1989, p.13)

Assim começa a primeira reportagem da série. Detalhando o próprio passo a passo da apuração. Ventura, que estava a caminho de Xapuri, deu a sorte de seguir parte da viagem com o sargento responsável pela Operação Chico Mendes na cidade. Como carona e sem saber que seus interlocutores eram dois jornalistas e o advogado do líder seringueiro assassinado, era a oportunidade de se aproximar e conhecer esse importante personagem da história de forma mais espontânea. Antes do fim da viagem, todos revelaram suas identidades reais.

Em vários trechos da série de reportagens, Ventura deixa transparecer sua presença como narrador e sua participação na narração dos fatos, escrevendo em primeira pessoa. Um exemplo aparece na terceira reportagem, quando fala sobre a entrevista com Eunice, ex-mulher de Chico Mendes.

Aquela mulher outrora bonita, talvez que não conseguia mais rir, estava agradecida pelo presente aos filhos – e eu arrasado de culpa. Tinha invadido uma choupana e extorquido coisas que não tinha o direito de retirar daquela alma pura e daquela casa ingênua onde a malícia não costuma entrar. Naquela hora, eu dava tudo para ser um marreteiro. (VENTURA, 1989, p.4)

Motta afirma que a narrativa jornalística é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido como a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, entre outros, que são mais ou menos exacerbados pela linguagem

dramática das notícias. O jornalista procura vincular os fatos ao mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos, em um permanente jogo entre as intenções do jornalista e as interpretações do receptor.

É polissêmica, intersubjetiva, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação, descrição fática e narração metafórica, realia e poética. Transita entre premissas verossímeis (eikós) ou menos verossímeis (éndoxon), logos e mythos. (MOTTA, 2005, p.9)

Motta (2005,p.9) afirma que a análise proposta pretende observar as narrativas jornalísticas como jogos de linguagem, estratégias de constituição de significações em contexto, independente do seu caráter real ou fictício. Caberia ao analista capturar as sutilezas desse jogo de contrários, observar os efeitos de real e os efeitos poéticos do jornalismo.

4.3.4.1

Estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real

Embora Ventura dispense a utilização do lide e da pirâmide invertida, o jornalista faz uso de recursos para a construção dos efeitos de real, indispensáveis à narrativa jornalística, como a objetividade, as citações, as referências de tempo e espaço, os personagens e as instituições.

Nestas últimas semanas, no eixo de 180 km que vai de Rio Branco a Xapuri, qualquer pessoa entenderia a referência a *o filme*. A incrível presença de estrangeiros na capital do Acre em fins de março, durante o II Encontro dos Seringueiros e I dos Povos da Floresta, o movimento dos bares e hotéis esobretudo o leilão dos produtores disputando em milhares de dólares o direito de filmar a vida de Chico Mendes, têm dado a Rio Branco e Xapuri o aspecto de um festival de cinema. Quem sabe não estaria começando, 100 anos depois do Ciclo da Borracha, o Ciclo do Cinema? (VENTURA, 1989, p.7)

No terceiro movimento da metodologia, no qual analisamos a construção de personagens jornalísticas, pudemos ver que Ventura entrevista representantes de uma série de instituições envolvidas na investigação do assassinato e na história de Chico Mendes, como delegado, políticos, policiais, sargento, juiz, padre, seringueiros, ambientalistas, fazendeiros, advogados, testemunhas, amigos e familiares. Na quinta reportagem, *Onde a justiça custa a chegar, se é que chega*, Ventura relata a audiência informal com o juiz Adair Longhini.

O que ele dizia aumentava ainda mais o meu mal-estar. Sem querer, o juiz me convencia de que a Justiça aqui é inviável. As testemunhas morrem de medo, a polícia não tem condições técnicas e materiais de investigar e os promotores praticamente não existem. Como o promotor e o juiz não acompanham a fase inicial do inquérito, as testemunhas dizem uma coisa na delegacia e depois se desdizem em juízo, como o próprio Darci fizera, confessando o crime e depois negando. (VENTURA, 1989, p.8)

Ventura conta que o Acre é um Estado em que a grande maioria das comarcas não tem representantes do Ministério Público. Xapuri ficou 12 anos sem juiz. Ventura lembra da visita ao secretário de Segurança, dr. Lourival Marques de Oliveira, da equipe de Ação pela Cidadania, que indica como talvez a única iniciativa no sentido de investigar as investigações. Quando perguntado sobre a relação das pessoas com porte de armas no Estado e ele respondeu que nem o próprio tinha. Nesta reportagem, a apuração de Ventura se concentra em mostrar a precariedade das investigações. Assim como a Ação pela Cidadania, o próprio jornalista também se dedica a investigar a investigação.

O mesmo grupo, formado por deputados, procuradores da República e representantes de entidades como a ABI, foi também ao Tribunal de Justiça e descobriu que existem 892 processos em andamento em Rio Branco envolvendo crimes dolosos contra a vida. Nos últimos cinco anos, o Tribunal de Júri da capital julgou 126 processos. O pessoal da Ação pela Cidadania fez os cálculos: nesse ritmo levariam 35 anos para julgar todos os processos. O próprio presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Wanderley Nonato de Oliveira, admitiu que a situação jurídica no Acre é “precaríssima”. (VENTURA, 1989, p.8)

Ventura conta que só em Xapuri há uns 200 processos criminais à espera de parecer do inexistente Ministério Público. Nos fins de semana, Adair Longhini faz como quase todos os seus colegas do interior: pega alguns processos, leva para Rio Branco, entrega à Procuradoria do Ministério Público e depois traz consigo para a comarca. Perguntado se acha que chegará aos mandantes do crime, Longhini manifesta sua sincera disposição, mas adverte que o juiz não investiga, mas julga. Para estudar as 152 páginas em cinco volumes do processo Chico Mendes, foi preciso nomear um procurador *ad-hoc*, que só vem a Xapuri nos dias de audiência. A promotora da comarca, Dra. Dinaura Margarida Dias Lins, exerce suas atividades em Rio Branco, como o grupo da Ação descobriu.

Para contextualizar o leitor, Ventura busca referências na história do Acre, representada em sua bandeira a partir da estrela vermelha, símbolo do sangue derramado pelos seringueiros comandados por Plácido de Castro, que tiraram o estado dos bolivianos em 1903. Ventura conta que antes de Chico Mendes,

Plácido era o maior herói do estado. Foi em Xapuri que proclamou o Estado Independente do Acre. Ventura ressalta que os acrianos contam com frequência a história da revolução feita por Plácido e, principalmente os seringueiros, gostam de se apresentar como sobrinhos ou netos dos soldados de Plácido.

Ventura faz questão de ressaltar as características e particularidades do Acre. O jornalista chega a dizer, na última reportagem da série, que dificilmente existe uma capital tão feia e tão suja quanto Rio Branco e também tão interessante, com tanto caráter e personalidade. Ventura conta que se brinca dizendo que a identidade cultural do Acre foi mantida porque, com o fuso horário, a novela das oito aqui é às 6.

Fui ao Acre para passar quatro dias e, ao chegar, achei que ia morrer de tédio. Um mês depois, não tinha conseguido ver e fazer tudo o que o território de Galvez me oferecia. Curiosa terra essa em que o insulamento - metade do ano só se chega aqui de avião - forjou um povo cheio de si, mas não ensimesmado. Parece uma capital do Rio de Janeiro - como, aliás, sempre pareceu ser. Aquelas fotos do início do século, com os homens de colete e casimira e as mulheres de chapéu, não são mimetizações da Europa, mas influência carioca. (VENTURA, 1989, p.8)

Motta ressalta que a identificação sistemática de lugares (onde) e de personagens (quem) também cumpre uma função argumentativa: localiza, situa, transmite a idéia de precisão, causa a impressão de que o narrador fala de coisas verídicas, realisticamente situadas. O uso de nomes próprios de lugares ou de instituições identifica de imediato por se referirem a instituições reconhecidas. Tudo revela certo uso da linguagem e certa intenção do narrador.

4.3.4.2

Estratégias de subjetivação: construção de efeitos poéticos

Além dos efeitos de real, essenciais na narrativa jornalística, Ventura faz uso das estratégias de subjetivação para construção de efeitos poéticos, humanizando os fatos e aproximando a história do interlocutor. Motta afirma que há uma infinidade de recursos e de figuras utilizadas na linguagem jornalística que remetem o leitor a interpretações subjetivas. “A linguagem jornalística é por natureza dramática e a sua retórica é tão ampla e rica quanto a literária” (MOTTA, 2005, p.11). Ventura se permite tomar partido e demonstra afeição pelos personagens que conhece ao longo da apuração.

Descendo o lerdo e barrento rio Acre naquela tarde cheia de sol e mosquitos, eu continuava admirando Chico Mendes, mantinha minha simpatia por Ilzamar, mas torcia por d. Eunice. Torcia pra ela ganhar a causa e uma grande intérprete no filme. (VENTURA, 1989, p.4)

Motta afirma que recursos lingüísticos e extra lingüísticos remetem os receptores a estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. Esses recursos promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizando os fatos brutos e promovendo a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. Ventura utiliza os critérios e a seriedade da apuração jornalística, mas narra os fatos com recursos literários, abusando dos longos diálogos. Na quarta reportagem da série, *A vida de um homem marcado para morrer*, Ventura traça o perfil de Osmarino, 31 anos, solteiro, dirigente sindical em Brasília e secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros, com sua entrevista, da qual reproduzimos um trecho abaixo.

Osmarino, agora o alvo principal, diz:

- Eu sei que eles vão conseguir. Já tentaram na minha casa cinco vezes, só depois da morte do Chico. Eu tenho levado sorte.

Com 31 anos, solteiro, menos duro do que se diz, Osmarino é dirigente sindical em Brasília e secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros. Essa entrevista ele deu seis dias depois do penúltimo atentado, numa Chevrolet D-20, no banco de trás, espremido entre os três seguranças, a caminho de Brasília.

- Quem ameaça você?

- Se me matarem, não vou culpar só a UDR. A maior parte da culpa cabe ao presidente da República, a Romeu Tuma, ao ministro da Justiça, ao governador do Estado. Eles são os maiores culpados, senão os únicos.

- Que Deus nos livre, mas se você for assassinado, que pistas deixaria para se descobrir os assassinos?

- Há várias pistas, um grupo está ligado ao outro. Há o grupo do Aragão, o grupo do próprio Flaviano, o João Branco está articulando, há o deputado João Tesa, todos muito preocupados. Eles viram que, mesmo com a morte de Chico, o movimento não perdeu o equilíbrio. Vai ser difícil provar isso porque o Chico não gravou a conversa, mas ele teve um contato com o general Bayma Denis, do Conselho de Segurança Nacional, só os dois. Ele mandou chamar o Chico, fez propostas de recursos: eles tentavam de todas as formas que a nossa luta não fosse para frente.

- Qual seria o objetivo maior de tudo isso?

Eles sabiam que, com o prestígio que o Chico estava tendo aqui na região, ele ameaçava desmoralizar os políticos. Eles não têm propostas para resolver o problema dos trabalhadores da nossa região, não têm proposta de reforma agrária. Eles sabem perfeitamente que, se o Chico chegasse ao governo do Estado, a situação aqui mudaria completamente na questão dos conflitos de terra. Nós temos certeza que a gente ia ter condições de amenizar 70% desses conflitos.

- Como estão as investigações?

- As autoridades não estão interessadas em pegar ninguém. O governo não nomeia promotor, o inquérito das denúncias que eu fiz tem 30 dias de prazo.

Passaram-se os 30 dias, não houve renovação por falta de promotor. O primeiro processo já prescreveu.

- E essas seguranças?

- As pessoas pensam que é brincadeira, mas a gente, que está sendo alvo, perseguido, sabe da situação. É muito difícil. Por exemplo: esses seguranças que andam comigo são pessoas em quem eu confio, mas nadam apenas com revólveres 38. Por que o governo não fornece metralhadoras?

- A polícia o que diz?

- Eles tentaram me fazer assinar um documento me comprometendo a não me expor em público. Eu sou um dirigente sindical, vem aí o período de empate, tenho que viajar, correr seringais, não tem sentido eu me esconder. Eu já me considero um prisioneiro, sem privacidade, no meio desses seguranças dia e noite.

- E sua família?

- Meu pai é mais seguro, firme, é um seringueiro, mas minha mãe não dorme. Eu saio, ela chora, eu chego, ela chora.

- Onde você nasceu?

- No Seringal Bela Flor, Colocação Revolta.

- Será que tem a ver com sua imagem de revoltado, esquerdista?

- O pessoal é que diz que combina, que eu sou revoltado. Você já viu alguém ficar pacífico quando é despojado de sua casa, quando é ameaçado de perder o seu lar? Se chegarem à casa do governador e expulsarem, ele será um revoltado. É o que acontece com o homem da Amazônia: o seringueiro, o índio. Ele não é revoltado, ele quer defender o seu lugar para morar. Por exemplo: o seringal do meu pai, nós perdemos, foi loteado por conflitos de terra.

- Como é o verdadeiro Osmarino?

- Eu gosto muito de curtir, de ir a festas, de dançar. Eu passei mais de anos sem dançar. Só agora, no final do Encontro dos Povos da Floresta, é que eu dancei. Adoro jogar bola, mas há mais de três anos que não pego em bola. Hoje eu tô reprimido, não porque eu queira, sou contra qualquer repressão.

- Inclusive contra o inimigo?

- Eu respeito até o inimigo. Fala em repressão - sexual, sentimental, política - eu sou contra. Você tem que ser rígido, cauteloso, mas não tem que usar de violência simplesmente porque o cara tem uma doutrina contrária. Se um pistoleiro tenta me matar, eu jamais vou ter coragem de reprimir. Na hora posso fazer alguma coisa para me defender, mas não guardo raiva.

- Como é que você consegue namorar?

- Eu tinha uma namorada, a gente se curtia muito, mas um dia ela me disse: 'eu quero casar com você, mas você tem que largar tudo isso'. Ela não participa, não tem muita consciência da luta. Eu só fiz rir. Fiquei rindo e a gente terminou.

- Mas de vez em quando não dá vontade de largar tudo?

- Pelos compromissos que a gente assume, pela consciência, não dá. Hoje, por exemplo, tenho consciência de que, mesmo que eu me afaste dessa luta, eles não vão nunca acreditar que me afastei. Então, não tem diferença. Além do mais, se eu me afastar da luta vou ser considerado 'morto' pelos companheiros, como outras pessoas que se venderam.

A situação do dirigente sindical aqui é difícil: se ele quiser se afastar, ele é repudiado; se fica ele está arriscado a ser morto pelos fazendeiros. É aquela história: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

- Como é que você aprendeu essas coisas todas?

- Eu tenho até a 3ª série do primário. Quando eu tinha 16 anos, o pessoal do movimento me deram um papel pra ler numa reunião e eu não sabia. Eu sabia falar, mas não sabia ler. Eu gaguejava, as pernas tremiam! Daí pra frente, todo papel que eu pegava, podia ter o que tivesse, eu tentava, por conta própria: jornal,

livro de salmo, Bíblia. Aí fui indo, hoje eu leio tranquilo, não tenho mais nervoso de ler. (VENTURA, 1989, p.7)

O jornalista dedica uma das reportagens da série para dar destaque a esse importante personagem da história. Durante a entrevista, a maior de todas, Ventura prepara um grande perfil de Osmarino. O longo diálogo, um tanto quanto prolixo para o jornalismo factual, que busca ir direto ao ponto, deixa clara a liberdade poética dada a Ventura. Osmarino é o herdeiro da luta de Chico Mendes e também das ameaças de morte, ele expõe suas suspeitas em relação às motivações e aos mandantes do assassinato. A longa conversa mostra detalhes cotidianos da vida do dirigente sindical e como sua luta influencia praticamente todos os campos de sua vida: família, vida amorosa, momentos de lazer.

As entrevistas narradas em longos diálogos aproximam o personagem dos leitores, tornando a história mais humana. É o personagem falando por ele mesmo. A presença do jornalista na narrativa fica explicitada. Ventura descreve e humaniza os personagens principais da história, como o próprio Chico Mendes, suas viúvas e Genésio Ferreira da Silva, testemunha-chave do processo, logo nas primeiras reportagens.

Outra personagem bastante mencionada durante a narrativa é a antropóloga Mary Helena Allegretti. Ventura começa a penúltima reportagem da série falando sobre a antropóloga, de 40 anos, que ele descreve como um dos mais polêmicos e complexos personagens do elenco Amazônico. Seus amigos e inimigos não negam sua legitimidade e ambição. Mary ajudou a lançar Chico para o mundo, o sustentou com bolsas que conseguia com seu prestígio junto a entidades internacionais e estava ajudando financeiramente Ilzamar e seus filhos após o assassinato do líder seringueiro. Segundo Motta, o jornalismo representa a vida e as ações dos homens (bons e maus), relata as tragédias e as epopéias modernas, contando as histórias de nossos heróis e vilões, nossas batalhas, conquistas e derrotas.

O mundo do jornalismo é o mundo da tragédia e da comédia humanas, é habitado, como as artes e a literatura, pelo *mythos*. Tem uma ética e uma poética, como outras linguagens estéticas, ainda que o jornalismo não resolva os conflitos que traz (ao contrário, deixa os episódios permanentemente em abertos para complementação por parte da audiência, que solicita permanentemente mais notícias). (MOTTA, 2005, p.12)

Motta (2005, p.11) sugere que a reconfiguração da história e de seus episódios, sobre os conflitos do enredo e os papéis das personagens compõe e fornece subsídios para a análise dos efeitos poéticos. A reconstrução das notícias individuais em uma seqüência cronológica e integral, como sugerido pela metodologia, é um movimento epistemológico que re-subjetiva o discurso jornalístico ao conferir-lhe o estatuto de uma história com princípio, meio e fim e ao resgatar o seu fundo moral. O leitor das notícias realiza um percurso semelhante, o que justifica o procedimento interpretativo do analista. A reconfiguração da história realizada pelo leitor reconstrói narrativamente as notícias em acontecimentos integrais, com o auxílio da memória cultural. O leitor liga pontos, conecta partes, resubjetiva as histórias.

4.3.5

Quinto Movimento: A relação comunicativa e o “contrato cognitivo”

Em *O Acre de Chico Mendes – Final, Uma pista para quem se interessar*, publicada no domingo, 07/05/89, no 1º caderno, página 8, Ventura narra uma conversa com o médico boliviano Efrain Mendoza Mendivil, que dias antes do assassinato, ouviu o ex-seringalista Gaston Mota dizer em quanto tempo Chico Mendes seria morto. Ventura marcou consulta e quando tocou no assunto, o dermatologista encerrou a conversa imediatamente. Este trecho da reportagem, reproduzido abaixo, foi todo publicado em itálico, em um quadro no jornal.

Um dia depois da morte de Chico Mendes, o médico Efrain Mendoza Mendivil, boliviano radicado no Acre há cerca de 20 anos, procurou o comerciante Pedro Ribeiro, seu amigo, dizendo que estava com um "problema de consciência". Contou que poucos dias antes da morte de Chico Mendes estava numa mesa de jogo no Clube Rio Branco, onde funciona um cassino clandestino, quando viu entrar o ex-seringalista Gaston Mota, compadre de Darli Alves da Silva. Em seguida, Mota saiu acompanhado de dois seguranças particulares do ex-prefeito de Rio Branco, Adalberto Aragão, que estava jogando, como fazia frequentemente.

Poucos minutos depois, Gaston Mota voltou com os dois seguranças e um parceiro de mesa chamado Zé Arigó, que disse o seguinte ao médico Efrain:

- Dentro de cinco dias, o Chico Mendes vai morrer. Dr. Efrain chegou a repreender Zé Arigó.

- Pára com isso, vamos jogar.

Zé Arigó insistiu:

- Então conta cinco dias para ver o que vai acontecer.

No dia 22 de dezembro, quando soube do assassinato de Chico Mendes, a primeira providência que o dr.Efrain tomou foi fazer as contas. Da noite de 17,

quando a morte foi anunciada na mesa de jogo, até aquele momento, haviam se passado exatos cinco dias.

Logo depois, o comerciante Pedro Ribeiro levou a história ao bispo Dom Moacir Grechi, que a transmitiu ao jornalista Silvio Martinello, correspondente do Jornal do Brasil, sugerindo que entrevistasse o informante para ver se ele confirmava a versão de Efrain. Pedro Ribeiro confirmou.

Não satisfeito, Dom Moacir chamou o próprio Efrain, que não só confirmou o que ouvira no clube na noite de 17 de dezembro de 88, como concordou que o fato fosse denunciado à Polícia Federal. No mesmo dia em que ouviu o médico, o bispo relatou sua história ao delegado da Polícia Federal, Luis Gonzaga, que viera de Brasília para dirigir a operação Varredura de busca a Darli e Alvarino Alves e aos três mineirinhos fugidos.

Segundo dom Moacir Grechi, o delegado ouviu a história mas não se mostrou muito interessado.

Zé Arigó sumiu de Rio Branco e o dr.Efrain não gosta mais de falar dessa história. Quando estivemos com ele, no dia 19 de abril, como um cliente razoavelmente picado de mosquitos e, por isso, necessitando de um médico de "doenças de pele", sua especialidade, ele se mostrou a princípio muito simpático. Falou do tempo em que estudou na Faculdade da Praia Vermelha, nos anos 50, recém-vindo da Bolívia, da taxa elevada de ácido úrico, que ele também tem, do calor, etc. Depois receitou Decadrônol, Diprosone e Citergil, antes de cobrar, "para ajudar", NCZS 10,00 pela consulta.

- Dr. Efrain, o sr. conhecia o Chico Mendes?

- Conocí, conocí.

- O sr. sabia que ele ia morrer no dia 22 de dezembro, não sabia?

Nesse momento, o dr.Efrain, assustado, deu um salto da cedira e praticamente expulsou o falso cliente da sala.

- No tengo nada a decir, por favor, saia.

Se a Polícia Federal estivesse agora interessada em ouvir a história, quem sabe o dr.Efrain repetisse o que contou a Dom Moacir?(VENTURA, 1989, p.8)

Ventura finaliza a série de reportagens compartilhando com os leitores mais uma pista que poderia contribuir para a resolução do caso e a descoberta dos verdadeiros assassinos. O próprio título indica a intenção de comunicação direta com o leitor “*Uma pista para quem interessar possa*” e uma provocação para as autoridades. No final, Ventura destaca “Se a Polícia Federal estivesse agora interessada em ouvir a história, quem sabe o dr.Efrain repetisse o que contou a Dom Moacir?”(VENTURA, 1989, p.8). Na análise pragmática da narrativa jornalística a atenção deve desviar-se da relação narrador-texto para a relação comunicativa narrador-narratário. A metodologia propõe deter-se no jogo entre as intencionalidades do narrador e as interpretações e reconhecimentos da audiência.

A perspectiva é outra, a atenção desloca-se do texto como unidade estática para a relação comunicativa intersubjetiva. O texto torna-se apenas o nexos de uma atividade interativa entre dois interlocutores (narrador e narratário) que realizam um processo, um ato comunicativo. O enquadramento ou

abordagem jornalística são analisados como parte da estratégia comunicativa. (MOTTA, 2005, p.12)

Motta afirma que a observação da “relação comunicativa” já está metodologicamente contemplada nas etapas precedentes, mas que nesta etapa vale a pena retomar as ideias da estética da recepção sobre o ato de leitura dos dramas e tragédias reportados continuamente pelas notícias diárias e para entender a dinâmica do jogo entre os interlocutores no processo comunicativo jornalístico.

Já na última reportagem da série de nove, o jornalista está bastante próximo do leitor, numa relação de confiança e credibilidade formada dia após dia. Ventura mostra, durante o passo a passo da apuração, as dificuldades no processo de investigação do crime, a lentidão da justiça e a falta de interesse político no caso. O jornalista mostra os diversos lados e facetas dessa história e indica aos leitores que as testemunhas e envolvidos no caso são encontrados em variados contextos, mas muitas vezes aparecem unidos pelo mesmo discurso, pelas mesmas desconfianças. Ventura faz sua própria investigação jornalística dos fatos e compartilha com o leitor para, juntos, buscarem as conclusões.

É com o pano de fundo da teoria da recepção* que Motta recomenda o exame da relação comunicativa jornalística. O pesquisador afirma que as notícias são fragmentos parciais de histórias e atores dos dramas e tragédias humanas contadas e recontadas diariamente, pontuadas de lacunas e hiatos de sentido que precisam ser permanentemente negociados pelo receptor no ato de leitura. As notícias reúnem conflitos, tensões, terror e piedade. É o receptor quem vai conectar os fragmentos das notícias com a ajuda da memória, tecer os laços de significação temporal, preencher as lacunas, reconfigurar as indeterminações, articular passado, presente e futuro, montando os quebra-cabeças das intrigas e significados através de atos criativos de recepção.

É na interpretação imaginativa do leitor, ouvinte ou telespectador que a narrativa jornalística ganha narratividade e consistência, ganha contornos morais e éticos, reconfigura histórias significativas independente da identidade, das qualidades intrínsecas, modos e estilos do texto. O leitor, ouvinte ou telespectador realiza a fusão de horizontes de expectativas porque precisa e busca encadear os fragmentados episódios das notícias com as difusas histórias de sua vida, repondo continuamente o ato de recepção na cultura, no mundo da vida. É, pois, no

* Movimento nascido em 1967, na Universidade de Constança, Alemanha.

movimento interpretativo do leitor que o analista pode reconhecer a relação entre os interlocutores. (MOTTA, 2005, p.13)

De acordo com a metodologia proposta, a análise da narrativa jornalística deve observar particularmente o “contrato cognitivo” implícito entre jornalistas (narradores) e audiência (narratário) em seu contexto operacional. Esse “contrato” segue as máximas da objetividade, da co-construção da “verdade dos fatos”: o objetivo é co-construir a verdade, a “realidade objetiva”. O desejo de objetividade do jornalista e sua estratégia textual de “relatar a verdade” são compactuados e validados pela comunidade de leitores, ouvintes e telespectadores da mídia jornalística que acreditam estar lendo, vendo ou ouvindo a verdade dos fatos. Motta afirma que a comunidade jornalistas-audiência reproduz uma convenção informal em que emissores e destinatários dão por convencido que o jornalismo é o lugar natural da verdade, o lugar do texto claro, isento, preciso, sem implicaturas nem pressuposições. Esse pacto gera uma estabilidade entre os interlocutores que torna possível a eficiente comunicação jornalística.

Tabela 13 - Fotos

Reportagem	Título	Fotos
O Acre de Chico Mendes – I	Algumas pistas esquecidas pela estrada	H. Neto, sem recursos para comandar a Operação Chico Mendes (Xapuri - Zuenir Ventura) Genésio em frente à Delegacia, sonhando em ir para Rio Branco (Xapuri - Zuenir Ventura) O juiz (de barba) entrega o ofício de transferência de Genésio (Xapuri - Elson Martins)
O Acre de Chico Mendes – II	Na terra onde não se chega aos mandantes	Nilson, um delegado com vontade, mas sem sustentação política (Xapuri - Elson Martins) Branco quer ser ator do filme (Rio Branco - Wherles Rocha)
O Acre de Chico Mendes – III	Ilzamar Uma nova mulher em busca de seu próprio espaço	Ilzamar e Sandino, a cara do pai. Ela pode surpreender os que ainda acham que vão manipulá-la D. Eunice e o dr.Valladão: primeiro a pensão do Funrural, depois a participação no filme (Xapuri - Fotos de Zuenir Ventura)
O Acre de Chico Mendes – IV	A vida de um homem marcado para morrer	Osmarino vive permanentemente entre três seguranças. O problema é que eles carregam apenas um 38 Para a dra. Denise Carla Peixoto, Xapuri pode virar um

		<p>"faroeste"</p> <p>Uma vida difícil para quem gosta de dançar</p> <p>(Xapuri - Fotos de Zuenir Ventura)</p>
O Acre de Chico Mendes – V	Onde a Justiça custa a chegar, se é que chega	<p>O juiz Adair Longhini, a mulher e o advogado Arquilau de Castro (Rio Branco – Zuenir Ventura)</p> <p>Sposito: a polícia contra Chico (Wilson Pedrosa – 10-1-89)</p> <p>Tuma: muitas coisas a esclarecer (Ariovaldo Santos – 29-1-89)</p> <p>Na terra onde as testemunhas morrem de medo, Genésio resiste (Xapuri – Zuenir Ventura)</p>
O Acre de Chico Mendes – VI	A revolução de armas de um seringueiro	<p>Alcino, Assis, Raimundo e o pai Luiz Tarjino do Centro dos Trabalhadores da Amazônia: continuando a obra de Chico Mendes</p> <p>Há 6 anos a professora Regina acompanha o Projeto Seringueiro, que deve muito ao trabalho de Assis</p> <p>(Xapuri – Fotos de Zuenir Ventura)</p>
O Acre de Chico Mendes – VII	Os personagens de um filme de muito suspense	<p>Mary Helena Allegretti e Ilzamar: por trás dos sorrisos, uma velada disputa pelo legado de Chico</p> <p>Farias e as marcas do crime</p> <p>Pescador: pelo cinema nacional</p> <p>Padilha e Joffre levaram uma proposta tecnicamente perfeita (Xapuri – Fotos de Zuenir Ventura)</p> <p>Barreto ainda está no páreo (Wilson Santos – 8-2-79)</p>
O Acre de Chico Mendes – VIII	Um sonho que pode ser um sonho, mas não inviável	<p>Fernando César, verde que te quero verde (Wilson Pedrosa – 29-6-88)</p>
O Acre de Chico Mendes – Final	<p>Uma pista para quem se interessar</p> <p>O símbolo de Chico Mendes perdido no centro do mundo</p>	<p>Genésio sendo entregue ao Coronel (Rio Branco - Elson Martins)</p>

4.3.6

Sexto Movimento: Metanarrativas - significados de fundo moral ou fábula da história

Motta afirma que toda narrativa, seja ela fática ou fictícia, se constrói contra um fundo ético e moral. A narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta e imparcial, também segue essa premissa. Certos fatos da realidade viram notícia porque transgridem algum consenso cultural. A notícia representa uma ruptura em relação a alguma estabilidade. No caso da série de reportagens, essa ruptura é o assassinato de Chico Mendes e as falhas nas investigações.

Nas fábulas e contos infantis esse fundo moral é evidente. Nos filmes, contos e romances também, embora algumas vezes a mensagem seja nebulosa ou intencionalmente enigmática. Na historiografia moderna essa questão tem sido amplamente questionada. É difícil imaginar, entretanto, um historiador brasileiro ser imparcial ao narrar os episódios como a Inconfidência Mineira, por exemplo. A narrativa jornalística, por mais que se pretenda isenta e imparcial, é também fortemente determinada por um fundo ético ou moral. Os jornalistas só destacam certos fatos da realidade como notícia porque esses fatos transgridem algum preceito ético ou moral, alguma lei, algum consenso cultural. A notícia representa sempre uma ruptura ou transgressão em relação a algum significado estável. Cabe ao analista identificar, interpretar e elucidar esse significado simbólico. (MOTTA, 2005, p.14)

Em *O Acre de Chico Mendes VI*, já com os trabalhos de apuração e acompanhamento das investigações do assassinato do líder seringueiro avançados, Ventura tira suas próprias conclusões sobre o crime. Além de a esta altura já saber que a justiça corre lenta no estado do Acre, o jornalista percebe a dimensão das ações que estavam sendo realizadas por Chico Mendes e seus companheiros. Em alguns trechos da reportagem, Ventura remete o leitor a interpretações subjetivas, como no trecho abaixo.

O ar fresco da noite e a descoberta de que Alcino é irmão de Assis e ambos filhos de Luiz Tarjino de Oliveira – um bravo seringueiro de 56 anos, dos mais antigos companheiros de Chico, que hoje garante a vida do ex-padre Gilson Pescador com uma 38 – me deram a sensação de que eu começava a descobrir porque mataram Chico Mendes. Chico estava realizando uma Revolução, a única possível nesses tempos: sem armas – ou melhor, com as suas armas. (VENTURA, 1989, p. 4-b)

Ventura explicita como fundo moral a luta do ambientalista e líder seringueiro, morto lutando por seus ideais pela conservação da floresta e por boas condições de vida e trabalho para os seringueiros de sua terra. Ao longo das reportagens, o jornalista mostra os personagens que continuaram atuando pela mesma luta, com coragem, diante dos riscos e da impunidade. Também são partes

importante da narrativa, os personagens que duvidam do êxito dessa luta travada por Chico Mendes, que tentam minimizar o assassinato e demonstram pouco ou nenhum interesse político em executar as investigações com eficiência para punição dos verdadeiros culpados pelo crime. Assim como não houve interesse em evitá-lo. No dia 5 de dezembro, 17 dias antes do crime, Chico Mendes deixa uma mensagem de despedida:

Não quero flores no meu enterro, pois sei que irão arrancá-las da floresta. Quero apenas que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços sob a proteção da Polícia Federal do Acre que, de 1975 para cá, já mataram mais de 50 pessoas como eu, líderes seringueiros empenhados em defender a Floresta Amazônica e fazer dela um exemplo de que é possível progredir sem destruir. Adeus, foi um prazer. Vou para Xapuri ao encontro da morte, pois dela ninguém me livra, tenho certeza. Não sou fatalista, apenas realista. Já denunciei quem quer me matar e nenhuma providência foi tomada. O delegado da Polícia Federal do Acre, Mauro Sposito, me persegue não é de hoje. E não tenho nenhuma dúvida de que os pistoleiros levarão a melhor por um motivo: o delegado mandou cassar meu porte de arma, sob a alegação de que tenho ligações com uma entidade ‘alienígena’ e ‘comunizante’. É a Fundação Ford, dos Estados Unidos. Veja só. (VENTURA, 1989, p. 8)

Ventura divulga a carta deixada por Chico Mendes 17 dias antes de ser assassinado. O seringueiro já havia pedido proteção e avisado às autoridades que estava sendo ameaçado de morte, sem perceber nenhuma atitude em sua defesa. Sua vida estava em risco e parecia uma questão de tempo. No caso dessa série de reportagens, já era imaginado que seria uma grande pauta que renderia boas histórias. O *Jornal do Brasil* enviou a equipe de jornalismo para Xapuri por dois meses para acompanhar a repercussão do crime e o andamento das investigações.

Com a análise, ao reunir os fragmentos das notícias diárias em uma narrativa sequencial, Motta afirma que chegamos à dimensão pré-jornalística e conseguimos revelar as questões culturais por detrás das intrigadas relatadas. As notícias acabam repetindo regras sociais, como se fossem a moral da história, como: o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o trabalho enobrece, a família é um valor supremo.

Alcançamos o nível da cultura, das significações profundas, do plano moral, ético e simbólico. Em outras palavras, estamos afirmando que as fábulas contadas e recontadas pelas notícias diárias revelam os mitos mais profundos que habitam metanarrativas culturais mais ou menos integrais do noticiário: o crime não compensa, a corrupção tem de ser punida, a propriedade precisa ser respeitada, o

trabalho enobrece, a família é um valor supremo, a nação é soberana, e assim por diante. (MOTTA, 2005, p. 15)

Para Motta, essas seriam as grandes metanarrativas culturais que o jornalismo nos conta e reconta todos os dias. Finalizando as etapas de análise, na próxima seção vamos falar sobre o livro que se tornou a série de reportagens quinze anos depois.

4.4

Chico Mendes - Crime e Castigo

A série de nove reportagens, *As Pistas Perdidas no Acre de Chico Mendes*, publicadas no *Jornal do Brasil*, em 1989, foram publicadas 15 anos depois, no livro *Chico Mendes – Crime e Castigo*. Ventura retoma ao Acre, aos 72 anos, para recontar a história que proporcionou-o os mais importantes prêmios de jornalismo do país. Após 15 anos da morte de Chico Mendes, Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, tomou a iniciativa de transformar as reportagens em livro. As fontes e os personagens entrevistados e retratados nas reportagens de 1989, voltam à cena nas 248 páginas do quinto volume da coleção *Jornalismo Investigativo* da editora.

A partir daí, foram feitas pesquisas para descobrir o que tinha acontecido aos personagens e o resultado é uma obra dividida em três momentos: O crime, com as reportagens feitas na primeira viagem ao Acre, dias após o assassinato; O castigo, com a série de textos escritos durante o julgamento dos principais acusados, Darly e Darci Alves; Quinze anos depois, quando o jornalista revive o percurso que tinha feito anos antes para finalizar as histórias dos personagens principais e averiguar o que restou na memória e na atitude dessas pessoas.

Em 2003, após 15 anos do crime, os protagonistas do caso Chico Mendes continuavam escrevendo suas histórias, ainda marcados pela tragédia. Condenado a 19 anos de prisão, o mandante do crime, Darly Alves da Silva, fugiu da prisão em 1993, sendo recapturado em 1996 e transferido para o então presídio da Papuda. Em 2003, já em liberdade condicional, dividia o tempo entre o Acre e o Pará, onde comprou terras enquanto estava foragido. Seu filho, Darci Alves da Silva, autor do disparo que matou o líder ambientalista, trabalhava como pastor evangélico em São Sebastião, cidade-satélite de Brasília, passando os dias na rua e

as noites na cadeia em regime semi-aberto. Era acusado ainda em outros processos que tramitavam em Xapuri.

Oloci já havia cumprido pena pela tentativa de homicídio contra seringueiros na sede do então IBDF, hoje Ibama, em Xapuri, em 1988. Em 2003, vivia na Fazenda Paraná, de sua família, e poderia voltar a ser condenado. Alvarino é réu em um processo, mas nunca havia sofrido qualquer condenação, vivendo livre em Xapuri. Adair Longuini, o juiz que colocou os assassinos na cadeia, passou a atuar como titular da 1ª Vara Cível de Rio Branco. Jardeir Pereira, apontado como co-autor do crime, mesmo sem provas, continuava foragido. João Branco abriu um escritório de advocacia em Brasília e nunca mais havia sido visto no Acre. A UDR, a qual presidia, se dissolveu ainda na época do julgamento de Darly e Darci.

Para muitos, o estado civil de Chico era a bigamia. A viúva oficial, Ilzamar Mendes, estava morando em Rio Branco e ainda presidia a Fundação Chico Mendes, sediada em Xapuri. Ela acabou virando criadora de gado na Amazônia, um dos motivos pelos quais Chico Mendes morreu para evitar que acontecesse. Eunice Feitosa, com quem teve um relacionamento estável, continuava vivendo com Antônio Cabral da Silva no Seringal Nova Esperança, Colocação Isaura. Ângela Maria Menezes Farrapo foi reconhecida pela Justiça, aos 32 anos, como filha de seu relacionamento com Eunice.

Mary Allegretti foi secretária executiva para a Amazônia do Ministério do Meio Ambiente no governo Fernando Henrique Cardoso. Continuou ligada a Xapuri e ao movimento dos seringueiros, sobre os quais fez sua tese de doutorado: *A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o movimento dos seringueiros*, apontado como um dos trabalhos mais completos sobre o tema. D. Moacyr Grechi se tornou arcebispo de Porto Velho, onde continuou atuando junto aos movimentos populares e de defesa dos direitos humanos.

Osmarino Amâncio se tornou assessor da prefeitura de Brasiléia e por muitos anos morou dentro de um seringal, chegando à presidência da Associação de Moradores da Reserva Extrativista Chico Mendes em Brasiléia. Das jovens lideranças do PT citadas nas reportagens, Marina Silva se tornou ministra do Meio Ambiente, e Jorge Viana foi reeleito governador. Ambos foram companheiros de Chico Mendes nas lutas e 'empates', como se costumou chamar aos abraços a propriedades que seriam devastadas.

Julio Barbosa estava no segundo mandato como prefeito de Xapuri pelo PT. Raimundo Barros era vereador pelo PT em Xapuri desde 1988. Gílson Pescador era o procurador-chefe do município de Rio Branco. Nilson Alves de Oliveira deixou de ser delegado por não ter nível superior, passando a trabalhar na administração do complexo penitenciário de Rio Branco. Mauro Spósito foi chefe de gabinete de Romeu Tuma na direção-geral da Polícia Federal (PF), tornando-se depois superintendente da PF no Amazonas e, em 2003, coordenador das Unidades de Projetos Especiais da PF no estado, combatendo o tráfico de drogas e armas nas fronteiras. Romeu Tuma cumpria o segundo mandato como senador (PFL/SP). Foi diretor-geral da PF até 1992 e candidatou-se sem sucesso à Prefeitura de São Paulo.

O ex-governador de Rio Branco, Flaviano Melo foi acusado de participação no desvio de US\$10 milhões, no seu governo (1987-1990), para uma conta fantasma, mas não foi condenado. O crime contra a administração pública levou dezoito pessoas à prisão. Foi senador (1991-1998) e prefeito de Rio Branco (2001-2002), perdendo uma eleição para governador. Em 2003, sofreu um infarto e estava sem mandato. Edmundo Pinto, presente no julgamento de Darly e Darci como governador eleito (PDS), foi assassinado em 17 de maio de 1992 em um hotel em São Paulo. O caso foi encerrado como latrocínio, veredicto que ficou sob suspeita, já que o governador vinha recebendo ameaças de morte e deporaria dias depois na CPI do Congresso que investigava malversação de verbas na construção do Canal da Maternidade.

O próprio Zuenir Ventura acabou se transformando em personagem da história. Virou o tutor da testemunha-chave do processo, o garoto Genésio Ferreira da Silva, que depois de viver sob a tutela do jornalista até a maioridade, correu várias cidades, morou em algumas e não chegou a se fixar numa profissão. Esteve sob a responsabilidade do Programa de Proteção às Testemunhas. Seu paradeiro, por razões de segurança, não pode ser revelado.

Aos 14 anos, ameaçado, o adolescente resolveu contar tudo o que sabia sobre os truculentos Alves da Silva. Mas não tinha a quem recorrer. Toda a movimentação de entidades em torno do assunto - ou as muitas polêmicas envolvendo os direitos de filmagem da vida do seringueiro - subestimou a importância de Genésio. O garoto ficou entregue à própria sorte. Antes de depor, e já correndo perigo, pediu ajuda a Zuenir. Ficou com ele até a maioridade. Genésio também integrou o Programa de Proteção à Testemunha. Hoje, por segurança, seu paradeiro é mantido em segredo. (COTES, 2003)

Ventura se reuniu com Arquilau Melo, único advogado em que Chico Mendes confiava, que no momento era desembargador; Adair Longuini, juiz que condenou os assassinos de Chico; Pedro Francisco da Silva e Jair Facundes, que assumiram a Justiça Federal no Acre. O jornalista conta que havia um consenso entre os quatro juízes que entrevistou. Todos reconhecem que a Justiça avançou no Acre nesses últimos 15 anos e foi se consolidando em todo o estado.

Jair acha que a morte de Chico Mendes foi 'um marco divisor', porque a condenação dos assassinos 'serviu para mostrar que os poderosos também iam pra cadeia'. Arquilau não tem dúvida de que os tempos são outros e que o deslocamento do foco –'a luta pela terra foi dando lugar à luta pelo meio ambiente, e a evolução do Chico já desenhava isso' - ajudou no "esfriamento das tensões no campo'. (VENTURA, 2003, p. 208)

A bala que matou Chico Mendes mudou a relação que existia entre fazendeiros e seringueiros. Há 15 anos era impensável convidar fazendeiros e admiradores de Chico Mendes para a mesma mesa, como afirma Ventura. Mas a partir da prática inaugurada pelo governador Jorge Viana, o diálogo tornou-se uma possibilidade para a realização de pactos. 'Talvez, hoje, Chico não fosse assassinado. As divergências não desapareceram, mas não se resolvem mais na bala', contou Ventura em entrevista para a revista *Época*.

O antagonismo de classe entre fazendeiros e seringueiros não acabou, mas foi pacificado na medida do possível. O modelo de desenvolvimento ainda estava no centro das divergências, já que os produtores não acreditavam no futuro da atividade extrativista, mas ficou o exemplo e tornou-se possível sentar e conversar. A evolução foi resultado do trauma e da repercussão da morte de Chico Mendes. Ventura afirma que ele foi o mais importante líder ambiental da região, mas não o primeiro a perder a vida pela causa.

O Acre, segundo seu governador, tem condições de oferecer a um mundo em crise ambiental, cercado de poluição e em plena exaustão de seus recursos naturais, um modelo de gestão integrada, de preservação, de convivência entre a natureza e o homem, de harmonia entre desenvolvimento econômico e conservação ecológica. (VENTURA, 2003, p.223)

Ventura conversou com os proprietários rurais Francisco do Valle Filho e Luiz Augusto Ribeiro do Valle e com o secretário de Agropecuária do estado, Mauro Ribeiro. Francisco apresentou uma opinião bem particular em relação ao seu xará, afirmando que Chico era do confronto, por isso não teria conseguido

sucesso na política. Mauro discorda, afirmando que Chico nunca o pareceu uma pessoa intolerante, mas que defendia com unhas e dentes o direito de quem representava. Luiz Augusto não demonstra admiração por Chico Mendes, que considerava intransigente, mas admite sua importância na luta ambiental. “Não há mais jeito de tirar essa questão da agenda de discussão; temos que trabalhar com isso” (VENTURA, 2003, p.219).

Desde o assassinato, as reservas extrativistas, idealizadas pelo homem que, até os 20 anos, era analfabeto, foram encampadas pelos governos, se espalhando pelo país. Só a Amazônia ganhou 19 reservas extrativistas, quatro delas no Acre: Reserva Chico Mendes, Reserva do Alto Juruá, Reserva do Alto Tarauacá e Reserva Cazumba-Iracema. A maior delas, a Reserva Chico Mendes, passa por cinco municípios, incluindo Rio Branco, Xapuri e Brasiléia, garantindo a sustentação de 1.838 famílias.

O Projeto Seringueiro, programa que leva educação aos seringueiros virou uma marca tão forte, que passou a batizar todo o plano de educação do Centro de Trabalhadores da Amazônia. Chegou a ter 30 escolas na floresta. Das três educadoras do Seringueiro citadas nas reportagens, Maria Lúcia Martins ainda estava ligada ao projeto, prestando consultoria de São Paulo. Regina Hara, estava morando em São Paulo, e Nieta Lindemberg, no Rio de Janeiro, continuaram sendo referências importantes para o trabalho dos monitores.

Ainda em 1989, Ilzamar vendeu os direitos de filmagem para a JN Filmes, de Joffre Rodrigues e Nelson Rodrigues Filho. A decisão desagradou Steve Schwartzman e Adrian Cowell, que defendiam uma produção internacional. Após muitos imprevistos e intercorrências, o filme acabou sendo feito pela HBO com fraquíssima repercussão. *The burningseason* (Amazônia em chamas) teve Raul Julia como Chico Mendes. Sônia Braga fez uma personagem fictícia. A direção foi de John Frankenheimer e o roteiro de William Mastrosimone, baseado no livro homônimo de Andrew Revkin.

Na noite do assassinato foi criado o Comitê Chico Mendes, que reúne 35 entidades com o objetivo de pressionar as autoridades de Segurança Pública e a Justiça do Estado para que o caso Chico Mendes continue aberto. O comitê acredita que outras pessoas tramaram a morte do líder seringueiro. E também queria a captura de Jardeir Pereira, o “Mineirinho”, acusado de co-autoria no

crime e foragido desde então. O comitê também oferece apoio jurídico a trabalhadores rurais.

A história do líder que se tornou seringueiro ainda criança está viva na floresta que ele morreu para defender. A casa onde Chico Mendes foi assassinado virou atração turística. Nos fins de semana recebe até 50 pessoas, entre brasileiros e estrangeiros. Em entrevista à revista *Época*, Ventura afirma que, quando ocorreu o assassinato, a imprensa não tinha noção da importância de Chico Mendes.

O impacto veio mais de fora do que de dentro. Sabíamos vagamente quem era Chico Mendes e começamos a receber a reação do mundo a um personagem que era brasileiro. Com exceção dos militantes, poucos conheciam a dimensão daquele líder. (COTES, 2003)

Perguntado se foi feita justiça nesse caso, o jornalista afirmou que essa foi a morte mais anunciada da história do país, afinal, o líder seringueiro entregava cartas até para o presidente. Sempre haveria a hipótese de haver outros envolvidos, mas como nada ficou provado, diante do que havia, foi feita justiça. Ainda na entrevista, o jornalista reforça que se preocupou em não transformar Chico Mendes em um mito.

Ele foi um mártir da causa ambiental. Mas não gosto de achar que temos de mitificá-lo. No livro, revelo que ele foi bigamo. Não se tem de esconder isso para fazer dele um personagem religioso. Ele não foi um grande chefe de família. Tive a preocupação de não tratá-lo como mito, mas como um líder como poucos que o Brasil produziu. (COTES, 2003)

Ventura conta que Chico Mendes gostava de escrever, “talvez para ir à forra dos vinte anos em que foi analfabeto” (VENTURA, 2003, p.225) e que era chegado a previsões, como a da sua própria morte. Mas o jornalista afirma que o líder seringueiro errou uma dessas previsões. Em sua última entrevista, para o jornalista Edílson Martins, Chico Mendes estava certo de que iria morrer em vão.

Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta, até que valeria a pena. Mas a experiência nos ensina o contrário. Então eu quero viver. Ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia. Quero viver. (VENTURA, 2003, p. 225)

Ventura levantou a questão com todas as pessoas que entrevistou ou conversou, querendo saber até que ponto permanecia viva a memória de Chico quinze anos depois de sua morte. O jornalista considera que sua presença na vida

e no imaginário dos acrianos não seria tão forte quanto se ele ainda estivesse vivo. Ventura acredita que faz bem à imagem dos heróis morrer cedo. Os fazendeiros lastimavam o surgimento de um mártir e os seringueiros choravam sua perda. Se a luta de Chico foi fortalecida, Ventura deixa claro que essa ainda era uma discussão interminável, na qual todos lamentam a perda do grande líder.

Só aos poucos percebi o que se queria dizer: a morte anunciada, o choque provocado no mundo, o sentimento de culpa do próprio país, em especial do governo por não ter feito nada para impedir o crime, a tomada de consciência da sociedade para com a questão ambiental, tudo isso acabou apressando conquistas, obrigando a se fazer depois de sua morte o que Chico não conseguiu que fosse feito enquanto vivia. (VENTURA, 2003, p. 226)

Para finalizar a seção e a etapa de análises, faço minhas as palavras de Marcos Sá Corrêa (2003, p. 337) no posfácio do livro, que diz que quem vê, pensa que escrever assim é fácil, mas que quem o conhece sabe o que essa simplicidade tem por trás. Ventura passou dias inteiros no computador escrevendo as reportagens quando voltou de Xapuri. Sá Corrêa conta que ele escrevia numa sala envidraçada da redação, submerso em fitas e manuscritos, cercado de curiosos e vigiado pelos editores que esperavam o ponto final de cada texto para poder fechar o jornal. Um a um, cada capítulo saía da tela diretamente para a edição do dia seguinte, mas ainda assim, anos depois, ao reencontrar as reportagens em livro, parece que foram feitas pra isso.

O jornalista relata que o espantoso é descobrir que estava tudo lá: o calor das salas de audiência, a buaqueira das estradas, o uísque Logan das biroskas, a poligamia, os mosquitos, o clima viscoso que gruda as vítimas em seus assassinos e o leilão internacional para levar o drama de Chico Mendes ao cinema. No próximo capítulo, apresentaremos as considerações finais.

5

Considerações Finais

Uma investigação como a do jornalista Zuenir Ventura é um percurso aberto a leituras de diversos níveis. Nesta pesquisa foram levantados alguns aspectos que vamos retomar aqui sem a pretensão de uma conclusão definitiva sobre o significado do processo investigativo de Ventura. Em abril de 1989, Ventura e equipe viajaram para o Acre, pelo *Jornal do Brasil*, para acompanhar as investigações e a repercussão do assassinato do líder seringueiro Chico Mendes, militante de organizações ecológicas e defensor da preservação da Amazônia. Foram quase dois meses de apuração com viagens pelo estado do Acre. Para acompanhar as investigações e ligar os pontos da história, o repórter e a equipe, estiveram na capital Rio Branco, em Xapuri, onde vivia Chico Mendes e nos seringais e colocações.

A série de reportagens revelou um quadro de incompetência, desinteresse e cumplicidade das autoridades encarregadas de prender os assassinos do líder seringueiro. As pistas levantadas pelo repórter contribuíram para que o processo admitisse novas evidências não descobertas pela investigação policial, como a presença de poderosos mandantes do crime.

A chamada de cada reportagem da série é numerada: *O Acre de Chico Mendes – I até O Acre de Chico Mendes – Final*, como um folhetim, uma história que vai se desenrolando. As reportagens seguem como uma história, embora se trate da cobertura de um crime, é contada de maneira prazerosa de ler, com características literárias, sem obedecer às regras do jornalismo factual, com lide e pirâmide invertida. Cada parágrafo tem seu valor e vai revelando, aos poucos, as nuances da história. Os parágrafos finais ainda instigam pela continuação dos relatos.

O processo de apuração de *As pistas perdidas no Acre de Chico Mendes* foi muito além dos fatos, mergulhando a fundo no espírito dos personagens, suas ações e comportamentos e seu envolvimento com a história. Os diálogos inseridos ao longo das reportagens ajudam na contextualização dos fatos e na quebra da linearidade da narrativa jornalística. Ventura não se apoiou somente nas declarações das fontes, a partir de sua experiência profissional, permitiu-se

observar suas características, seus papéis e seus interesses na história. O jornalismo apropriou da singularidade do acontecimento para mostrar tudo o que estava por trás dele. Ventura não economizou no uso de recursos criativos, recorrendo aos artifícios literários para flagrar gestos, comportamentos e ações, tudo para trazer para o leitor as nuances da história.

Na apuração realizada pela equipe do *Jornal do Brasil no Acre*, bastava sensibilidade para perceber as falhas nas investigações do caso, em um trabalho jornalístico que requeria tempo e persistência. Quando convidado para ir ao Acre cobrir a repercussão do assassinato do líder sindicalista pelo então diretor de redação do *JB*, Marcos Sá Corrêa, em dezembro de 89, Ventura se perguntou —por que eu?!, já que seus conhecimentos da Amazônia se resumiam à posição geográfica ocupada no mapa. Sá Corrêa explica no posfácio de *Chico Mendes – Crime e Castigo* que ele era o melhor repórter disponível para cobrir o acontecimento que estava sendo reportado em versões conflitantes, com —muito adjetivo e pouca informação confiável (2003, p. 238).

Zuenir —topou com meia dúzia de piadas, como é de seu estilo e foi ao Acre entregar-se aos mosquitos — sua careca que o diga — carregando seu bloco de notas, gravador e máquina fotográfica. —E seu trabalho saiu muito mais sério que a encomenda, como também é de seu estilo, contou o antigo diretor de redação do *JB*. (VENTURA, 2003, p.238)

O jornalista recebeu a seguinte justificativa do convite em viajar para realizar a cobertura: era preciso que o repórter que fosse cobrir o clima tenso que assolava o Acre após a morte do seringueiro tivesse um olhar menos engajado ou comprometido com a causa ambientalista, para que, assim, pudesse dar conta do que aconteceu. Ainda hoje, há no jornalismo ambiental o debate se o bom jornalista deve ou não ser engajado nas questões ambientais. Nesse caso, Ventura era engajado na realização do bom jornalismo, na apuração detalhada e na narrativa bem trabalhada. Quando o jornalismo corre nas veias do repórter e este tem as condições necessárias para realizar a apuração, como tempo, disponibilidade para viagens e deslocamentos e espaço para publicação, existe o cenário ideal para as reportagens ambientais.

O bom jornalismo é aquele que se preocupa em ouvir os dois lados da história, oferecendo ao leitor/ouvinte/telespectador/internauta a chance de formar juízo de valor sobre o assunto em pauta. Mas isso não livra o jornalista de ter sua visão de mundo, suas convicções, seus ideais. Essa visão do trabalho do profissional de

imprensa é maravilhosamente expressa por Marcos Sá Corrêa, no pós-fácio do livro Chico Mendes –crime e castigo, de Zuenir Ventura, quando comenta o trabalho realizado pelo colega deredação do Jornal do Brasil: “(...) Foi ao Acre por 4 ou 5 dias. Ficou um mês. Ao voltar, não trazia só a reportagem que no fim do ano levaria o Prêmio Esso. Trouxe mais. Trouxe um modelo de cobertura jornalística que, sem ter uma linha de isenção, conseguia mostrar todos os lados de uma história que, no fundo, tinha um lado só. E acabou trazendo até a testemunha que poria os assassinos de Chico Mendes na cadeia (...)” (TRIGUEIRO, 2005b, p. 5)

Ventura vai tecendo a trama da série de reportagens sobre as investigações da morte de Chico Mendes como um romance policial. O jornalista viaja até o Acre e conversa com cada personagem envolvido na história, descrevendo os perfis de cada um e como os envolvidos diretamente no caso estão seguindo com a vida sem a presença do ambientalista. Mais do que contar a quantas andavam as investigações do caso, Ventura mostra para o resto do país como é o dia a dia acriano, as motivações e dificuldades na busca pela justiça, evidenciadas nas entrevistas. As pistas levantadas pelo repórter contribuíram para que o processo admitisse novas evidências não descobertas pela investigação policial, como a presença de poderosos mandantes do crime.

Motta procura responder que tipo de mistério está envolvido no desejo de transformar eventos reais em estórias, que embora remeta a questões culturais anteriores ao jornalismo, encontrou espaço na reportagem. São nas reportagens que os jornalistas contam grandes histórias, em narrativas envolventes, com um tempo próprio, diferente da cobertura factual.

Regressamos, para finalizar, à pergunta formulada por Hayden White (1981): que tipo de mistério está envolvido no desejo de transformar eventos reais em estórias? Com a resposta a esta pergunta podemos compreender o impulso cultural não apenas de narrar, mas de dar aos eventos um aspecto de narratividade. A resposta a essa pergunta deve ser buscada na análise das narrativas em geral e particularmente na análise da narrativa jornalística. Ela remete a questões culturais anteriores à reportagem. Remete a categorias mitológicas (os desejos, as esperanças e as negatividades) de que nos fala N. Frye (1999), matrizes que conformam nossas biografias, nossa historiografia, nossa literatura, nossos contos e romances, nossa ciência, nossas leis e o nosso jornalismo. É nesse nível cultural e simbólico que podemos entender as narrativas como mimese em toda sua amplitude: compreender como a arte imita a vida e a vida imita a arte. (MOTTA, 2005, p.15)

A reportagem remete ao impulso de organizar a experiência de forma narrativa. Motta destaca ainda que, segundo psicólogos culturais, a nossa tendência

para organizar a experiência de forma narrativa é um impulso humano anterior à linguagem, ou seja, temos uma predisposição primitiva e inata para a organização narrativa da realidade (J. BRUNER *apud* MOTTA, 2005, p. 2).

Hoje, o Brasil continua no topo do ranking mundial de assassinatos de defensores do meio ambiente de acordo com dados levantados pela ONG Global Witness que reuniu os números entre 2002 e 2014. Em 25% das mortes o crime permanece impune. O jornal espanhol *EL PAÍS* publicou, em abril de 2014, o relatório da ONG com uma conclusão devastadora: o número de mortes não deixa de crescer. Dos 908 casos que a organização pôde documentar em 35 países, 448 foram no Brasil (49,33%).

Já se passaram mais de 25 anos da morte de Chico Mendes, o humilde seringueiro do Acre (norte brasileiro) que se converteu em símbolo internacional da defesa do meio ambiente. E Brasil, o país onde foi assassinado por tentar que os especuladores não destruíssem a Amazônia, continua sendo o local mais perigoso do mundo para os ativistas ambientais. (SEVILLANO, 2014)

Os autores do relatório reconhecem que a informação é escassa e seguramente os dados só mostrem a ponta do iceberg, sendo muito provável que países africanos também estejam sendo afetados, mas a metodologia de trabalho utilizada (baseada em documentação confiável e na verificação dos dados por parte de parceiros locais) não permitiu fazer uma análise exaustiva. Nesse cenário de avaliação, os piores números estão na América Latina e na Ásia. O Brasil, com 448 assassinatos, é seguido por Honduras, com 109, e Filipinas, com 67.

Em 2015, a ONG atualizou os números e 2014 terminou com 21 vítimas a mais do que 2013. O Brasil continua liderando o ranking mundial desse tipo de violência ambiental, seguido de Colômbia (25), Filipinas (15) e Honduras (12) em uma lista de 17 países. A América Latina registrou 87 dos casos. No caso do Brasil, onde a organização contabilizou 477 assassinatos desde 2002, a maioria das mortes está relacionada a conflitos por propriedade, controle e uso de terras, além do corte ilegal de árvores. Não à toa, com cerca de 5.000 km² de área devastada por ano, o desmatamento da Amazônia é um dos maiores do mundo.

Segundo o relatório, a maioria das mortes de ativistas é arquivada sem culpados. “A impunidade é um fenômeno que se vê em toda a América Latina, mas especialmente no Brasil. O número de assassinatos cairia se não houvesse essa impunidade”, lamenta Billy Kyte, autor do documento. A organização

denuncia também a falta de informação oficial e confiável sobre os assassinatos e se arrisca a apontar os culpados que se repetem: grupos paramilitares, policiais, guardas de segurança privados e militares. São eles que apertam o gatilho, mas os responsáveis por contratar essas mortes são os grandes proprietários de terras, que conseguem se manter fora do radar das investigações.

Em agosto de 2013, foi morto, no Brasil, o biólogo espanhol Gonzalo Alonso Hernández. Ele era defensor do Parque Cunhambebe, no Estado do Rio de Janeiro, contra caçadores furtivos e incendiários que buscavam abrir espaço para a criação de gado. Ele foi executado em sua própria casa e teve o corpo jogado em uma cachoeira do parque. A viúva, Maria de Lourdes Pena, afirmou que dois anos depois do crime não há culpados pelo assassinato. “A imprensa brasileira não deu nenhuma importância ao caso e, se não aparece nos jornais, ninguém se importa. Mas ainda tenho a esperança de que o crime perfeito não existe”, disse em entrevista ao *EL PAÍS*.

O relato da viúva de Gonzalo Alonso Hernández reforça o cenário de impunidade e a importância da repercussão dos casos na imprensa para gerar comoção popular e a cobrança de justiça. No caso do assassinato de Chico Mendes, a ida da equipe do *Jornal do Brasil* para a apuração in loco, resultou numa série de nove reportagens, publicadas em oito edições subsequentes do jornal, publicadas sempre no primeiro caderno, de domingo, 30 de abril de 1989, até o próximo domingo, 8 de maio de 1989.

Depois de muito investigar, só restou a Ventura uma pergunta sem resposta. 'Como foi possível nascer no meio da floresta, num pequeno canto verde que cremos mais propício aos bichos e às plantas, um exemplar tão fecundo da espécie humana?'. Para concluir, ficamos com as palavras de Olinto (*apud* CUIAIS, 2010, p. 9): quando o repórter consegue aliar uma técnica rigorosa de apuração ao domínio da linguagem e, acima disso, consegue preservar suas emoções, que são o reflexo de sua capacidade de espanto, ele é capaz de produzir uma reportagem que rompe a barreira do efêmero. A cobertura do assassinato de Chico Mendes e das investigações do crime, que garantiu repercussão nacional e internacional, com destaque para a série de reportagens analisada, colocou o Acre no mapa e as questões da preservação da floresta e dos direitos dos seringueiros na pauta socioambiental do país e do mundo.

Trabalhamos na análise de uma série de reportagens produzida nos anos 80, quando o cenário do jornalismo era bem diferente do atual, no qual, muitas empresas jornalísticas passam por crises financeiras, com demissões em massa e jornais impressos fechando, destino do próprio *Jornal do Brasil*. Um dos objetivos da análise de reportagens premiadas foi mostrar as boas práticas jornalísticas, indicando que o jornalismo ambiental pode ganhar espaço nobre na cobertura diária, especialmente, quando a apuração está em mãos experientes, investindo o tempo e o espaço necessários. Para as próximas pesquisas deixo a sugestão de analisarmos qual o espaço encontramos hoje para essa cobertura dedicada, com investimento de tempo, espaço para uma boa repercussão e condições financeiras para os jornalistas ambientais contarem suas histórias.

Referências bibliográficas

A ONU e o meio ambiente. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acao/meio-ambiente/>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

AGUIAR, João Batista S. **Jovens promovem cobertura colaborativa da COP21, em Paris.** Disponível em: <<https://jornalismoa.wordpress.com/2015/11/26/jovens-promovem-cobertura-colaborativa-da-cop21-em-paris/#more-1431>>. Acesso em: 26 de nov. 2015.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias.** In Alceu — Revista de Comunicação, Cultura e Política – v. 7, nº 3 – jul./dez. 2006. Disponível em <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n13_Aguiar.pdf>. Acesso em: 6 de jun. 2016.

_____. **Representações da crise do meio ambiente no jornalismo científico.** Intercom. São Paulo. 2005. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0338-1.pdf>. Acesso em 6 de março de 2016.

AGUIAR, Sonia. **Análise dos estudos sobre jornalismo ambiental: primeiras incursões.** ECO - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ. 2011. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/9encontro/CC_23.pdf>. Acesso em: 6 de jun. 2016.

AGUIAR, Sonia; CERQUEIRA, Jean Fábio. **Comunicação ambiental como campo de práticas e estudos.** Comunicação e Inovação. São Caetano do Sul: n. 24, v. 13, p. 11-20, 2012. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1474>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Attitudes of European citizens towards the environment. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/eurobarometro-ambiente-pdf-d87957890>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BELMONTE, Roberto Villar. **Jornalismo Ambiental: Evolução e Perspectivas**. Porto Alegre. Agir Azul na Rede, 1997. Disponível em <<http://www.agirazul.com.br/artigos/joriental.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: Explorando além do conceito**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 15, p. 33-44, jan/jun. Editora UFPR. Paraná. 2007. Disponível em: <http://www.jornalismoambiental.org.br/portal/wp-content/uploads/2011/09/Jornalismo-Ambiental_AI%C3%A9m-do-conceito.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

CASSOL, Ivone. **Prêmio Esso e as transformações da reportagem**. Dissertação (Dissertação, Mestrado em Comunicação), PUC/RS. 1997.

CASTILHO, Marcio. **Um patrimônio dos próprios jornais - as escolhas do campo jornalístico sob a ótica do Prêmio Esso**. In: VII Encontro Nacional de História da Mídia, 2009, Fortaleza. VII Encontro Nacional de História da Mídia, 2009.

CASTILHO, Marcio. **Os 'consagradores': a atuação das comissões julgadoras do Prêmio Esso de Jornalismo (1964-1978)**. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE. Set. 2011.

COTES, Paloma. **O homem da floresta**. Época. São Paulo. 2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR61627-6014,00.html>> Acesso em: 14 mai.2016.

CUIAIS, Priscilla Barros Prestes Barbalho, **A grande reportagem: o jornalismo literário de Zuenir Ventura**. 2010. 74 f. (Monografia, graduação) Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DIAS, Robson. **Estado da arte da pesquisa acadêmica sobre prêmios em Jornalismo**. E-compós, Brasília, v.17, n.3, set./dez.2014. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/1025/797>>. Acesso em: 15 jun.2016.

ELIZIÁRIO, Eva Maria da Silva; CATALÃO JR, Antonio Heriberto. **Amazônia em “Chico Mendes: crime e castigo” – uma caracterização dialógica**. Intercom. Boa Vista. 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0265-1.pdf>>. Acesso em: 15 jun.2016.

FARAGO, Cátia Cilene. FOFONCA, Eduardo. **A Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin: do rigor metodológico à descoberta de um**

caminho de significações. Disponível em: <file:///C:/Users/Mariana%20M%20Menezes/Desktop/Mariana/Mestrado/Dissertação/Pesquisa%20para%20dissertação/Análise%20de%20Conteúdo%20na%20perspectiva%20de%20Bardin_CátiaCileneFarago_EduardoFofonca.pdf> Acesso em: 15 jun.2016.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. **Discursos e vozes na cobertura jornalística das COP15 e 16.** Em *Questão*, v. 19, p. 176-194, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/28599>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela. **Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 362-384, set./dez. 2015. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58452>>. Acesso em 15 jun.2016.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MASSIERER, Carina; SHWAAB, Reges Toni Shwaab. **Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da sustentabilidade.** Rio Grande do Sul. UNl revista. Vol.1, nº3. 2006. Disponível em: <<http://www.jornalismoambiental.org.br/portal/wp-content/uploads/2011/09/Pensando-o-Jornalismo-Ambiental-na-%C3%B3tica-da-Sustentabilidade.pdf>> Acesso em: 14 mai.2015.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SHWAAB, Reges Toni Shwaab (org.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões.** Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2008.

JAUSS, Hans Robert; ISER, Wolfgang. **A Estética da Recepção: Colocações Gerais.** In: LIMA, Luiz Costa (Coord. E Trad.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.* 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 67-84.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. 30 abr. 1989 – 7 mai. 1989. Diário. Disponível em: <https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19890430&b_mode=2&hl=en> Acesso em: 5 jul. 2015

LICA. Disponível em: <<http://www.licaufs.blogspot.com.br/>> Acesso em: 01 mai.2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Memória Portal ABJL.** Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalista ambiental em revista: das estratégias aos sentidos**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/21591>> Acesso em: 25 mai. 2016.

MAGNO, Ana. **A agonia da reportagem: das grandes aventuras da imprensa brasileira à crise do mais fascinante dos gêneros jornalísticos: uma análise das matérias vencedoras do Prêmio Esso de Jornalismo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2006. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6641/1/2006_Ana%20Beatriz%20Magno.pdf>. Acesso em: 14 mai.2015.

MARCONDES, Dal.**COP21: Paris lança uma luz ao planeta**. Envolverde. 14 dez. 2015. Disponível em:<<http://www.envolverde.com.br/opiniaocop21-paris-lanca-uma-luz-ao-planeta/>>. Acesso em: 07 jan.2016.

MARTÍN, María. **Brasil continua liderando as mortes de ativistas ambientais**. EL PAÍS, São Paulo. 20 abr. 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/17/politica/1429286071_007327.html>. Acesso em 05 jul.2016.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1. p. 71 - 83 jan./jun. Florianópolis, Santa Catarina.2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>>. Acesso em: 07 jan.2016.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/meio-ambiente/2012/08/pesquisa-revela-o-que-o-brasileiro-pensa-do-meio-ambiente-e-do-consumo-sustentavel>>. Acesso em: 23 mar.2015.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa. Editora Universitária, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. (2005). Análise pragmática da narrativa jornalística. In: Portcom. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>. Acesso em14 mai.2015.

O JORNALISMO EM DEBATE. **O Prêmio Esso de Jornalismo – o que é e como funciona**. Disponível

em: <<https://ojornalismoemdebate.wordpress.com/2012/09/24/o-premio-esso-de-jornalismo-o-que-e-e-como-funciona/>>. Acesso em: 14 mai.2015.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Intercom, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9_%20para%20qu%C3%AA-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf>. Acesso em: 31 out. 2012.

PRÊMIO EXXONMOBIL DE JORNALISMO. Disponível em: <<http://www.premioexxonmobil.com.br/site/home/index.aspx>>. Acesso em: 14 mai.2015.

REDE BRASILEIRA DE JORNALISMO AMBIENTAL. Disponível em: <<http://jornalismoambiental.org.br/>> Acesso em: 01 mai.2016.

SEVILLANO, Elena G. **Brasil é responsável por metade das mortes de ambientalistas**. EL PAÍS, Madri. 15 abr. 2014. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/04/15/sociedad/1397591905_402817.html>. Acesso em: 05 jul.2016.

SILVA, Gislene. SILVA, Marcos Paulo da. FERNANDES, Mario Luiz. (orgs.) **Critérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis. Insular. 2014.

SILVA, Kislana Rodrigues Ramos da. **Literatura e Jornalismo: um estudo sobre jornalismo literário e análise da obra Chico Mendes: crime e castigo de Zuenir Ventura**.2012. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/2281>> Acesso em: 05 jul.2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.

TRIGUEIRO, André (2005a). **Mundo Sustentável – Abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**, Editora Globo, São Paulo.

_____. (2006). **Quando o Mundo Sustentável é Notícia.** Mundo Sustentável. Disponível em: <<http://www.mundosustentavel.com.br>>. Acesso em: 15 mai.2016.

_____. (Org.) (2003). **Meio Ambiente no século 21 – 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**, Editora Sextante, Rio de Janeiro.

_____. **Formando jornalistas para um mundo sustentável.** 2005b. Palestra realizada no I CBJA, Santo/SP. Disponível em: <<http://www.mundosustentavel.com.br/formando.pdf>>. Acesso em: 15 mai.2016.

VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes - Crime e castigo.** São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

_____. Jornalismo e Literatura: alianças e diálogos. In: AZEREDO, José Carlos de. (org.) **Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **O Acre de Chico Mendes – Final - Uma pista para quem se interessar.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 07 mai. 1989. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=1246&dat=19890507&id=WJ8nAAAAIBAJ&sjid=7csEAAAAIBAJ&pg=7023,2639393&hl=pt-BR>> Acesso em: 20 fev.2016.

_____. **O Acre de Chico Mendes – I - Algumas pistas esquecidas pela estrada.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 30 abr. 1989. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=1246&dat=19890430&id=vMciAAAAIBAJ&sjid=0MsEAAAAIBAJ&pg=6963,5074891&hl=pt-BR>>. Acesso em: 20 fev.2016.

_____. **O Acre de Chico Mendes – II - Na terra onde não se chega aos mandantes.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 01 mai. 1989. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19890501&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 20 fev./2016.

_____. **O Acre de Chico Mendes – III - Ilzamar - Uma nova mulher em busca de seu próprio espaço.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 02 mai. 1989. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19890502&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 20 fev.2016.

_____. **O Acre de Chico Mendes – IV - A vida de um homem marcado para morrer.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 03 mai. 1989. Disponível em:

<<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19890503&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 20 fev.2016.

_____. **O Acre de Chico Mendes – V - Onde a Justiça custa a chegar, se é que chega.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 04 mai. 1989. Disponível em:

<<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19890504&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 20 fev.2016.

_____. **O Acre de Chico Mendes – VI - A revolução de armas de um seringueiro.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 05 mai. 1989. Disponível em:

<<https://news.google.com/newspapers?nid=1246&dat=19890505&id=Vp8nAAAAIBAJ&sjid=7csEAAAAIBAJ&pg=7083,1377185&hl=pt-BR>>. Acesso em: 20 fev.2016.

_____. **O Acre de Chico Mendes – VII - Os personagens de um filme de muito suspense.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 06 mai. 1989. Disponível em:

<<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19890506&printsec=frontpage&hl=pt-BR>> Acesso em: 20 fev.2016.

_____. **O Acre de Chico Mendes – VIII - Um sonho que pode ser um sonho, mas não inviável.** Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 07 mai. 1989. Disponível em:

<<https://news.google.com/newspapers?nid=1246&dat=19890507&id=WJ8nAAAAIBAJ&sjid=7csEAAAAIBAJ&pg=7023,2639393&hl=pt-BR>> Acesso em: 20 fev.2016.